LETÍCIA VILLELA LIMA DA COSTA

METÁFORAS DO MOSAICO:
TIMOR LESTE EM RUY CINATTI E LUIS CARDOSO.

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
para a obtenção do título de Doutor em Letras
(Estudos Comparados de Literaturas de Língua
Portuguesa).

Orientador: Mário César Lugarinho

São Paulo
2012

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Costa, Leticia
C837m Metáforas do mosaico: Timor Leste em Ruy Cinatti
e Luis Cardoso / Leticia Costa ; orientador Mário
César Lugarinho. - São Paulo, 2012.
169 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área
de concentração: Estudos Comparados de Literaturas de
Língua Portuguesa.

1. Timor Leste. 2. Identidade cultural. I.
Lugarinho, Mário César, orient. II. Título.

COSTA, Letícia Villela Lima da. **Metáforas do mosaico: Timor Leste em Ruy Cinatti e Luis Cardoso.** Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, com vistas à obtenção do título de Doutor em Letras (Estudos Comparados de Literaturas Língua Portuguesa).

BANCA EXAMINADORA

Examinador:

Julgamento: _____ Assinatura

Examinador:

Julgamento: _____ Assinatura

Examinador:

Julgamento: _____ Assinatura

Examinador:

Julgamento: _____ Assinatura

Examinador:

Julgamento: _____ Assinatura

Para Maria Angela e Régis.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Mário César Lugarinho, pela orientação e confiança depositada em mim; aos professores da banca examinadora e ao Prof. Dr. Peter Stilwell pela orientação durante meu estágio em Lisboa e por ter me disponibilizado o espólio de Ruy Cinatti. Agradeço principalmente à CAPES, pelo apoio financeiro e pela oportunidade de pesquisa na Universidade Católica Portuguesa (Lisboa).

Agradeço também ao amigo Vasco Rosa, que muito me ajudou nas pesquisas em Lisboa; ao autor Luís Cardoso pela entrevista e pela atenção durante minha estada em Portugal; ao amigo Sérgio Aguiar pelo apoio e ao Beto, Livia e Fernanda, a minha família em São Paulo.

RESUMO

COSTA, L. V. L. C. **Metáforas do mosaico: Timor Leste em Ruy Cinatti e Luis Cardoso.** 2012. 169f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2012.

Na construção do discurso ainda incipiente de Timor Leste, Ruy Cinatti e Luis Cardoso são autores fundamentais. Ambos constroem discursos sobre Timor, calcados na necessidade de se pensar as questões identitárias. Com seu caráter multifacetado, Cinatti apresenta uma visão bastante ampla dos timorenses e de seu território, através de sua obra poética e também dos seus inúmeros estudos científicos sobre o local e seus habitantes. Cinatti é, sem dúvida, um dos poucos poetas que articulam ciência e poesia, inaugurando uma nova visão de Timor. É fundamental perceber também como houve, para ele, uma evolução na imagem do timorense, ou seja, como ele deixa de ser um simples elemento exótico, numa paisagem por si só já exótica, e passa a figurar como elemento de destaque. Durante os diversos períodos em que esteve no território timorense, Ruy Cinatti escreveu diversos estudos científicos, além das poesias. A análise de alguns desses documentos complementa a leitura da obra poética do autor. As inúmeras fotos tiradas por ele, bem como os registros em filme, também são elementos fundamentais para a compreensão global do discurso cinattiano acerca de Timor. Ruy Cinatti, assim como o conjunto da sua obra, influenciou o romancista timorense Luís Cardoso, que lança mão da memória para narrar acontecimentos pessoais, sempre ligados a fatos históricos do Timor. Utiliza-se constantemente da memória não-oficial para recuperar a história que não foi registrada. Sua narrativa tem fortes características da literatura oral, com pinceladas de realismo fantástico. O presente trabalho procura traçar um paralelo entre esses dois autores, mostrando como cada um constrói a sua própria imagem de Timor, e perceber como Timor se vai desenhando na narrativa desses dois autores.

Palavras-chave: Timor Leste; Ruy Cinatti; Luis Cardoso; identidade; memória.

ABSTRACT

COSTA, L. V. L. C. Metáforas do mosaico: Timor Leste em Ruy Cinatti e Luis Cardoso (Metaphors of the mosaic: East Timor in Ruy Cinatti and Luis Cardoso). 2012. 169f. Thesis (Doctorate) – Faculty of Philosophy, Literature and Human Sciences, Universidade de São Paulo, 2012.

In the construction of the still incipient discourse on East Timor, Ruy Cinatti and Luis Cardoso are fundamentally important authors. Both build discourses about Timor based on the need to think about questions of identity. With his multifarious character, Cinatti presents a broad overview of the Timorese and their territory, through his poetic work and also through his countless scientific studies about the place and its inhabitants. Cinatti is, beyond doubt, one of the few poets to articulate science and poetry, introducing a new vision of Timor. It is also crucial to perceive how there was, in his case, an evolution in the image of the East Timorese, or, in other words, how he ceases to be a simple exotic element, in a landscape in itself exotic, and then appears as an outstanding element. During the several periods he spent in the territory of East Timor, Ruy Cinatti wrote many scientific studies, in addition to poetry. The analysis of some of these documents complements the reading of the author's poetry. The countless photos he took, as well as records on film, are also crucial elements in an overall understanding of Cinatti's discourse about Timor. Ruy Cinatti, as well as all of his work, influenced the Timorese novelist Luís Cardoso, who makes use of memory to narrate personal events, always linked to historical facts about Timor. He constantly uses the unofficial memory to retrieve the history that was not recorded. His narrative has strong features of oral literature, with touches of fantastic realism. The present work searches to draw a parallel between these two authors, showing how each builds his own image of Timor, and to understand how Timor is pictured in the narrative of these two authors.

Keywords: East Timor; Ruy Cinatti; Luís Cardoso; identity; memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. A METÁFORA DO MOSAICO: A QUESTÃO DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E CULTURAL EM TIMOR LESTE.....	19
1.1 – Panorama histórico	19
1.2- A origem da diversidade linguística e cultural: a invenção de conceitos.	27
1.3 – A metáfora do mosaico	32
1.4 – A presença indonésia em Timor Leste: novos parâmetros	43
1.5 – Um país e duas línguas oficiais: Português e Tétum.....	46
1.6 - A importância da Língua Portuguesa em Timor Leste	48
1.7 – A literatura: Transcrição da experiência dos lugares	53
1.8 – Literatura timorense ou literatura de Timor?	62
2. O TIMOR EM RUY CINATTI	67
3. TRAVESSIAS DA MEMÓRIA OU MEMÓRIAS DA TRAVESSIA	132
CONCLUSÃO	156
BIBLIOGRAFIA.....	162

Foi a paisagem
que me afundou.
A pouco
e pouco
os homens içaram-me.
Milagre? – Não!
Foi só amor.
Assim Timor,
os timorenses.

Ruy Cinatti

INTRODUÇÃO

A República Democrática de Timor Leste (Timor Loro'sae) é uma nação em construção, já que se tornou independente há pouco tempo, mais precisamente em 1999. A produção do arcabouço simbólico que confere à sua população uma identidade nacional ainda se encontra em pleno processo de construção na medida em que, dentre os vários suportes culturais ao seu discurso identitário, a escrita literária é incipiente. No entanto, é possível apontar um romance, a *Crónica de uma Travessia*, de Luís Cardoso, como a narrativa de fundação da literatura timorense, ao lado das obras poéticas e científicas do português Ruy Cinatti (português por nascimento, mas timorense por escolha). É flagrante que esta produção literária pretende a construção de uma identidade nacional e a fixação da memória coletiva.

Após um longo período de estudos de natureza estritamente literária, de alcance muitas vezes restrito, podemos observar uma intensa atividade crítica que se vira para os motivos das transformações experimentadas pela literatura, como instituição capaz de ser entendida como suporte de discursos simbólicos sobre os quais se assentam as identidades das diversas formas de compreensão do termo "comunidade". Sob esse aspecto, conforma-se o par opositivo colonialismo/pós-colonialismo em que se verifica uma dinâmica cultural e histórica, capaz de estabelecer linhas de sentido para os fenômenos da História da Cultura, notadamente a formação de novas nações, nos espaços vazios deixados pelo colonizador europeu na África e na Ásia após o ciclo histórico da descolonização. Tais processos são, hoje, revistos para além da relação opressor/oprimido, convertida pela História no par colonizador/colonizado, em que se verificam os traços de

solidariedade cultural presente em fenômenos históricos que escapam ao “padrão” da história da descolonização. Assim, a revisão das sociedades crioulas, na África e no Caribe, bem como a situação historicamente ímpar experimentada pelas antigas possessões portuguesas de Goa e Macau (sem deixarmos de lado o episódio do colonialismo inglês em Hong Kong), e, principalmente, o quadro histórico específico do Timor Leste, tudo isso indica que o estudo desse conjunto literário implica na consideração das teorias do pós-colonialismo.

Timor Leste é, por natureza, um território muito diversificado, quer do ponto de vista linguístico, quer do ponto de vista cultural, já que as próprias barreiras naturais, como as montanhas, separavam os reinos entre si e, quando da chegada dos portugueses na ilha, por volta de 1515, esses reinos falavam línguas diferentes e tinham costumes e tradições próprias:

No interior de cada ilha, a existência de montanhas, de florestas e de pântanos, por um lado, e a facilidade de praticar uma agricultura e pecuária de subsistência, por outro, levaram a que muitos povos vivessem quase completamente fechados, num curto perímetro, com as suas casas e hortas em terrenos roubados à floresta pela prática das queimadas, rodeados de florestas ou de montanhas, que dificultavam as comunicações. É por isso que na maior parte das ilhas do arquipélago se encontram populações muito diversificadas, quer étnica quer culturalmente. (MAGALHÃES, António Barbedo de, 1999, p. 5-6.).

O comércio, até então feito quase todo por via terrestre, teve um enorme desenvolvimento ao passar a ser feito pelo mar, já que a capacidade de armazenamento em um barco era muito maior do que por meio de carros puxados por animais, além de ser muito mais seguro, pois as florestas e rios ofereciam riscos. Apesar de ser uma ilha, e ser visitada desde cedo por mercadores chineses em busca do sândalo, Timor Leste encontrava-se quase completamente à margem das rotas comerciais.

Portugal demorou a implantar um plano de colonização efetivo em Timor. A distância da metrópole, a falta de colonos, de recursos e o fato de ter sido uma colônia administrada por outra colônia (Goa e depois Macau) são alguns dos motivos para essa demora. O fato é que Timor sempre foi uma colônia deficitária e, conseqüentemente, muito onerosa para Portugal. Podemos dizer que Timor só não ficou completamente abandonado graças aos missionários, que se estabeleceram na ilha por volta de 1556. A partir daí deram-se os primeiros contatos dos timorenses com a religião católica.

O cristianismo foi amplamente divulgado e intensificado devido principalmente à ação dos dominicanos, que se estabeleceram inicialmente nas ilhas de Solor e Flores (1561-1562), passando algum tempo depois para Timor, onde iniciaram numerosas conversões ao catolicismo. Os missionários cristãos estabeleceram uma espécie de governo eclesiástico, que, no entanto, estava subordinado à autoridade da coroa portuguesa. Tais missões duraram até o ano de 1834, quando já se encontravam em decadência, o que culminou com a extinção das ordens religiosas nesse ano.

Portugal só decidiu implementar uma colonização de fato em Timor por volta do século XVII, após as revoltas de certos reinos, contrários à presença portuguesa na ilha. Temendo perder suas possessões principalmente para os holandeses, os portugueses decidiram avançar para o interior da ilha, a fim de marcar território definitivamente.

A história de Timor Leste é marcada por invasões extremamente violentas. Durante a Segunda Guerra Mundial, as tropas japonesas invadiram a ilha, mais precisamente em 19 de fevereiro de 1942, quando Díli foi bombardeada, que iniciaram uma ocupação que durou três anos e foi conhecida como uma das mais sangrentas e destruidoras da história de Timor. Iwamura Shouachi, que comandou

o pelotão japonês em Timor Leste durante mais de dois anos, descreveu os sofrimentos impostos pelos militares:

É doloroso falar hoje dos sacrifícios e fardos que impusemos ao povo do Timor Leste [...] Ordenamos a chefes que mobilizassem pessoas em massa para a construção de estradas [...] para trabalharem sem receber comida ou compensação. Devido à escassez de alimentos, pessoas morriam de fome todos os dias.

A comida para os soldados japoneses e cavalos para transportar munição eram confiscados do povo e alguns soldados da tropa sob meu comando estupraram mulheres timorenses. (In. www.oocities.org/timorlorosae2000/massacre.htm)

Somente em março de 1944 o Japão consentiu que o governo português enviasse a Timor uma missão oficial de inquérito, constituída por militares e funcionários administrativos, com o intuito de analisar a situação timorense. Foi nesse período que Ruy Cinatti, recém-formado no curso de agronomia, ofereceu seus serviços ao então ministro das Colônias, Marcello Caetano. O ministro, entretanto, rejeitou a oferta escrevendo-lhe numa carta: "Meu querido Ruy, a sua atitude religiosa, de devoção e de sacrifício, é necessária ao Mundo, mas não na expedição a Timor que não sei, aliás, se chegará a realizar-se." (CAETANO, apud. STILWELL, Peter, 1995, p. 169.). Quando, em 1946, o ministro Caetano nomeou uma nova administração para Timor, o novo governador, Óscar Ruas, convidou Cinatti para ser seu secretário e chefe de gabinete.

O convite foi prontamente aceito, e ele chegou finalmente em Timor no mês de julho de 1946. A partir daí estabeleceu-se uma relação de amor do autor com a ilha. Tanto que Cinatti dedicou grande parte da sua obra, tanto científica quanto poética, a Timor e passou a ser um grande estudioso e divulgador da cultura timorense. Sua ligação com os timorenses foi tão profunda que chegou a fazer um pacto de sangue com dois *liurais* (espécie de chefes de aldeia),

que fez com que ele fosse considerado um irmão de sangue, e com isso ter acesso a locais secretos.

Todavia, no centro das suas atenções não estavam simplesmente as condições econômicas do território e o aproveitamento racional dos seus recursos materiais. Aquele primeiro período em Timor despertou-o para aqueles que representam o valor essencial da ilha: os seus habitantes, os timorenses.

A identificação de Ruy Cinatti com Timor e os timorenses foi tão grande, que era impossível não relacionar um ao outro, ou seja, pensar em Cinatti sem que Timor aparecesse. A escritora Sophia de Mello Breyner Andresen, sua grande amiga, escreveu um belo texto, onde podemos perceber a forte e indissociável ligação do poeta/cinetista com Timor:

O meu primeiro e inesquecível encontro com Timor foi aquela madrugada em que, ao chegarmos em casa, depois de não sei que festa, mal abrimos a porta da rua fomos surpreendidos por um barulho de vozes e risos. E quando abrimos a porta da sala vimos os nossos filhos – ainda pequenos – e a queridíssima criada Luísa sentados no chão em roda de Ruy Cinatti, que tinha ao seu lado uma mala de onde iam saindo objectos de madeira, caixas, pequenas estatuetas, punhais – e naquela noite de Lisboa cheirava de repente a sândalo. Mal nos vimos, abraçaram-nos com alvoroçada alegria. Depois também nós nos sentámos no chão. O Ruy contou que o avião dele tinha chegado já de noite e ele não tinha tido coragem para ir àquela hora em busca de hotel. Por isso tinha mandado o táxi seguir para a Travessa das Mónicas e disse que ia dormir ali mesmo no chão porque gostava muito do nosso chão. Mas logo a Luísa partiu a fazer-lhe uma cama e fui deitar as crianças tontas de sono e excitação. E de novo me sentei no chão a ouvir as histórias de Timor, das árvores, das flores, dos búfalos, das fontes, das danças e dos ritos. E enquanto falava o Ruy ia mostrando as suas fotografias da maravilhosa mulher de longos gestos e dos homens vestidos com os belíssimos trajes tradicionais – às vezes levantava-se e fazia alguns passos de danças timorenses. E assim ficamos até dez horas. [...]

E um dia trouxe-me um poema que traduzira da língua tétum – chamava-se “Consagração de uma Casa Timorense”. Era um poema sobre a construção de uma casa – uma construção simultaneamente prática e sagrada, pois é a casa onde moram os deuses e os homens, a alma dos antepassados mortos e os seus descendentes vivos. O lugar onde convivem o presente e o passado e o eterno. Uma construção que é, nos materiais e formas usadas, uma técnica meticulosa e rigorosa e, simultaneamente, é, gesto por gesto, uma poética. É onde o espírito religioso estabelece o carácter sacral do quotidiano. Uma construção que é simultaneamente trabalho, canto, dança, grito, consagração e festa. Uma ordenação que é poema vivido rente ao quotidiano. Não posso deixar de citar uma passagem do texto que diz:

Estão atando, amarrando andam,
 atar pontas só, amarrar as bases só,
 atando bem, peso igual.
 Já andam levando, já sustentando aos ombros,
 Levantando aos gritos, levando em algazarra,
 Dançando o Hou-ló, dançando o Herlele,
 Entoando o Sala-makat e o Da'a-doun.
 Cão estrangeiro, galo estrangeiro.
 Cantar o Kolo-kolo e o Bui-muk.
 Levar até vir, trazer até vir,
 Terra plana, terra nivelada,
 Em terra meio, em terra eixo,
 Junto pedra angular, em pátio sagrado
 Colocar plano, pôr ordenadamente,
 O cimeiro seguir um ao outro, o pé um ao outro”.
 (ANDRESEN, Sophia. In. excerto do prefácio a: *À Janela de Timor*, de João Aparício. In:
www.timordonorteasul.blogspot.com.br/2007/06/sophia-a-de-mello-breyner-andresen.html

A invasão indonésia, ocorrida em 1975, também foi destruidora. Durou 24 anos e estabeleceu novas referências. O ensino da língua portuguesa foi proibido, assim como sua veiculação, e o bahasa indonésio foi imposto. Se antes o modelo era Lisboa, passou a ser Jacarta. Muitos timorenses foram formados lá. Entretanto, muitos ainda iam para Lisboa, principalmente para completar os estudos, como é o caso do romancista timorense Luís Cardoso.

A questão da língua portuguesa em Timor é bastante curiosa. Quando os timorenses votaram pela independência do território em 1999, escolheram a língua portuguesa como oficial, junto com o tétum. Dentre as inúmeras razões para tal escolha está, além do aspecto político-estratégico, a inegável identificação que Timor Leste sempre teve com Portugal. Os documentos oficiais do movimento de resistência eram todos em português. Podemos dizer que era a língua de resistência à invasão indonésia.

A língua é um dos mais fundamentais elementos de identificação de um povo. É de se esperar, então, que a produção literária timorense - uma nação ainda em construção, que busca sua identidade - seja em português.

Se adotarmos a ideia de João Paulo Esperança no livro *Brevíssimo Olhar sobre a Literatura de Timor*, teremos duas categorias de literatura em Timor: a chamada literatura timorense, que compreende os autores nascidos no país, mesmo aqueles que se encontram na diáspora, mas que o adotem como tema de seus escritos, e a chamada literatura de Timor, da qual fazem parte os autores não oriundos da ilha, mas que também a têm como tema de suas obras. O romancista Luís Cardoso é um representante da literatura timorense, pois é natural de Timor Leste e, apesar de viver em Portugal, a ilha é tema recorrente de seus romances. Já Ruy Cinatti encontra-se numa posição singular. Era português, mas como desenvolveu uma identificação particular com Timor, se considerava timorense também, por isso podemos dizer que ele se encontra numa zona mista entre as duas categorias.

Ruy Cinatti, com sua ampla formação intelectual, apresentava essa visão interdisciplinar (podemos encarar como interdisciplinar uma visão que integra os diversos saberes, sendo, portanto, aquela onde há inúmeras interseções entre os diversos aspectos observáveis no universo), que se refletia constantemente na sua maneira de

observar o mundo. A interligação de ideias é a base não só de seus textos científicos, mas também de sua poesia. O estudo mais aprofundado de sua obra torna-se fundamental, já que essa concepção integradora, resultado dessa visão, serve para que haja uma melhor compreensão de quem somos e do mundo em que vivemos.

Ao longo deste trabalho, procuro demonstrar como o autor trabalhou com a interdisciplinaridade nos seus textos, privilegiando-se uma leitura acerca dos aspectos ecológicos e humanos presentes na sua obra. Destaco também a atualidade das questões abordadas por Cinatti nos campos ecológico - onde figura como um dos precursores dessa moderna ciência - e político, onde aborda questões que são alvo de discussões até os dias atuais.

Pretendo demonstrar como, através de suas narrativas, Cardoso procura resgatar a tradição oral, instrumento fundamental para a manutenção da cultura de um povo, e também o registro da história não oficial, aquela que ainda não foi registrada. Em *Crônica de uma Travessia*, romance analisado neste trabalho, o autor recupera a história de Timor por meio de suas memórias pessoais.

É um romance autobiográfico, sem ser necessariamente uma autobiografia.

Como a bibliografia a respeito do assunto é limitada no Brasil, houve a necessidade de complementar a pesquisa no exterior. Tive então a oportunidade de estagiar em Lisboa, com duração de cinco meses, sob orientação do Prof. Dr. Peter Stilwell, na Universidade Católica Portuguesa, onde se encontra o espólio de Ruy Cinatti, cujo detentor é o professor acima referido.

O contato com os documentos constantes do espólio enriqueceu de maneira fundamental o presente trabalho. As fotos que aparecerão ao longo desta tese fazem parte desse espólio.

A pesquisa também foi realizada em outras bibliotecas, como as do IICT (Instituto de Investigação Científica e Tropical), a do Museu de Etnologia de Lisboa, onde é possível assistir ao vídeo em 16mm feito por Cinatti em Timor. Todas essas fontes primárias são importantíssimas para uma melhor compreensão de Timor e de como o pensamento científico de Cinatti se desenvolveu.

Realizei uma entrevista com o romancista Luís Cardoso, mais precisamente em junho de 2011, em Oeiras, próximo a Lisboa.

A conversa teve duração de uma hora e nela o autor falou sobre Timor, seus romances e a influência que Cinatti exerceu sobre ele. Trechos da entrevista aparecerão ao longo da tese e na íntegra no Anexo.

Todo esse material adquirido no estágio é valiosíssimo na divulgação do conhecimento acerca de Timor.

Esta tese tem como objetivo principal verificar nesses dois autores, através da análise de suas obras, os recursos discursivos para a construção da identidade nacional, assinalando a fundamental importância da língua portuguesa ao lado da riquíssima diversidade cultural timorense. Como objetivo maior, tem a intenção de divulgar o Timor Leste, esse território tão distante e praticamente desconhecido que, entretanto, tem um elemento de identificação primordial conosco: a língua portuguesa.

1. A METÁFORA DO MOSAICO: A QUESTÃO DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E CULTURAL EM TIMOR LESTE

1.1 – Panorama histórico

A ilha de Timor situa-se no arquipélago das Pequenas Ilhas de Sonda, no Sudeste Asiático e mede aproximadamente 32.300km², sendo a extensão da parte oriental, correspondente ao Timor Leste, aproximadamente de 15.00 km². Seu nome, Timor loro 'sae, - Terra do Sol Nascente - e é de origem malaia.

Figura 1 – Mapa de Timor contendo a parte ocidental, relativa a Timor Oeste e a parte oriental, relativa a Timor Leste.

Não se sabe ao certo a data de chegada dos portugueses a Timor. Entretanto, ela teria ocorrido durante a expedição da armada

do vice-rei da Índia Afonso de Albuquerque, que conquistou Malaca e as ilhas Molucas, no início do século XVI, por volta de 1512. Camões faz referência a Timor em *Os Lusíadas*

Ali também Timor, que o lenho manda
Sândalo salutífero e cheiroso:
Olha a Sunda tam larga que ua danda
Esconde para o sul dificultoso
(CAMÕES, canto X, 134. 1927, p. 484.).

Imagina-se, então, que os portugueses desembarcaram no território por volta de 1515, atraídos pelo mel, pela cera e, principalmente, pelo lucrativo comércio do sândalo, espécie de madeira existente em abundância na ilha. Encontraram uma civilização rudimentar, sem escrita, com sua cultura transmitida oralmente.

Deste modo, os Portugueses, ao atingirem Timor no século XVI, depararam com uma civilização da Idade do Ferro, ainda sem escrita: os Timorenses permaneciam num estágio de evolução idêntico ao da Ásia do Sudeste antes da colonização indiana, em muitos aspectos comparável ao dos Celtas, que no último milénio antes de Cristo invadiram a Península Ibérica. (THOMAZ, Luis Felipe, 1975, p. 419).

No entanto, os timorenses apresentavam uma organização própria e bastante definida. A ilha dividia-se em duas partes, cada uma sob o comando de um régulo, chamado de *liurai*. A província de Survião (correspondente hoje a Timor Ocidental) encontrava-se sob o comando do régulo de Senobai, enquanto a província dos Belos (hoje Timor Leste) era comandada pelo régulo de Behale. Raphael das Dores, em *Apontamentos para um Dicionario Chorographico de Timor*, faz uma espécie de relação dos reinos, apontando a divisão da ilha em duas partes, como se pode perceber na passagem que se segue:

Também a ilha era dividida em duas partes, cada uma d'ellas subordinada a um leoray superior, que governava sobre os outros leorays. A parte Leste chamava-se provincia dos Bellos, era governada por Behale ou Vehale, e sempre tem sido portuguesa, e a parte Oeste chamava-se provincia de Survião, era governada por Senobay, e tendo pertencido aos portugueses foi pouco a pouco passando ao dominio hollandês, a que actualmente pertence na quasi totalidade. Chegou mesmo a haver outros leorays, que tiveram supremacia sobre alguns reinos, mas tal autoridade durava apenas enquanto se achava de acordo nas guerras ou revoltas. (DORES, Raphael das, 1903, p. 4.).

Quando de seu estabelecimento na ilha, os portugueses depararam-se com um território que tinha uma estrutura administrativa e uma organização sociopolítica próprias. Como mostra Felgas:

A ilha de Timor dividia-se em uma série avultada de reinos ou regulados, todos mais ou menos independentes entre si.[...] Cada um destes regulados era governado por um "liurai", a quem os portugueses chamaram primeiro rei e mais tarde régulo, e incluía um certo número de "sucos" cada um deles formado por um dado número de povoações. Tanto o "liurai" como o chefe de suco eram "dató", isto é, príncipes, podendo sê-lo também algum chefe de povoação. Os "dató" formavam uma classe a parte, a da nobreza, e diziam-se senhores da terra, a eles pagando o povo um imposto – o "rai-ten" – que serviria de licença para cultivar dado trato. (FELGAS, Helio, 1956, p. 150.).

Os portugueses tiveram então que se adequar às sociedades asiáticas e obedecer às regras do jogo já preexistentes. (BARRETO, Luis Felipe. In: NOVAES, Aauto (org.), 1998.). Os primeiros contatos com os habitantes da ilha foram bastante limitados. A grande quantidade de línguas nativas dificultou a comunicação; apesar do território diminuto, Timor apresentava diversos grupos com organização e língua própria. Esses pequenos aglomerados, espécie de aldeias (chamadas *knuas*), independentes entre si, faziam com

que os habitantes de cada uma tivessem uma profunda ligação com o território a que pertenciam:

No território de Timor Leste há diversos grupos etnolinguísticos que têm a sua vida profundamente ligada aos respectivos lugares de habitação e aos territórios dos próprios grupos.

O povoamento tradicional de Timor é disperso e aparece na forma de pequenos agregados ou "knuas" (aldeias).

O leste-timorense, em princípio animista, situa-se no Universo de acordo com determinadas tradições (transmitidas oralmente), com os antecedentes ou antepassados míticos do grupo, com uma série de forças ou espíritos e com um forte sentimento de pertença ao seu grupo. (MARCOS, Artur, 1995, p. 16.).

É claro que no século XV o conhecimento acerca da Ásia era bastante restrito e os missionários cristãos, os mercadores e os navegadores europeus tiveram papel fundamental na divulgação dos novos dados acerca dos asiáticos. A ampliação do conhecimento acerca da Ásia pelos europeus deveu-se, sobretudo, à expansão marítimo-mercantil e aos interesses e poderes do Estado e da Igreja:

O Estado, a Igreja, os mercadores, os quadros burocráticos da Coroa, os técnicos de marinharia e, a partir de meados do século XVI, os missionários e os miscigenados luso-indianos, luso-malaio, luso-chineses e luso-nipónicos vão constituir núcleos e redes de ampla e diversa informação asiática. (BARRETO, Luis Felipe. In: NOVAES, Adauto (org.), 1998, pp. 274-275.).

A expansão marítima possibilitou o alargamento do horizonte até então limitado do europeu. Lançar-se ao mar significava desbravar o mundo e, conseqüentemente, descobrir novas culturas e ampliar o conhecimento. Obviamente o interesse não era apenas conhecer novos povos, mas ampliar o Império, realizar uma expansão mercantil e difundir e alargar os domínios da Igreja. De qualquer

maneira, o fato é que as expedições realizadas pelos navegadores acarretaram em uma nova visão da Ásia pelos europeus. Aquelas terras tão distantes e desconhecidas passaram a ser fonte de riqueza e de poder. Sobre esse aspecto, Bonheim aponta que:

Graças à expansão marítimo-mercantil e aos interesses e poderes do Estado, da Igreja e de grupos privados, começa a nascer um novo e mais profundo conhecimento europeu da Ásia. Os portugueses são, até cerca de 1630, o pólo central desta revolução no banco de dados europeu sobre a Ásia. Ao longo de século e meio, no quadro europeu do saber, a Ásia passa de um conjunto de terras distantes e mal conhecidas, enunciadas com os termos Índia-Índias, a uma realidade complexa e plural que se vai conhecendo já através de especialistas de *europeus asiaticizados*. (BONHEIM, Gerd. In: NOVAES, Adauto (org.), 1998. p. 274.).

Mas não foram somente os portugueses que estiveram em Timor. Os holandeses também marcaram presença no território. Insatisfeitos com a União Ibérica, criada em 1580, começaram a se expandir para o Oriente, chegando a Timor em 1595. Com a criação da Companhia das Índias Orientais Holandesas em 1602, houve a disputa com Portugal pelo monopólio dos mares da Índia. Os holandeses tomaram, então, a parte ocidental da ilha, dando início ao conflito que os dois países enfrentaram durante séculos pela divisão do território. Com a chegada dos holandeses a Timor, Portugal decidiu estabelecer uma presença mais significativa na ilha, a que podemos chamar de pré-colonial, onde os portugueses realizavam a construção de fortificações, feita com a ajuda dos nativos, estabelecendo alianças com os régulos para que houvesse proteção mútua e a exploração do comércio. Os holandeses começaram a incitar nos timorenses o sentimento de revolta contra os portugueses, e por isso Portugal passou a enxergar a urgência de um efetivo plano

de colonização e de alianças com os *liurais*, a fim de conter possíveis revoltas que ameaçariam a soberania portuguesa no território.

A disputa entre portugueses e holandeses pelo território timorense acentuou-se, e só se resolveria com um acordo entre os dois países, através de um tratado firmado nos primeiros meses de 1859. Como se pode imaginar, a divisão do território timorense entre os dois países acarretou diferentes delimitações de fronteiras. A partilha deu-se oficialmente em abril de 1859, como está registrado no *Diccionario de Geographia Universal*, citado em *Timor Timorense*:

Pelo tratado de 20 de Abril de 1859 entre Portugal e os Paizes Baixos, fixaram-se os limites entre as possessões portuguezas e neerlandezas na ilha de Timor. Ao N. as fronteiras separam Cová de Juanilo, e ao S. Suai de Lakecune. A E, d'estes limites o território pertence á soberania de Portugal, á excepção de Oikussi. A Portugal ficou pertencendo a pequena ilha de Kaming, e foram cedidos aos Paizes Baixos, os territórios que possuíamos nas Flores e Solor. (MARCOS, Artur, 1995, p. 30.).

A Portugal coube então a parte oriental, conhecida como a região dos Belos e a parte ocidental, conhecida como região de *Survião*, ficou sob a jurisdição da Holanda.

Todavia, houve a necessidade de se fazer uma revisão de fronteiras, já que em território português havia encravamentos holandeses e vice-versa. Os dois governos se viram obrigados a nomear uma comissão mista para resolver a questão. Na nova partilha, os portugueses ficaram com o importante porto de Díli, a capital do território desde que o governador António José Telles de Menezes se viu forçado a abandonar a então capital, Lifau, durante a tomada da parte ocidental da ilha pelos holandeses.

Apesar de terem chegado em Timor no início do século XVI, foi somente no fim do século XVIII que os portugueses iniciaram um efetivo plano de colonização. A essa altura, vários reinos já

começavam a se revoltar contra a presença portuguesa no território; muitas dessas revoltas eram incentivadas pelos holandeses, que tinham interesse na retirada dos portugueses. Esses iniciaram o plano de colonização avançando para o interior da ilha, que era praticamente desconhecido. Para que esse plano tivesse êxito, os colonizadores tiveram que estabelecer alianças com os diversos reinos, os quais deveriam se comprometer a respeitar a soberania do rei de Portugal. Por sua vez, Portugal comprometeu-se a respeitar parcialmente as divisões tradicionais da região, assim como a autoridade dos *liurais*, numa política de não interferência. Em contrapartida, os reinos tiveram que se comprometer a pagar uma finta, ou imposto, à coroa portuguesa.

Houve muitas razões para essa demora na implementação de um plano de colonização em Timor, mas a principal era, com certeza, o fato de Timor ser a colônia portuguesa mais afastada da metrópole. Outra razão era de ordem econômica: Timor era uma das poucas colônias portuguesas que não conseguia financiar a si própria, dependendo sempre de Goa, Macau e Lisboa. Ora, Portugal não era um país rico, como era o caso da Inglaterra e da França, por exemplo. Então, financiar Timor era muito oneroso. A ideia inicial dos portugueses era dominar o comércio do sândalo que nessa época, era controlado pelos chineses. Como Portugal nunca conseguiu dominar esse comércio, o produto deixou de ser tão interessante comercialmente. Era então mais vantajoso para Portugal procurar colônias com maior rendimento econômico.

Com o declínio comercial do sândalo, era necessário encontrar um produto agrícola que o substituísse economicamente. Foi assim que, no século XX, houve a implementação da cultura do café, tendo sido esta uma das principais fontes de rendimento da colônia até 1975.

O fato é que, durante séculos, Timor ficou quase que esquecido pelos portugueses. Segundo aponta Geoffrey Gunn:

Diversamente das colónias de domínio directo, incluindo Angola e Moçambique, onde se estabeleceram colonos, Timor, um posto avançado oceânico, ficou sendo uma zona de extremo isolamento, como o Laos francês ou, no mundo português, a Guiné, onde as formas locais de poder tributário atenuaram o modo de produção colonial e, mais tarde, colonial-capitalista. (GUNN, Geoffrey, 1999, p. 315.).

Devido à sua posição geopolítica, estratégica e também às reservas minerais de ouro, magnésio, cobre etc., assim como reservas de petróleo e gás natural, Timor sempre foi fruto de cobiça. País vizinho, a Austrália começou a dar atenção a Timor quando, em 1947, recebeu relatórios referentes à existência de grande quantidade de jazidas de petróleo no mar. O governo australiano imediatamente tentou entrar em negociação com o governo português a fim de definir a fronteira marítima, com o argumento de que o local onde se encontravam as jazidas estava numa zona que fazia parte da plataforma continental e por isso pertenciam à Austrália. Portugal não aceitou os termos da negociação e entregou a exploração do petróleo a empresas privadas.

A Austrália sempre foi um dos principais aliados da Indonésia, tendo, após a Segunda Guerra Mundial, contribuído de forma decisiva para a independência desta. Por isso, procurou convencer a Indonésia, e o governo de Suharto acabou por ceder 70% do leito marinho entre o Norte do país e a parte ocidental da ilha de Timor, só ficando de fora os 250 Km onde se localizavam as jazidas mais rentáveis, que estavam sob a soberania portuguesa.

Obviamente a invasão indonésia em Timor Leste muito interessava aos australianos, e não foi por acaso que, em 1975, quando houve a invasão do território timorense, a Austrália se tornou

o primeiro país a reconhecer oficialmente a integração de Timor Leste na Indonésia, contrariando todas as resoluções da ONU.

1.2 - A origem da diversidade linguística e cultural: a invenção de conceitos.

Se pensarmos na origem do povo, bem como de suas línguas, depararemos com um quadro bastante diversificado, multifacetado e heterogêneo. Em termos antropológicos, a pré-história de Timor remete ao Paleolítico. As pinturas rupestres encontradas ali provavelmente são desse período. É também dessa época o estrato de quatro etnias que permanecem mescladas na população timorense da atualidade. São elas: o vedo-australóide (c. 700 a.C.); o papua-melanésia (c. 3.500 a.C.); a proto-malaia, que predomina em 60% da população; e cerca de 20% dos habitantes provêm da etnia deuteromalaia.

É de esperar, diante de inúmeras influências raciais, que esse povo se comunique através de diversas línguas. Apesar do pequeno território, Timor Leste possui uma grande variedade de línguas nativas, originárias de diversos grupos:

As evidências linguísticas mostram que o povo que deu origem às línguas timóricas chegou à ilha provavelmente no rio de Laleia, no distrito de Manatuto, cerca de um milênio atrás, e são originários da região onde estão localizadas as ilhas Muna, Butão e Tukang Besi, mais especificamente no sudeste das ilhas Célebes.

As línguas timóricas são descendentes de uma única língua, o proto-timórico, e os processos que geraram as diversas línguas timóricas modernas e suas respectivas reestruturações gramaticais aconteceram num período histórico mais recente, por volta do século XII e, depois, no século XV. (CAMPOS, Giannina Laucas. "A língua portuguesa em Timor Leste: relevância sociolinguística". In. www.filologia.org/viiiifelin/08.htm).

Entretanto, para pensar na origem do povo timorense devemos levantar a seguinte questão: pode o Timor Leste ser considerado como parte do mundo malaio? Para tal, é necessário questionar o próprio termo “malaio”.

Podemos conceber a civilização islâmica em três subdivisões: árabe, turca e malaia. Se entendermos dessa forma, Timor poderia ser considerado islâmico, uma vez que malaio abarca todos os povos do mundo indonésio/malaio, que são muçulmanos. Entretanto, de acordo com estudos recentes, mesmo a categoria “malaio” foi uma invenção colonial britânica. Houve um processo de reconstrução em torno de uma nova e correta definição política e religiosa. (GUNN, 2001).

Timor Leste, apesar de estar inserido na categoria – mesmo que inventada – malaio, assim como outros povos indígenas do mundo malaio, não é muçulmano. Apesar de estar geograficamente localizado em território muçulmano, e mesmo sendo vizinho de Timor Oeste, também muçulmano, o Timor Leste é um país essencialmente católico. Claro que não podemos deixar de relevar, entre outros fatores, a presença portuguesa e a importância do papel da Igreja nesse processo. É interessante refletir sobre as razões que levam a tal fato. Obviamente, a experiência colonial figura aqui como principal fator dessa diferenciação. Surge, então, um paradoxo: apesar de terem origem em raízes comuns e a antropologia e a cultura relacioná-los com a região, os timorenses do Leste e do Oeste têm características diversas. Tais diferenças estão associadas à experiência e aos contatos coloniais e às influências civilizacionais que dividem as duas metades da ilha de Timor e destacam a sociedade timorense das outras sociedades indonésias vizinhas.

Diferentes experiências coloniais trazem em si diversos parâmetros e referências. O fato de ter sido colonizado por

portugueses faz com que as bases culturais, religiosas, políticas etc. de Timor Leste sejam bastante singulares e diferentes dos seus países vizinhos.

Se considerarmos a definição de nação dentro do espírito antropológico, teremos uma comunidade política imaginada, intrinsecamente limitada e ao mesmo tempo soberana. Ela é imaginada no sentido de que mesmo os membros de menores nações jamais conhecerão seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles; ela é limitada porque mesmo a maior das comunidades possui fronteiras finitas, ainda que elásticas, para além das quais existem outras nações; e é soberana, pois o conceito nasceu na época em que o Iluminismo e a Revolução estavam destruindo a legitimidade do reino dinástico hierárquico de ordem divina, onde até os mais fervorosos religiosos tiveram que se deparar com o pluralismo e o alomorfismo entre as pretensões ontológicas e a extensão territorial de cada credo. (ANDERSON, 2009.).

O caso de Timor Leste é ainda mais curioso; podemos até nos arriscar a falar de um conceito inventado dentro de outro conceito já inventado, que é o de "Indonésia".

Para melhor compreendermos tal ideia é fundamental ter em mente que o conceito de Oriente é uma invenção do próprio Ocidente. Na verdade, são dois lados de uma mesma moeda; são dois polos que se complementam, se reafirmam e se modificam incessantemente. A ideia de Oriente só existe a partir da ideia de Ocidente e vice-versa. São processos simultâneos que vêm desde o final do século XV, com a chegada de Vasco da Gama à Índia.

Octavio Ianni lança mão de uma imagem bastante interessante para representar o contraponto Oriente/Ocidente - a dialética dos espelhos, na autoimagem construída no reflexo do outro. (IANNI, 2000). Podemos afirmar que tal contraponto abarca tanto uma

contínua e reiterada afirmação de ocidentalismo como de orientalismo. Nesse contexto afirmam-se e reafirmam-se identidades, singularidades e originalidades, num amplo processo de transculturação, sempre presente quando se trata dos processos civilizatórios envolvidos nesse contraponto Oriente/Ocidente. Podemos entender a transculturação como um processo de troca, ou seja, é um processo onde sempre se dá algo em troca do que se recebe. "É um processo no qual ambas as partes da equação resultam modificadas. Um processo do qual resulta uma nova realidade, composta e complexa." (IANNI, 2000, p. 106).

A transculturação é um processo contínuo e permanente. É através dele que se mesclam e se transformam os meios de pensar e agir, as ideias e os conceitos preestabelecidos. Na realidade, tudo sempre se inter-relaciona, numa constante mutação e transfiguração. As culturas mundiais nunca estão totalmente prontas, acabadas, nem jamais estarão. Ao contrário, elas estão em constante transição, reinvenção e recriação, numa eterna cooperação que culmina no surgimento de novas realidades civilizatórias. Se pensarmos na história moderna e contemporânea, o que encontraremos será sempre movimento, um constante devir, a partir do qual "se experimentam todo o tempo identidades e alteridades, diversidades e desigualdades, fundamentalismos culturais e transculturalismos." (IANNI, 2000, p. 109).

Obviamente, a partir daí os quadros sociais e mentais de referências alteram-se profundamente; os conceitos e realidades preconcebidos do que era ocidental ou oriental vão sendo gradativamente alterados, recriados ou simplesmente abandonados. Fazendo uma análise mais profunda desse contraponto Oriente e Ocidente deparamo-nos com duas configurações geo-históricas diferentes, apesar de complementares.

Ao analisarmos a história mundial, o que vemos é um constante predomínio do Ocidente sobre o Oriente. É a partir de Europa Ocidental que provêm as imposições do mercantilismo, do imperialismo e do colonialismo. É também lá que se origina o capitalismo em todos os seus aspectos. Na virada do século XIX há uma transposição dessas imposições para os Estados Unidos da América, como outra manifestação do ocidentalismo. Ainda seguindo os passos de Octavio Ianni:

O que sobressai, no entanto, no curso da história, é o ocidentalismo impondo-se no Oriente, como um todo em suas diferentes nações e nacionalidades. Desde os primeiros contatos de portugueses, espanhóis, holandeses, ingleses, franceses e outros com os povos, as culturas e as civilizações da Ásia e Oceania, em geral predomina a arrogância e a prepotência, juntamente com a conquista, a ocupação e a exploração. (IANNI, 2000, p. 71.).

Com isso, podemos afirmar que sempre houve um apagamento da memória, da cultura, na tentativa de subjugação de um povo por outro. Tal reflexão vai ao encontro do que diz Edward Said: “A memória, e com ela o passado histórico, é eliminada, como na conhecida e desdenhosamente insolente expressão inglesa ‘*you’re history*’ [você já era]” (SAID, 2007, p. 18).

Não podemos conceber o conceito de civilização como algo fixo ou acabado. Ao contrário, essa não é uma configuração pronta; transforma-se e modifica-se o tempo todo, não só na sua estrutura interna, mas também através das interconexões e intercâmbios com outras formas civilizatórias. Sendo assim, a civilização é produto das relações humanas, das atividades sociais, “um produto da atividade humana coletiva, um amálgama de forças sociais e ideias que adquiriu certa coerência, mas que está continuamente mudando e se desenvolvendo, em resposta a desafios internos e externos” (IANNI, 2000, p. 90). Nesse sentido, cabe dizer que Oriente e Ocidente, por

não serem civilizações definidas, cristalizadas, prontas, fixas, podem ser encarados como dois processos civilizatórios distintos, cada um com sua própria configuração interna, o que faz com que sofram constantes modificações e reconfigurações ao longo do processo histórico.

Todas essas afirmações vêm ampliar o debate acerca do caráter multifacetado da sociedade timorense. Quando chegaram à ilha, os portugueses encontraram uma sociedade organizada em pequenos aglomerados, ou aldeias, independentes entre si, o que fazia com que os habitantes de cada região tivessem uma profunda ligação com o território em que viviam.

1.3 – A metáfora do mosaico

Timor Leste é um lugar onde a metáfora do mosaico se aplica muito bem. De extensão muito pequena, encontramos diversas línguas convivendo entre si. Além dos inúmeros dialetos, temos também o português – língua oficial desde a Independência –, o bahasa indonésio –, língua imposta quando da ocupação do Timor Leste pela Indonésia – e o tétum – língua oficial junto com o português. De acordo com a Constituição da República Democrática de Timor Leste, o português e o tétum são línguas oficiais. A língua tétum possui três dialetos, a saber: o tétum-térik, falado mais no interior e o que sofreu menos influência dos contatos, o tétum-belo, que é falado mais na fronteira com a Indonésia e, por isso, apresenta uma maior influência da língua malaia, e o tétum-praça, que já era utilizado como língua franca em um período anterior à chegada dos portugueses e, posteriormente sofreu grande influência da língua

portuguesa. O tétum -praça é a língua franca mais difundida do território.

Lançando mão da antropologia, podemos fazer uma breve reflexão acerca do conceito de etnia. Um grupo étnico caracteriza-se por um grupo de pessoas que se identificam umas com as outras, baseadas em semelhanças culturais ou biológicas, ou ambas. Assim como os conceitos de raça e nação, o conceito de etnia formou-se no contexto da expansão colonial europeia, quando o mercantilismo e o capitalismo promoviam movimentações globais de populações, ao mesmo tempo que se definiam as fronteiras dos estados mais clara e rigidamente.

Podemos então dizer que etnia é um grupo social cuja identidade se define pela comunidade de língua, cultura, tradições, movimentos históricos e território. Isso quer dizer que falar a mesma língua, estar inserido no mesmo ambiente humano e no mesmo território, possuir as mesmas tradições e referências são fatores que constituem a base fundamental das relações cotidianas. Essa marca transforma-se num dos elementos principais da personalidade e identidade dos indivíduos e define o caráter específico do modo de viver de uma população.

Mas como pensar nesses termos num mundo pós-moderno e globalizado como o nosso, onde as nações, fronteiras e a identidade são cada vez mais conceitos plurais, não hegemônicos, transitórios? Nesse sentido, o próprio conceito de etnia é questionável. Segundo Stuart Hall:

A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costumes, tradições, sentimentos de “lugar” – que são partilhadas por um povo. É tentador, portanto, tentar usar a etnia dessa forma “funcional”. Mas essa crença acaba, no mundo moderno, por ser um mito. As nações modernas são totalmente híbridas culturais. (HALL, 1999, p. 62).

Essa pluralidade causa uma sensação de instabilidade, de desfragmentação, de esmagamento do sujeito. As identidades são múltiplas, assim como os sujeitos. A ruptura que advém daí descentraliza a visão, criando outros centros, inaugurando novos olhares, quebrando paradigmas para criar outros. Há um desenraizamento, uma desterritorialização no sujeito pós-moderno.

O conceito de desterritorialização, proposto por Deleuze e Guattari, deve ser analisado a partir de abordagens conceituais ligadas à sua “raiz”, o território; a desterritorialização, no entanto, só pode ser estabelecida em contrapartida à territorialização. Ao nos desterritorializarmos, acabamos por criar novos territórios, novas fronteiras. Se partirmos do pressuposto de que território é o espaço de estabilidade, de ordem, na desterritorialização temos justamente o oposto: há uma desestabilização que gera uma nova estabilidade, uma nova organização, com novos saberes, novas percepções e paradigmas.

Esse conceito, entretanto, só pode ser largamente entendido se o situarmos historicamente, o que significa alargarmos o debate, especialmente no que tange à experiência espaço-tempo entre a modernidade e a pós-modernidade.

Mesmo que adotemos uma conceituação genérica de território, ligada à ideia de “controle” social do movimento no e pelo espaço, em sentido lato, isto é, ao mesmo tempo como domínio concreto e como apropriação simbólica, nos termos de Lefebvre (ou nos sentidos funcional e expressivo, conforme Deleuze e Guattari), este tipo de controle deve ser sempre histórica e geograficamente contextualizado, ou seja, deve ser visto em sua especificidade espaço-temporal. Trabalhamos aqui com a ideia de que o que denominamos hoje de desterritorialização, muito mais do que representar a extinção do território, relaciona-se com uma recusa em reconhecer ou uma dificuldade em definir o novo tipo de território, muito mais múltiplo e descontínuo, que está surgindo. (HAESBAERT, 2004, p. 143).

Como não se pode viver sem um território delimitado, ainda que imaginariamente, as fronteiras, por mais elásticas que sejam, devem ser (re)definidas. É esta questão que se apresenta: como tornar um algo que é essencialmente múltiplo?

Se não podemos pensar em identidade como algo fixo, imutável, como encarar a identidade nacional? Seria este um processo natural ou artificial? No caso específico de Timor Leste, podemos levantar a questão: independência e identidade nacional estão necessariamente ligadas? Para José Mattoso, essa não é uma relação necessária; independência e identidade nacional complementam-se:

O nascimento de um país novo suscita um problema ao mesmo tempo interessante e difícil, quando se trata de o estudar do ponto de vista da identidade nacional. Pergunta-se, então, se trata de um fenômeno natural ou artificial, isto é, se foi precedido por fenômenos coletivos que obrigam a distinguir o povo do território em causa dos de outros territórios, ou, pelo contrário, se é sobretudo o resultado de um conjunto de atos voluntários decididos por um grupo minoritário de indivíduos. Todavia, o problema não se pode resolver por meio desta alternativa elementar. Por um lado, é inevitável admitir que o fenômeno da identidade nacional tem sempre de se revelar de forma diferenciada: o fenômeno tem graus, o que quer dizer que não há apenas uma forma de identidade; esta pode ser mais clara ou mais obscura, sem por isso deixar de existir. Por outro lado, a proclamação da independência é ela própria um momento muito importante do processo de conscientização coletiva da identidade, embora não seja suficiente para lhe garantir as forças, nem a sua clareza. Por outras palavras, a relação entre independência e identidade não é uma relação necessária; normalmente uma e outra complementam-se, mas a sua interrelação não é mecânica. (MATTOSO, 2001, p. 6).

O conceito de independência, bem como o de identidade, passa, antes de tudo, por uma memória, uma tomada de consciência coletiva. Só se alcança a independência e ela só se solidifica quando

há uma consciência coletiva de identidade: “De qualquer maneira, é necessário reconstruir o processo de interação entre a consciência de identidade e o acesso à independência para poder compreender o fenômeno.” (Idem, p. 6). A memória coletiva é uma peça fundamental nesse quebra-cabeça. É através dela que se resgatam passados e, desta maneira, constroem-se futuros. Para o Timor Leste – um território repleto de perdas de referências simbólicas – esse processo é extremamente fundamental.

A cada invasão de seu território, Timor Leste passou por diferentes processos de desterritorialização/reterritorialização. No contexto atual de nascimento e consolidação do novo país, mais uma vez ele se vê diante do desafio de se reterritorializar, na tentativa de se tornar um Estado soberano. Essa é uma questão fundamentalmente atrelada à língua. Não há como pensar em território sem associá-lo diretamente a uma língua. Para melhor compreendermos a já citada metáfora do mosaico, devemos levar em conta que a sociedade timorense é bastante fragmentada, e sua origem é bastante diversa:

De um ponto de vista antropológico, é a este mundo, ou pelo menos a estas sociedades segmentadas e divididas em numerosos clãs do arquipélago oriental que os timorenses pertencem, embora também seja verdade que os primeiros povos a chegar a Timor-Leste eram originários da Melanésia e de Papua. Do ponto de vista linguístico, recentes investigações confirmaram que as línguas indígenas em Timor-Leste pertencem, quer aos grupos linguísticos austronésios, pré-austronésios ou não-austronésios. Esta investigação sugere que há dezasseis unidades em todo o Timor, sendo que treze dessas línguas são faladas em Timor-Leste. Hoje em dia o Tétum é a língua franca mais divulgada, embora não seja corrente no enclave de Oé-cussi ou entre os falantes de Fataluku, no leste. (GUNN, 2001, p. 17.).

Não podemos também deixar de lado a criação, ao longo do tempo, das comunidades crioulas, que se formaram por todo o arquipélago. Elas são fundamentais na concepção da identidade timorense. Essas comunidades caracterizam-se basicamente por uma cultura híbrida, tanto na culinária como nas vestimentas, religião, nas manifestações artísticas e também linguísticas.

Para melhor compreendermos esse fenômeno do ponto de vista linguístico, devemos pensar na origem da formação dos crioulos. Os crioulos são línguas naturais, que se formaram pela necessidade de expressão e comunicação entre indivíduos que estão inseridos em comunidades multilíngues, onde as línguas maternas apresentaram pouca funcionalidade. Os crioulos resultam, portanto, de uma forma especial de contato entre línguas e procuravam superar essa pouca funcionalidade recorrendo aos modelos da língua socialmente dominante, a fim de formar uma língua veicular simplificada de uso restrito, mas eficaz, o *pidgin*, também chamado de língua de contato. *Pidgin* é o nome que se dá a qualquer língua criada de forma espontânea, através da mistura de outras línguas. Quando se desenvolve a ponto de ser aprendido pelas crianças, de forma nativa, o *pidgin* torna-se uma língua crioula.

As línguas crioulas podem ter várias bases. Há as de base inglesa, que são maioria; as de base francesa, também bastante numerosas; e em seguida temos as de base portuguesa.

A fim de alargar o horizonte de debates acerca das línguas crioulas, especialmente as de base portuguesa, devemos pensar nas grandes navegações. Elas são as principais responsáveis pela ampliação do conhecimento acerca da Ásia pelos europeus. Os primeiros crioulos a se formarem foram os de base portuguesa, por volta do início do século XVI. Posteriormente outros foram surgindo. Foi graças à expansão marítimo-mercantil e aos interesses e poderes

do Estado, da Igreja e de grupos privados que um novo saber sobre o até então desconhecido continente inaugura-se:

O conhecimento é adquirido quando conseguimos encaixar uma experiência nova num sistema de conceitos baseados em nossas velhas experiências. A compreensão vem quando nos libertamos do passado, tornando, assim, possível um contato imediato, direto com o novo e o mistério a cada momento da nossa existência. (HUXLEY, apud. IANNI, 2000, p. 86.).

As línguas crioulas são fenômenos linguísticos bastante antigos, entretanto parecem não ter despertado grandes interesses científicos antes do século XIX. Um dos primeiros estudiosos a se interessarem pelas línguas crioulas foi, curiosamente, um português chamado Adolfo Coelho. Também é interessante ressaltar que essas línguas ficaram quase que esquecidas e, somente no fim da década de cinquenta do século XX, o interesse por elas foi retomado, apesar da sua forte presença no universo do antigo domínio português na África e na Ásia. (PEREIRA, Dulce, 2007.). Podemos afirmar que o surgimento dos crioulos está diretamente relacionado aos descobrimentos, uma vez que esses proporcionaram o contato entre pessoas e línguas desconhecidas. Obviamente os descobrimentos trazem consigo novas relações entre as pessoas. As fronteiras alargam-se e, conseqüentemente, também as relações comerciais modificam-se. No caso dos crioulos de base portuguesa, esse novo contexto cria, por assim dizer, um cenário favorável à criação dessas línguas crioulas:

Os crioulos de base portuguesa nasceram num contexto de relações comerciais e de escravatura em que o português era a língua dominante. Uma vez formados, mantiveram-se, durante séculos, à sombra de línguas de maior prestígio. Uns mais falados do que outros, mas sempre marcados pelas origens, foram remetidos para um estatuto subalterno de que ainda hoje alguns

se estão a libertar, procurando criar condições para a sua oficialização. (PEREIRA, Dulce, 2007, p. 15.).

No centro dessa revolução no banco de dados sobre a Ásia encontram-se, até cerca de 1630, os portugueses, pioneiros na empreitada das navegações. Há, então, uma profunda modificação no quadro europeu em relação à Ásia, que passa de um conjunto de terras distantes e desconhecidas, enunciadas com os termos Índia-Índias, a uma realidade significativamente complexa e plural. (BARRETO. In: NOVAES, 1998). É de esperar, portanto, que tais incursões pelos territórios asiáticos abram uma era de contatos regulares e contínuos entre a Europa e as “novas” sociedades e culturas da Ásia. O estreitamento das relações entre o mundo asiático e o europeu criará nos circuitos da elite europeia uma verdadeira revolução do saber, uma nova era no banco de dados europeu sobre a Ásia. Essa revolução passa necessariamente pela cartografia, que sofre grandes e importantes transformações, pela política, pela sociedade como um todo e, claro, pela língua:

A geografia e a cartografia, as línguas e os sistemas sociais, as religiões e as farmacopéias asiáticas deixam de ser um vazio. [...]. As rotas das especiarias, manufaturas e metais preciosos são também rotas de dicionários, gramáticas, livros e mapas, línguas e tecnologias e toda uma imensa e regular atividade epistolográfica que liga Ormuz, Goa, Cochim, Malaca, Macau, Manila, Nagasáqui à Europa e à América. (BARRETO, In: NOVAES, 1998, p. 275).

Esses novos contatos entre falantes de línguas e culturas diversas, promovidos pela expansão marítima, pelas grandes navegações e pela colonização portuguesas acabaram por facilitar a criação de crioulos. Segundo aponta Dulce Pereira:

A época das navegações e da expansão e colonização portuguesas foi propícia ao contacto linguístico e à

formação de crioulos. As situações sociolinguísticas decorrentes dos diferentes tipos de contacto entre a língua portuguesa e as outras línguas africanas, asiáticas, americanas estiveram na origem de manifestações linguísticas também diferentes. (PEREIRA, Dulce, 2007, p. 49.).

É importante perceber que, ao contrário dos *pidgins*, os crioulos são línguas maternas, o que faz com que sejam considerados símbolos de identidade daquela determinada comunidade, o que explica em grande parte a resistência às subsequentes investidas assimiladoras das línguas de maior poder e prestígio social e cultural, entre elas o próprio português.

Durante três séculos, a língua portuguesa foi largamente veiculada entre as populações marítimas de grande parte do Oriente. Ela se apresenta de diversas formas: com as referências dos viajantes estrangeiros que visitaram aquelas paragens, através de documentos oficiais, com o vocabulário português que passou para muitas das línguas vernáculas daquelas regiões, bem como com as obras didáticas publicadas para o ensino de português concorrentemente com as línguas do país.

Nos séculos XVI, XVII e XVIII os crioulos portugueses eram muito numerosos. Eram a língua de contato, de comunicação dos europeus com os nativos dos diversos países pelos quais passaram, mas também eram faladas pelos europeus entre si quando se expressavam em línguas diferentes. O mais interessante é que essas línguas não morreram totalmente; estão presentes em alguns locais na forma de vários crioulos: os de Ceilão, Malaca e Tugu são os principais. (LOPES, 1969.).

A forte presença portuguesa na Ásia culminou na formação dos crioulos malaio-portugueses.

A Malásia, mais propriamente Malaca, foi possessão portuguesa entre 1511 e 1641. Lá formou-se um crioulo de base portuguesa, o Papiá kristang - língua até hoje falada por um pequeno grupo de

cristãos – que, juntamente com seus falantes, migrou para outras localidades, como Kuala Lumpur e Singapura.

Os portugueses desenvolveram atividades comerciais em vários territórios asiáticos e nestes lugares propagaram-se crioulos muito próximos do Papiá kristang de Malaca.

Sobre essas comunidades crioulas, Geoffrey Gunn aponta que:

Centenas de comunidades deste tipo existem ainda na Indonésia, das Molucas a Menado, às Flores e até Jacarta, em torno do histórico distrito de Tugu. Malaca faz parte deste legado, assim como outras comunidades católicas de forte influência cultural portuguesa nas modernas Malásia e Singapura. Nestas comunidades, foi-se desenvolvendo, ao longo do tempo, uma forma típica de hibridismo entre o Malaio e o Português. Na China, Macau é um caso claramente especial. Mas irei ainda mais longe na minha argumentação, defendendo que existem duas nações crioulas na Ásia do Sudeste, as Filipinas e o Timor-Leste. (GUNN, 2001, p. 18.).

O malaio era, então, o idioma mais difundido no arquipélago e é bem provável que as primeiras comunidades timorenses de grande influência portuguesa tenham sido obrigadas a aprendê-lo. Entretanto, em 1769, há a mudança da capital de Lifau, no enclave de Oé-Cussi, para Díli, o que acarreta na perda de posição desse idioma. Em meados do século XIX, a maioria dos chefes indígenas falava crioulo, enquanto o português começava a entrar no tétum-praça; muitas palavras portuguesas se misturam com o tétum. As palavras portuguesas eram usadas na ausência de termos para objetos inexistentes antes da presença portuguesa.

No subúrbio de Díli, num bairro chamado Bidau, existiu uma variedade de crioulo de base portuguesa, semelhante às de Malaca e de Macau, que era falada pelos moradores dessa região, soldados e oficiais voluntários oriundos da antiga capital, Lifau, e dos estabelecimentos portugueses de Flores e de Solor. No entanto,

atualmente, somente alguns timorenses reconhecem a existência desse crioulo que é identificado como uma variedade mal falada do português, o português de Bidau.

Em *A Ilha Verde e Vermelha de Timor*, o poeta Luís Osório de Castro faz uma descrição desta comunidade:

Unicamente em Bidau, bairro suburbano no extremo ocidental de Díli e habitado pelas famílias dos soldados e oficiais de segunda linha da Companhia de Bidau, é falado um dialecto crioulo-português como língua própria. Será a população o resto dos cristãos, foragidos da nossa primeira e abandonada capital de Lifau, no enclave de Oé-Cussi, misto de portugueses, goeses, moluqueses, malaqueses e de conversos de Larantuca. (CASTRO, Luís Osório de, 1996, p.94.).

Assim como a identidade malaia, a identidade timorense é uma construção. Nesse sentido, podemos destacar o papel da língua como elemento de afirmação e identificação. Com a ocupação do Timor pela Indonésia, o ensino e a veiculação da língua portuguesa são proibidos; o bahasa indonésio é imposto, o que acaba por acarretar numa nova visão de mundo. A língua portuguesa acaba por transformar-se num elemento de resistência contra a ocupação indonésia. A seguir, trataremos mais especificamente desses pontos.

1.4 – A presença indonésia em Timor Leste: novos parâmetros

Dominada pela Índia no início da Era Cristã e islamizada a partir do século XV, a Indonésia foi ocupada por portugueses, que estabeleceram centros comerciais no século XVI. No século seguinte foi conquistada pelos holandeses, tornando-se uma colônia da Companhia das Índias Orientais Holandesas.

Durante a Segunda Guerra Mundial, mais precisamente em 1942, o Japão ocupou a Indonésia. Em 1945, o líder nacionalista Sukarno proclamou a sua independência. Os holandeses tentaram restabelecer o domínio colonial, mas, depois de quatro anos de guerrilha e da ameaça de retaliação econômica por parte dos Estados Unidos da América, reconheceram-lhe a independência em 1949.

A Indonésia independente começou uma política expansionista, reclamando em primeiro lugar os resquícios de influência inglesa e holandesa no Sudeste Asiático. Em agosto de 1962, as Nações Unidas referendaram a anexação da Nova Guiné Ocidental e do Oeste da ilha de Timor, que, por sua vez, também reclamava sua parte oriental.

Com o intuito de evitar o processo de descolonização que já vinha afetando as outras potências europeias, Portugal modifica, em 1951, sua Constituição, da qual desaparecem as palavras “colônia” e “Império”, substituindo-as por “províncias ultramarinas” e “ultramar”. A parte oriental de Timor passa então a ser uma “província ultramarina” de Portugal a partir de 1957. Essa situação permanece até 1974, ano da Revolução dos Cravos, a qual foi empreendida por um grupo de militares que pôs fim ao regime totalitário de Salazar, em vigor havia mais de quarenta anos no país. A partir desta revolução, acentuou-se o processo de descolonização dos territórios administrados pelos portugueses, provocado pelas guerras de

resistência ao governo, especialmente nos países africanos, como Guiné-Bissau, Moçambique e Angola.

Ao contrário do que sucedera nas outras colônias, em Timor Leste não havia um movimento armado contra a presença portuguesa. A revolta mais acentuada foi a do povo maubere, em 1959, logo abafada pelos colonizadores.

Em 1975, depois da retirada de Portugal, a Indonésia, a essa altura governada pelo regime anticomunista de Suharto, ocupou o território timorense, anexando-o em 17 de julho de 1976 e transformando-o em sua 27ª província. Os indonésios impuseram sua língua, o bahasa indonésio. Nas palavras de Gunn:

É óbvio que 24 anos de ocupação indonésia constituíram uma ruptura significativa nos 500 anos de História de contactos europeus [...]. Através da linguagem, especialmente, e em consequência do sistema escolar indonésio, os habitantes de Timor-Leste foram esclarecidos acerca da sua identidade indonésia. Escusado será dizer que a História de Timor foi, sem transição, incorporada na História nacional da Indonésia. [...] a identidade timorense era sempre altamente contestada [...] escusado será dizer que o encerramento da última escola portuguesa em Díli, no rescaldo do massacre de Santa Cruz, em novembro de 1991, o português se tornou uma língua proibida. Efectivamente, sob o regime indonésio, o baasa indonésio tornou-se o idioma oficializado e língua franca, pelo menos entre os timorenses e não-timorenses. (GUNN, 2001, p.22).

O português Ruy Cinatti, poeta, antropólogo e silvicultor que viveu muitos anos em Timor Leste e dedicou grande parte de sua obra literária e científica à ilha, alertou para uma possível invasão indonésia no território. Nas suas palavras, "Timor continua a ser fruto cobiçado pela Indonésia, e será, decerto, o objecto sequente à resolução do problema da Nova Guiné Holandesa." (CINATTI, Ruy. apud, STILWELL, Peter, 1995, p. 216).

Obviamente, essa nova condição estabeleceu outros parâmetros linguísticos e sociopolíticos e o conceito de Estado foi alterado. Timor, que por anos ficou quase que esquecido por Portugal, passou a ter outras referências sociais, políticas e linguísticas. Houve, obviamente, uma substituição da antiga administração por uma nova, aos moldes indonésios. Geoffrey Gunn, em "A ocupação indonésia em Timor-Leste" aponta que: "Correspondendo ao *status* de 'província' indonésia, dentro dos planos de Jacarta, Timor Leste era obrigado a aceitar toda a parafernália do aparato administrativo e político da Indonésia, além de códigos de comportamento, rituais burocráticos e a ideologia de sustentação nacional". (GUNN, In: SILVA e SIMIÃO, 2007, p.42).

Onde Portugal demorou em estender sua presença para além do nível do *suco*, a Indonésia entrou com todo o aparato da mídia de massa, incluindo apresentação de filmes, exposições, mídia impressa, rádio e televisão, sem mencionar a imposição de uma nova língua e de um novo conceito de Estado ao povo timorense. (GUNN, Idem, p. 50).

Essa dominação propagou-se, como era de esperar, nas mídias e na educação. O ensino da língua portuguesa foi proibido nas escolas, bem como os livros em português. A imprensa e a literatura são importantes veículos de comunicação e informação, e é também através deles que se torna possível a manifestação das propostas de nacionalismo. Controlar essas produções é uma maneira bastante eficaz de subjugação:

Grandes esforços foram feitos pelos indonésios para eliminar a mídia em língua portuguesa de Timor Leste. Parecia, pelo menos superficialmente, que a posse de um livro em português constituía crime sob o regime indonésio. Os únicos livros que podiam ser encontrados em Díli durante o regime indonésio eram de origem indonésia e geralmente voltados para suprir as necessidades curriculares de as crianças serem

obrigadas a frequentar as escolas indonésias locais. (GUNN, In: SILVA e SIMIÃO, 2007, p. 50).

A língua é um elemento fundamental de identificação de um povo, por isso sua imposição acarreta novos valores e visões de mundo. No caso timorense, houve a transferência de hierarquia educacional: se antes era Lisboa, passou a ser Jacarta. Toda uma geração de timorenses foi formada nas universidades indonésias, o que alterou fundamentalmente o horizonte mental de um povo subjugado:

Além de propagar uma visão de mundo essencialmente centrada em Jacarta, é importante notar a função da língua indonésia como condutora de uma cruzada cultural indonésia. Ao substituir o português, o indonésio se tornou a língua impressa dos timorenses, já que, na sua maioria, as línguas indígenas de Timor eram – e ainda são – línguas orais. (GUNN, Idem, p. 51.).

Podemos afirmar, sem medo de exageros, que sempre houve uma tentativa de apagamento da memória e da história timorenses, um povo que, após tantas invasões, teve que, constantemente, se reinventar e se reconstruir, a fim de buscar sua própria identidade.

1.5 – Um país e duas línguas oficiais: português e tétum

Língua franca é aquela que funciona como intercurso para os falantes de línguas diversas. É ela que garante as relações entre esses falantes.

Entre todas as inúmeras línguas faladas em Timor Leste, o tétum já vem, desde muito tempo, sendo utilizado como língua franca ou língua veicular. Podemos, portanto, afirmar que a escolha

do tétum como língua franca aponta para uma coesão, para uma marca identitária. Ela é, então, um elemento de ligação, de identificação, de unificação.

Há que se destacar a presença e consequente influência dos missionários nesse fato:

A posição do tétum como língua franca foi consolidada pela presença dos missionários, que, ao aceitarem a conversão ao catolicismo da rainha de Mena e família (1640), da rainha viúva de Lifau e família (1641) e depois da rainha de Luka (1641), reinos falantes de tétum, quando Timor era devastado pelos malaios e mouros de Makásar, adotaram o tétum como língua de missionação, de oração e de catequese. [...] Todo o timorense, com a exceção das zonas de Lautén e Oekusi, anterior à invasão, além da língua do grupo onde nasceu e aprendeu a falar, a sua língua materna, quando entra em contacto com os outros grupos estranhos ao seu, tem que usar o tétum como língua de intercâmbio comercial e social – em suma, como língua veicular. Assim sendo, o tétum funciona como língua de coesão nacional, sendo, ao mesmo tempo, fator de identidade de todos os leste timorenses. (COSTA, 2001, p. 61).

A partir daí podemos calcular a importância do tétum na formação da identidade nacional timorense, bem como nas razões de sua escolha - juntamente com a língua portuguesa - como língua oficial. Isso quer dizer que, além de ser uma língua franca, o tétum é também a língua oficial, ou seja, é a língua do Estado. Para além disso, podemos dizer que o tétum é um fator de coesão, de identificação, o que em tempos remotos não acontecia; as pessoas não falavam tétum porque não tinham o costume de se deslocar. Ironicamente, a guerra trouxe, de certa forma, uma união, pois devido a ela houve mais deslocamentos de pessoas, que tinham que se comunicar entre si e para tal tiveram que aprender o tétum:

Nós falamos o tétum e falamos português, ou o bahasa, mas se quiser entrar mais, ele vai dizer: “Na nossa zona de Los Palos, nós falamos o fataluku.”. Mas a identificação será sempre o tétum. Antigamente, quando eu andava lá com meu pai em Los Palos, nos tempos dos portugueses eles não falavam o tétum. Falavam português muito bem e falavam fataluku. Agora quase todos os fataluku falam tétum, porque a guerra permitiu que as pessoas se deslocassem de um lado para o outro, que antigamente não podiam. Todo indivíduo que saísse da sua zona tinha que levar uma guia de massa. As pessoas chegavam a Dili e perguntavam: guia de massa? Estavam lá os inspetores. Se não tivesse a guia, eram recambiados outra vez para a zona de onde eram.¹

1.6 - A importância da língua portuguesa em Timor Leste

A língua traz em seu si questões sociais, económicas, políticas. Falar uma língua não significa apenas decifrar os códigos nela implícitos, mas estar inserido numa determinada cultura, ser capaz de fazer relações internas e externas; ou seja, ser falante de uma língua implica fazer parte de uma comunidade, em todos os seus aspectos:

Podemos dizer que uma Língua resulta sempre de uma duradoura comunidade económica, política e social [e, inversamente, contribui para o crescimento de tal comunidade], pelo que a língua se afigura, de facto, como um importantíssimo elemento de coesão nacional. Mas, além disso, ela é criadora de um sentimento identitário que, mais do que nacional, é individual. Poderíamos, a este respeito, lembrar aqui Pessoa e a célebre expressão *A minha Pátria é a Língua Portuguesa* ou a interpretação de Mia Couto sobre a mesma expressão *A minha Pátria é a minha Língua Portuguesa* para relembrarmos que a língua [e aqui

¹ Entrevista concedida por Luis Cardoso à autora desta tese, realizada em junho de 2011 em Oeiras, Portugal.

quando falo de Língua estou a falar de Língua materna] é o lugar onde cada um vê o mundo. É através dela que aprendemos a estruturar o real, aquilo que está à nossa volta e com que lidamos desde que nascemos. (ANTUNES, In. SEIXAS e ENGELENHOVEN, 2006, p.133.).

Surge então uma questão bastante interessante quando pensamos na opção dos timorenses pela língua portuguesa como oficial: a língua portuguesa não é a língua materna dos timorenses. Para uma melhor reflexão acerca desse aspecto, devemos pensar, primeiramente, numa questão prática: a elite quer se tornar independente, para isso precisa de uma língua que seja um elemento de nacionalidade. Como, em relação ao tétum, quase nada havia sido feito para fixa-lo, a opção pela língua portuguesa veio quase que naturalmente. Além disso, a língua portuguesa tinha um forte caráter de resistência à ocupação indonésia. “A língua é um fator de identidade e parte importante da herança cultural de um povo. No caso do povo de Timor Leste [...] a língua é também uma das formas de resistência civil, de diferenciação perante o invasor [indonésio]. (ESPERANÇA, João Paulo T., 2001).

A língua portuguesa já está presente em Timor há séculos. Começou a marcar presença desde a evangelização, com os dominicanos, em 1640, com a implementação do ensino, quando houve a transferência da capital, Lifau, Oé-cussi, para Díli.

Segundo o recenseamento feito em 1997, 2% dos 857 mil habitantes de Timor Leste falam português, não incluindo os 15 mil timorenses na diáspora.

É fundamental perceber que, devido principalmente às constantes invasões de seu território, os timorenses têm que constantemente se reinventar, assumindo múltiplas identidades e formando-se, assim, um mosaico linguístico. Entretanto, o português assume grande importância na construção e “invenção” de uma

identidade, pois estava presente há mais de 400 anos e durante muito tempo foi encarado como um elemento de resistência.

É importante frisar que a língua portuguesa foi escolhida como oficial. João Felgueiras afirma, a respeito dessa questão, que:

A Língua Portuguesa estava tão arraigada já de séculos em Timor, que a destruição resultante da invasão fez despertar no Povo a sabedoria para a transformação numa arma eficiente de defesa e de resistência. Em outubro de 1975, dizia-me, no Quartel-General de Taibessi, o líder Nicolau Lobato: "Nós escolhemos como Língua Nacional de Timor a Língua Portuguesa" (FELGUEIRAS, 2001, p. 46).

Como já foi dito anteriormente, falar uma língua é um processo bastante complexo. Implica assumir certos valores, características, bem como dominar códigos extralinguísticos. É estar arraigado à cultura. Como afirma Lilia Moritz Schwarcz na introdução de *Comunidades Imaginadas*, de Benedict Anderson, "Por meio da língua, que conhecemos ao nascer e só perdemos quando morremos, restauram-se passados, produzem-se companheirismos, assim como se sonham com futuros e destinos bem selecionados". (SCHWARCZ, In. ANDERSON, 2009, p. 14.).

Podemos afirmar que passar a expressar-se em português – e isso inclui, obviamente, a literatura – é bem mais que a simples escolha de um idioma: é a reação a tantos anos de subjugação e integração forçada. Como aponta Benjamin Abdala Júnior:

A língua do antigo colonizador tornou-se assim, nessa ambiência de marcada polarização política, veículo de expressão libertária contra o genocídio físico e cultural promovido pela ditadura indonésia, que invadiu o país em 1975. Com agressividade correlata àquela que forçou pelas armas o deslocamento de cerca de um terço da população, essa política colonialista totalitária da Indonésia exerceu-se até o momento atual de intervenção da ONU contra os valores culturais dos múltiplos grupos etnolinguísticos da nação maubere e

também contra setores, sobretudo citadinos, de fala portuguesa. Expressar-se em português no Timor Leste, nesse sentido, tornou-se símbolo de identidade nacional dos mauberes e um índice de subversão para a repressão política indonésia, que chegou a proibir até o ensino da língua portuguesa nesse país. (ABDALA JUNIOR, In. GARMES, Helder, 2004, p. 107).

É interessante pensar nas razões da escolha da língua portuguesa como oficial, bem como o porquê da sua manutenção em Timor. As línguas nativas eram todas, essencialmente, orais, e daí a necessidade de uma língua com registros escritos.

A escolha de uma língua oficial passa por questões culturais, sociais, mas, sobretudo, por questões políticas. Obviamente, a opção pela língua portuguesa teve caráter geopolítico estratégico. A língua portuguesa foi escolhida como oficial por ser a melhor estratégia para Timor. Essa escolha constituiu uma mais-valia: ao optar pela língua portuguesa, o Estado timorense diferencia-se dos outros estados vizinhos. Além disso, é importante ressaltar que se a língua oficial fosse somente o tétum, fatalmente o inglês ou o bahasa indonésio tomariam conta de Timor. Em um trecho da entrevista, Luis Cardoso discorre sobre essa escolha pela língua portuguesa:

É uma questão político-estratégica para Timor. Um Estado falar português é mais vantajoso do que falar bahasa politicamente. Isso permite manter uma identidade e a coisa mais correta que se fez foi isso. Não é do ponto de vista saudosista, como muitos portugueses pretendem fazer crer, “eles gostam de nós, têm saudades de nós”. Não! Os timorenses, quando escolheram sabiam por que queriam aquilo, porque queriam a língua portuguesa. Do ponto de vista da sobrevivência do Estado timorense, foi o melhor que se podia fazer. Se tivessem utilizado a língua inglesa também seria pior, porque a Austrália estava ali ao lado, passado o tempo e Timor ainda não tinha essa identidade com a Austrália.²

² Entrevista concedida por Luis Cardoso à autora desta tese, realizada em junho de 2011 em Oeiras, Portugal.

Taur Matan Ruak aponta quatro fatores para esse fenômeno:

Quando nos debruçamos sobre as relações entre a língua portuguesa e a Frente Armada em particular, veremos que quatro factores estiveram na base da manutenção dessa língua: primeiro, a presença da classe dirigente lusófona; segundo, por ser a única língua ortograficamente desenvolvida; terceiro, porque era a nossa língua oficial definida desde sempre; por último, porque era uma das armas para contrapor à língua malaia no âmbito da luta cultural. (RUAK, 2001, p. 41).

Em entrevista à “Revista Camões”, Geoffrey Hull aponta que, para os timorenses, o português não é visto como a língua do colonizador. Apesar da longa ocupação indonésia e da consequente imposição do bahasa indonésio, o português ocupa um lugar bastante singular, já que é parte da cultura timorense e tem uma função importante na construção da sua identidade:

O povo de Timor-Leste tornou claro que valoriza o Português como elemento essencial e inalienável da sua identidade nacional; os indonésios tentaram impor a sua língua e falharam. O facto de o Português ter sobrevivido à perseguição que lhe foi movida prova que é parte integrante da cultura nacional (ao contrário do holandês que desapareceu completamente da Indonésia depois da independência). Neste sentido, o Português não pode ser considerado uma língua “colonial”, mas sim um a língua livremente adoptada. Os linguistas sabem bem que o Tétum e o Português coexistiram num relacionamento mutuamente benéfico e que o Português é o suporte natural do Tétum no seu desenvolvimento continuado. (HULL, 2001, p. 88).

O processo de construção de uma nação é bastante complexo e com a língua não é diferente. Na verdade, ele nunca acaba e está em constante movimento e transformação. Mesmo estando presente há séculos e arraigada na cultura timorense, a língua portuguesa em Timor ainda está sendo construída. Faz parte do processo identitário

o estabelecimento de uma língua que identifique seus falantes portanto, a necessidade de se fazer um “português com a cara do Timor”, ou seja, criar uma outra variedade de português mesclado com o tétum. Para que isso se consolide, é fundamental a difusão da língua tanto na imprensa – falada e escrita - quanto na literatura.

1.7 – A literatura: Transcrição da experiência dos lugares

As fontes literárias são um material muito rico de informações sobre lugares e épocas. As narrativas de viagem sempre constituíram uma fonte preciosa, pois fornecem testemunhos e compilações de primeira mão sobre países e culturas remotas. Sobre o Brasil, podemos apontar as narrativas do século XVI, como a *Carta a El Rey D. Manuel*, de Pero Vaz de Caminha, e *Viagem à Terra do Brasil*, de Jean de Léry.

Mas tais narrativas não se limitaram apenas ao Brasil e às Américas, tampouco terminaram no século XVI. Na realidade, elas existem até hoje. Sobre o Oriente, temos também inúmeros viajantes que se preocuparam em fazer um inventário dos “outros” não europeus. Como exemplo, podemos citar, já no início do século XX, o navegador francês Alain Gerbault, autor de *O Navegador Solitário*, que narra suas viagens pela Polinésia a bordo de um veleiro, e de *Em Busca do Sol*, relato de viagem de circum-navegação. Nas suas peregrinações, Gerbault esteve em Timor e acabou por morrer lá. É claro que Gerbault muito influenciou o então jovem Cinatti.

A leitura de seus livros narrando suas aventuras serviu de fonte de inspiração, como Cinatti mesmo aponta:

De Alain Gerbault, o navegador solitário e autor de alguns dos livros que mais influenciaram a minha juventude, basta dizer que a ele devo o sonho mais tarde realizado com a minha ida para Timor. Falecido em Díli pouco antes da invasão japonesa, em 1942, fui encontrar o lugar do seu enterramento indicado apenas por uma cruz etiquetada. Fiz-lhe uma campa simples e coloquei-lhe à cabeceira duas estelas, uma com a transcrição do que seria sua última vontade expressa no *L'Évangile du Soleil*, e outra com a de uns versos meus alusivos. Mais tarde, julgo que em 1949, o "*Dumont d'Urville*", cruzador francês, reconduziu os seus restos mortais para Bora-Bora, ilha de Tahiti, na Polinésia Oriental, embora ultimamente tenha ouvido versão de que ainda continuam em Timor, sendo outrem os ossos exumados. Em 1956, fui deparar com as duas estelas no Museu da Marinha, em Paris, e, em 1958, dediquei-lhe o poema publicado em *O Livro do Nómada meu Amigo*. (CINATTI, 1992, p. 560.).

Cinatti dedicou um poema ao navegador solitário, transcrito abaixo:

VISÃO

Para Alain Gerbault

Levanto as minhas mãos repletas de água.
 Amanheceu!
 Sonho no mar sereias: algas,
 Corais limosos... Eu acordava
 Entre aguaceiros límpidos. Pinhais,
 Pássaros, flores, penumbra e arcada de árvores
 - Momento
 Que ao de leve anotava.
 Serenamente explorava
 Apelos e miragens.
 Era o mar cheio de estrelas,
 Barcos partindo para o não sei onde.
 Ondulações magnéticas, antenas,
 Ansiedade...
 Eram ilhas
 Hercúleas: coroas
 Vegetais sobrenadando
 Altos castelos submersos e, apenas
 ("Sepultem-me no mar, longe de tudo")
 Alain,

Entre valas, velas e gaivotas.
Levanto as minhas mãos repletas de água.
Amanheceu!
(CINATTI, 1992, p. 105).

O mais importante é ressaltar que essa chamada literatura de viagem contribui para a construção de uma nova visão do espaço, aqui sendo visto como objeto da história. Há um deslocamento do eixo, do centro, que passa a não ser mais a Europa, e sim as outras terras desconhecidas, como as Américas ou o Oriente. Entretanto, devemos também levar em conta que o Oriente é uma invenção da própria Europa; ele não é tão somente adjacente à Europa – as maiores, mais ricas e mais antigas colônias europeias se encontram no Oriente. Podemos afirmar que, com o contraste de ideia, personalidade e, sobretudo, experiências, o Oriente contribui para a definição de Europa e de Ocidente. “O Oriente era praticamente uma invenção europeia e fora desde a Antiguidade um lugar de episódios romanescos, seres exóticos, lembranças e paisagens encantadas, experiências extraordinárias” (SAID, 2007, p. 27).

Oriente e Ocidente são, portanto, conceitos complementares e um não pode existir sem o outro. Inclusive, é justamente no contraste com o Oriente que o Ocidente toma forma e fortalece sua imagem.

Esses relatos de viagem são de notória importância para o estabelecimento de uma nova ordem, bem como para as ideias de Oriente/Ocidente, através da mudança de olhares resultantes da des(re)territorialização. É por meio desses inventários que as chamadas colônias e metrópoles têm algum tipo de aproximação. Ao se embrenharem nessa cultura outra, os viajantes fornecem material riquíssimo acerca do espaço vivido. Na introdução de *O Navegador Solitário*, Alain Gerbault ressalta:

Este livro é necessário. É o único meio de influência real de que posso lançar mão para chamar a atenção do público e do governo, nem sempre a par do que se passa em nossas longínquas possessões. Longe de mim, porém, o papel de um acusador sistemático da civilização, da cristianização e da colonização, que é preciso não confundir com minha repulsa à europeização perigosa e nefasta para os polinésios. (GERBAULT, Alain, 1937.).

Nesse sentido, podemos pensar no papel fundamental do romance e da poesia, ou melhor, da literatura, como transcrição da experiência dos lugares, já que ela está associada desde o início aos trabalhos sobre o espaço vivido, um campo que, por excelência, dá lugar a inúmeras investigações. A literatura é, portanto, uma preciosa fonte de investigação e informação, com a incrível capacidade de “avaliar a originalidade e a personalidade dos lugares (*sense of place*), fornecendo exemplos eloquentes de apreciação pessoal de paisagens.” (BROSSEAU. In: CORRÊA e ROSENDAHL, 2007, p. 21).

O processo da globalização é irreversível e traz consigo uma profunda crise das categorias de tempo e espaço, atrelada à crise do sujeito. Numa sociedade pós-moderna, o tempo perde linearidade, torna-se fragmentado e cada vez mais comprimido. Concomitante à crise da categoria tempo, temos a crise da categoria espaço, cujos referentes se perdem no cada vez mais crescente processo de globalização. Segundo Andreas Huyssen, a emergência da memória é uma das preocupações centrais das sociedades ocidentais; essa valorização da memória está profundamente ligada ao redimensionamento da categoria espaço. (LUGARINHO, 2004). Não podemos negar que essa crise, de alguma maneira, está associada à desterritorialização. Há, portanto, uma contínua reconfiguração espaço-temporal, uma redefinindo a outra.

Com a ruína da ideia de progresso, tão característica da pós-modernidade, há a perda da inteligibilidade da história. Cria-se, então, a necessidade de dar sentido ao presente para que haja uma

renovação da categoria tempo. Os não-lugares, originados pela contemporaneidade, opõem-se à noção de lugar antropológico. Esses não-lugares levam os indivíduos a questionarem as identidades, as diferenças e as semelhanças; promovem um sentimento de não-pertencimento, de deslocamento.

Se seguirmos o pensamento de Haesbaert, poderemos perceber o surgimento de um importante paradoxo: ao mesmo tempo que vivemos a "era do espaço", vivemos também a era da desterritorialização, da "desespacialização", não porque houve realmente um desaparecimento do espaço, mas sim porque ele assumiu um peso tal que acabou por "suplantar o tempo".

A dissociação do tempo e do espaço chegou a tal ponto que há um predomínio cada vez mais latente de um espaço des-historicizado, ou seja, um espaço sem tempo. (HAESBAERT, 2004).

As categorias espaço e tempo não podem, entretanto, ser analisadas separadamente. Isso quer dizer que são categorias que caminham juntas; a separação entre elas representaria um risco para o pleno entendimento das culturas moderna e pós-moderna:

Tempo e espaço, como categorias fundamentalmente contingentes de percepção historicamente enraizadas, estão sempre intimamente ligadas entre si de maneiras complexas, e a intensidade dos desdobrantes discursos de memória, que caracteriza grande parte da cultura contemporânea em diversas partes do mundo de hoje, prova o argumento. (HUYSEN, 2000, p. 10).

Como não poderia deixar de ser, espaço e tempo são o resultado das experiências e da percepção humana, o que significa que não são categorias imutáveis; elas estão sempre sujeitas a mudanças históricas. Dentro do inevitável processo de compressão do espaço-tempo, o que devemos procurar é garantir "alguma continuidade dentro do tempo, para propiciar alguma extensão do espaço vivido

dentro do qual possamos respirar e nos mover” (HUYSEN, 2000, p. 30).

Esta é uma tendência cada vez mais aparente por parte dos pesquisadores das ciências humanas, em especial os geógrafos: ao tentar recolocar o sujeito no centro de seus estudos, eles promoveriam a utilização da literatura. O que é importante ressaltar é a volta do sujeito fragmentado, desterritorializado, típico da pós-modernidade, ao centro das atenções, e como a literatura pode refletir isso, ou melhor, como a literatura exerce papel fundamental nessa questão. Tais ideias refletem o pensamento humanista e como o homem se relaciona com a natureza e com o mundo que o cerca. Nesse sentido, podemos afirmar que a literatura é um instrumento que nos proporciona uma visão crítica acerca da sociedade e de uma época.

Preocupados em ver como o homem interioriza ou representa a sua experiência do espaço, os geógrafos humanistas privilegiam o romance na medida em que ele parece lhes propiciar a ocasião ideal de um encontro entre o mundo objetivo e a subjetividade humana. No entanto, continuamos no interior de uma concepção mimética: da literatura concebida como reflexo da realidade, favorecemos, a partir daí, sem excluir a primeira, uma concepção que a considera como reflexo da alma. Isto, aliás, está em concordância com algumas versões do projeto humanista que não se voltam tanto para as características do lugar, e sim para a experiência que o homem tem dele. (BROUSSEAU, In: CORRÊA e ROSENDAHL, 2007, pp. 31-32).

Ao evocar de maneira expressiva a experiência dos lugares, a literatura acaba por enriquecer as teses sobre a identidade espacial, o enraizamento do homem, o sentido que ele atribui aos lugares.

A literatura seria, portanto, o elo de (re)ligação do homem com o espaço. É por meio do discurso que “os autores traduzem os sinais da percepção de uma sociedade em uma época determinada” (BAILLY,

In: CORRÊA e ROSENDAHL, 2007, p. 30). Isso quer dizer que, ao criar um discurso, tocamos nas questões mais primordiais, como identidade, cultura etc.

No caso específico de Timor Leste, um dos primeiros a criar um discurso sobre o local foi Ruy Cinatti – silvicultor, antropólogo e poeta português que viveu muitos anos no país e desenvolveu inúmeros estudos científicos sobre o arquipélago, além de dedicar grande parte de sua obra poética a Timor e aos timorenses. Entre as décadas de 1950 e 1960, Ruy Cinatti produziu e publicou a maior parte de seus estudos científicos, especialmente sobre Timor. Esses estudos são o resultado das inúmeras viagens de reconhecimento que realizou pelo território e, de certa maneira, figuram como várias narrativas de viagem, com a preocupação não somente em relatar o “outro”, mas também em penetrar e desvendar sua cultura. Enquanto esteve em Timor Leste, Cinatti preocupou-se em registrar inúmeras imagens do local. Realizou um filme e tirou várias fotos. Ao retratar as danças, as vestimentas, a arquitetura e outros elementos, fica clara a sua preocupação em registrar e conhecer essa cultura tão rica e diversa.

É através de seus estudos científicos e de sua poesia que Timor Leste começa a aparecer de uma outra forma. De certa maneira, podemos dizer que ao criar um discurso sobre Timor, Cinatti alerta o mundo para a situação da ilha.

Devido às várias viagens de reconhecimento que realizou ao longo dos anos em que esteve em Timor, Cinatti passa a conhecer a ilha muito bem, percorrendo-a de ponta a ponta e fazendo inúmeras pesquisas sobre o local. O resultado mais significativo dessas excursões é a sua gradual aproximação com os nativos. Tais viagens figuram como um fascinante encontro com o “outro” e, a partir da personalização do contato entre “explorador” e “explorado”, o exótico desaparece, as diferenças se diluem. Ao conhecer os timorenses de perto, seu lugar e o modo como vivem, suas preocupações e

sentimentos, Cinatti “quebra” as diferenças e aquele povo, tão desconhecido até então, passa a ser extremamente próximo e familiar. Toda essa experiência se reflete na sua obra científica e poética. Em um trecho de carta endereçada a sua avó, escreve:

Como lhe disse na última carta passei a semana passada no enclave de Ocussi, visitando a circunscrição, as suas florestas e montanhas, em passeios de 8 a 9 horas a cavalo! Gosto muito desta vida e faz-me muito bem à saúde do corpo e do espírito. Para a semana é possível que vá para o extremo leste, para Lautem, fazer a mesma vida. [...] Nas excursões pelo interior tive ocasião de conviver directamente com o timorense, de aceitar a sua hospitalidade nunca negada sempre multiplicada em numerosos requintes. Era natural que o sentimento me levasse a falar dele com carinho. (CINATTI. Apud. STILWELL, 1995, pp. 185-186).

Ao se envolver de maneira tão singular com Timor e os timorenses, Cinatti acaba por transcender o papel de cientista/explorador/colonizador e passa, por juramento de sangue e, portanto, de fidelidade, a fazer parte daquela comunidade. Assumindo uma identidade timorense, ele questiona sua própria identidade portuguesa. A escritora Sophia Andresen, grande amiga de Cinatti, ressalta:

Ao longo dos dias, ao longo dos anos, muitas vezes falei de Timor com o Ruy. Contou-me como celebrara o pacto de sangue com o chefe de uma família timorense e como por isso, segundo a lei ancestral de Timor, se tornara ele próprio um timorense. De facto, para ele Timor era uma verdadeira pátria. Para mim era uma ilha encantada no Extremo Oriente, mas para ele uma pátria – o lugar onde encontrara o seu destino. (ANDRESEN, Sophia. In. Excerto do prefácio a *À Janela de Timor* de João Aparício. In. www.timordonorteasul.blogspot.com.br/2007/06/sophia-de-mello-breyner-andresen.html)

O que é interessante ressaltar é a importância de Ruy Cinatti como um dos primeiros antropólogos com uma visão diferente de Timor Leste. Ao deslocar o olhar da metrópole para o lugar em questão, no caso Timor, ele inaugura uma nova visão, uma nova abordagem do lugar e da antropologia, que prioriza as pesquisas de campo *in loco*, diretamente das fontes primárias.

Por um longo tempo, a antropologia de Timor seria feita na metrópole, estudando-se os crânios, fotografias e também características físicas dos timorenses que estiveram presentes em Portugal nas grandes exposições de 1934 e 1940. Verdadeiros estudos no campo da antropologia cultural, baseados na observação e de real valor, não viriam a ser produzidos antes de Ruy Cinatti, cujo promissor trabalho nas décadas de 1950 e 1960 não pôde ser desenvolvido e aprofundado em virtude de Cinatti ter perdido as graças das autoridades. (SCHOUTEN, In: SILVA e SIMIÃO, 2007, p. 35).

A obra cinattiana sobre Timor Leste tem fundamental importância na medida em que divulga e amplia o conhecimento acerca de um lugar tão distante e desconhecido não só de Portugal, mas do resto do mundo. Não podemos pensar em Ruy Cinatti sem que Timor Leste se apresente. Através de seus escritos, Timor Leste toma forma e surge diante de nós. Não é tão somente aquele poeta que descreve a natureza e os elementos que vê, ele vive a experiência do que sente e transforma em palavras. Não podemos, entretanto, deixar de lado o seu caráter altamente interdisciplinar. Sua formação científica proporcionou-lhe uma ampla visão de mundo e das coisas que o cercam. Ele soube como poucos mesclar a visão de cientista/antropólogo com a sensibilidade típica dos poetas:

Nos livros sobre Timor e sobre os outros espaços ultramarinos que fazem parte do universo cinattiano, entrecruzam-se um saber e olhar que decorrem da formação científica do sujeito, da profissão que exerce, o seu conhecimento de literatura, dados da sua história

peçoal, resultando muito visivelmente a poesia duma experiência humana concreta, no terreno, por assim dizer. (BORGES, 1997, p. 135).

Podemos afirmar que Cinatti é um autor que representa muito bem todas as questões que abordamos até aqui. É um desterritorializado que está sempre num processo de reterritorialização, de reinvenção de identidades, de si mesmo.

Essa visão interdisciplinar e multifacetada é fundamental para compreendermos Timor em toda a sua diversidade. Daí a importância da leitura da obra de Ruy Cinatti para pensarmos nas inúmeras questões que surgem em relação ao espaço timorense.

1.8 – Literatura timorense ou literatura de Timor?

Quando pensamos em literatura e no que representa para um país, devemos ter em mente o seu papel fundamental na valorização e manutenção não só da identidade de um país e seu povo, mas também na valorização da língua. Para uma melhor reflexão acerca desse assunto, devemos pensar na questão que se apresenta: quando um país passa a existir de fato? No caso, quando Timor passou a existir como país? A resposta, aparentemente simples, traz consigo algo bem complexo, que é a construção de um conceito - Timor passou a existir a partir do momento em que se começou a pensar nele; ou seja, só podemos dizer que algo existe se pensamos nele, isto é, se damos alguma forma àquilo, se tomamos consciência disso. Timor, então, só passou a existir quando as pessoas, e nisso inclui-se os próprios timorenses, passaram a pensar, conceitualizar e tomar consciência de Timor.

O que isso tem a ver com língua e literatura? Ora, um dos princípios básicos para essa “tomada de consciência” enquanto país passa pela questão linguística: um país precisa ter uma língua que o identifique e a literatura é um dos meios que refletem essa tomada de consciência. Quando pensamos na escolha da língua portuguesa como oficial, logo vem na nossa mente o processo de configuração de uma ideia de Timor, que está arraigado à própria língua; ou seja, como é possível conceber e delinear Timor em língua portuguesa? Deve-se buscar uma literatura timorense em língua portuguesa, mas com cara própria. Quando falamos em literatura timorense, não podemos deixar de lado a vasta literatura oral, secular e riquíssima.

É claro que a literatura escrita bebe na fonte da oral.

No entanto, quando tratamos da literatura no caso de Timor, podemos fazer uma diferenciação entre literatura timorense e literatura de Timor. Para isso, seguiremos a ideia de João Paulo Esperança, no livro *Brevíssimo Olhar sobre a Literatura de Timor*, onde aborda não só os autores nascidos em Timor, incluindo os que escrevem na diáspora, que tenham tomado o país como tema literário, mas também autores não necessariamente naturais, mas que tenham Timor como tema. Os primeiros autores se enquadrariam na categoria “literatura timorense” e os segundos, na categoria “literatura de Timor”.

Várias questões surgem neste momento: como falar de literatura em língua portuguesa num país que conviveu tanto tempo com a presença indonésia? E como criar essa literatura em língua portuguesa? Copiando o modelo ocidental representado pelos portugueses?

Esta tomada de posição demonstra bem a dificuldade do nosso objeto. E a explicação é simples: com uma administração externa, os sistemas de ensino foram canais privilegiados para a difusão de uma literatura estrangeira (portuguesa ou indonésia) que, tanto em

tema como em forma, se apresentava [quase] completamente estranha aos timorenses. A esta situação junta-se a natural falta de produção literária escrita própria, resultado das altíssimas taxas de analfabetismo da população. Por estas razões, quando procuramos a literatura timorense, sentimos, como Esperança, a necessidade de incluir outras obras que não apenas as produzidas por autores timorenses. Para facilitar o entendimento, opto aqui pelas designações – *de Timor* para aquela produzida por estrangeiros e – *timorense*, para aquela produzida por naturais (mesmo que no exílio). (ANTUNES, Ricardo Jorge. In. SEIXAS e ENGELHOFEN, 2006, pp. 139-140.).

Outro aspecto que não se pode deixar de lado é o pequeno número de alfabetizados em português. Na realidade, só quem era alfabetizado em português era uma pequena elite letrada, o que dificulta ainda mais a divulgação e produção dessa literatura. Podemos, então, questionar: essa produção literária é feita por quem e para quem? Qual o seu alcance real? Será que, diante de tais dificuldades, essa literatura consegue se manter? Será necessário se “despir” das influências estrangeiras ou, ao contrário, se beneficiar delas e construir uma literatura com roupagem própria? O fato é que, num país pobre e com tantos analfabetos, escrever e ler, ou melhor, construir uma Literatura com “L” maiúsculo é um desafio enorme.

Terá a literatura timorense a capacidade para se manter viva em língua portuguesa, com tão poucos autores? E se isso acontecer, poderá ela não se diluir na imensidão da lusofonia? Não tenho resposta para esta questão, mas termino com as palavras proféticas de um verdadeiro missionário nas terras de Lorosa’e: A literatura escrita por timorenses tem sido, com poucas excepções, fundamentalmente em língua portuguesa, veículo de afirmação de resistência, identidade e nacionalidade. Creio que a geração actual, que se vai libertando da pressão cultural dos anos passados a decorar o *Pancasila* em indonésio, não tardará a fazer nascer também uma literatura pujante de vida e de novidade em tétum. Vamos lendo e vendo... (ESPERANÇA, 2004. P.56.).

Apesar de existirem tão poucos autores timorenses e, consequentemente, essa literatura ser escassa, podemos dizer que há uma literatura timorense. É uma literatura relativamente nova, escrita em língua portuguesa, que procura abordar as características fundamentais do povo timorense, como a colonização portuguesa, a invasão indonésia e, como não poderia deixar de ser, com forte influência da cultura oral. Os mitos e lendas, genuínos representantes da oralidade, são presenças constantes nessa literatura que ainda dá os primeiros passos, procurando suas origens para imprimir uma identidade própria:

[...] fica claro que existe uma literatura timorense, e que as suas características fundamentais são as que derivam do percurso histórico dos povos que constituem hoje Timor Lorosa'e. Com um magnífico fundo de magia, e um universo fantástico, povoado de mitos e rituais, a poesia oral/tradicional manifesta-se a cada passo na literatura contemporânea timorense. Simultaneamente, as circunstâncias da colonização portuguesa, desde o século XVI, e a ocupação indonésia, no último quartel do século XX, não deixam de aparecer como marca fundamental nas referências histórico-culturais daquela que é a literatura de Timor e timorense. Outro aspecto importante é o facto de a grande maioria da literatura escrita aparecer em língua portuguesa. (ANTUNES, Ricardo Jorge. In. SEIXAS e ENGELHOFEN, 2006, p. 145.).

Os autores Ruy Cinatti e Luis Cardoso são representantes da literatura timorense e da literatura de Timor. Cardoso é timorense. Nasceu em Cailaco, passou grande parte da vida na ilha de Ataúro, ambos em Timor. Estudou em Timor e em Portugal, onde vive até hoje. É, então, um autor timorense na diáspora e pode ser classificado, dentro da ideia de Esperança, como um autor da literatura timorense, já que é natural de Timor e, apesar de não viver mais lá, tem a ilha como tema de seus romances. Já Cinatti encontra-se numa situação um pouco diferente. Por ser português, ter vivido

muitos anos em Timor e ter tido uma identificação muito grande com a ilha e seus habitantes, chegando mesmo a fazer um pacto de sangue com os *liurais* (chefes) timorenses, é difícil colocá-lo em apenas uma dessas classificações. Podemos dizer que ele se encontra numa zona mista, entre o Timor dos timorenses e o Timor dos outros. (ANTUNES, Ricardo Jorge. In: SEIXAS e ENGELLENHOVEN, 2006.).

Literatura timorense ou literatura de Timor? A resposta a essa pergunta não deve nos levar à escolha de uma em detrimento de outra. Pelo contrário, são conceitos diversos, porém complementares que se entrecem, formando um sentido. “São, por isso, dois mundos e duas imagens completamente diferentes que se cruzam, e que ajudam a perceber melhor o que é, hoje, Timor Lorosa’e”. (Idem, p. 147.).

2. O TIMOR EM RUY CINATTI

Ruy Cinatti Vaz Monteiro Gomes nasceu em Londres em 1915. De origem de Trás-os-Montes e Algarve por parte de pai e da Toscana e Macau por parte da mãe, foi ainda criança para Lisboa, onde teve a maior parte de sua formação. Em 1932, aos 17 anos, publicou no jornal do colégio Nun'Álvares seus primeiros textos, onde já demonstrava uma grande atração pela natureza e pela aventura.

Como grande amante de viagens, parte, em 1935, num cruzeiro com José Blanc de Portugal e outros amigos para uma visita a Madeira, Cabo Verde, São Tomé e Angola. Dessa viagem resultou o conto *Ossobó*, publicado em 1936 na revista *O Mundo Português*. Cinatti participou também, juntamente com Tomaz Kim e José Blanc de Portugal na coordenação dos *Cadernos de Poesia*, revista literária com a qual colaborou de 1940 a 1956.

Na mesma época em que estudou antropologia e etnologia em Oxford, lançou e dirigiu a revista *Aventura* - mais precisamente entre 1942 e 1944. Em 1946, foi pela primeira vez para Timor, como chefe de gabinete do governador. Apaixonou-se definitivamente pela ilha, lançando-se com ardor no trabalho de coleta e investigação de espécies vegetais exóticas, madeiras desconhecidas etc. Chegou mesmo a descobrir duas espécies de plantas, que foram classificadas com seu nome na Holanda: *Eucalyptus Cinattiensis* e *Justitia Cinatti*.

Passou um tempo no navio *Jolly Brise*, entre o Magreb e Andaluzia. Regressou a Timor em 1951, dessa vez como diretor dos Serviços de Agricultura, cargo que ocupou até 1956, ano em que voltou para Lisboa devido a incompatibilidades com alguns setores da administração colonial. Entretanto, não se adaptou a Lisboa e retornou a Timor em 1961, permanecendo até 1963 (foi nessa época que fez o juramento de sangue com os chefes timorenses). Entre os

anos de 1963 e 1965, Cinatti viajou pelo oriente, sobretudo Paquistão, e em 1966 ficou mais um mês em Timor. Esta foi a sua última estadia na ilha.

Podemos dizer que sua formação antropológica e suas experiências em grandes viagens deram-lhe uma visão bastante ampla. Não era, de fato, uma pessoa com pensamento limitado. Pelo contrário, era dotado de uma singular capacidade de enxergar o mundo, de se comunicar com as pessoas e de refletir acerca das questões que envolvem o ser humano e o meio que o cerca.

Ruy Cinatti era um homem do mundo, grande amante de viagens e aventuras. A viagem, o deslocamento e o encontro com o desconhecido sempre o fascinaram. Fernando Pinto do Amaral tem razão ao afirmar, no prefácio ao livro de Cinatti, que “[...] o sentido de dádiva e a vontade de comunicar talvez ajudem, não diria a explicar, mas pelo menos tentar compreender um pouco melhor a ânsia de nomadismo que desde sempre animou Ruy Cinatti e sua escrita”, ou ainda quando diz que: “[...] este constante impulso que leva o poeta a viajar a cada instante torna-o detentor de uma grande imaginação e fá-lo também idealizar certos locais cuja privilegiada beleza o seduz de um modo especial.”. (AMARAL, Fernando Pinto do. In: CINATTI, 1992, p. 20). O sentimento de inquietação característico em Ruy Cinatti é bem descrito em um apontamento manuscrito, que mostra o seu interesse pelas viagens:

Como é admirável viajar, não importa aonde, desde que o desconhecido nos espera! Amanhã hão-de surgir novas coisas, tudo que é feito de imponderáveis, novas paisagens, outras faces, outras nuvens que me hão-de distrair do sonho e do quotidiano inevitável. Depois, há-de chegar o tempo em que eu me sinta como agora, e seja apenas um ser isolado que distribui as suas recordações ao longo das bissectrizes, que em mim se encontram como se no centro do mundo. À tarde ou à noite, como hoje, encostado à amurada do navio ou passeando, solitário, sobre uma terra que por agora, só

me é permitido imaginar. (CINATTI, Ruy. apud. STILWELL, Peter, 1995, p. 32.).

Todas essas viagens acentuaram o interesse por conhecer novos lugares, novas culturas e fizeram com que Cinatti percebesse a importância da relação entre as disciplinas, bem como da coleta de dados, acompanhada por uma profunda reflexão. Como ressalta Peter Stilwell:

O contato direto com as terras e as gentes acompanhado de uma leitura histórica e econômica do Império e uma exposição dos desafios que se colocavam para o futuro, provaram-lhe nesta viagem como a recolha de dados pode e deve ser associada à reflexão crítica e interdisciplinar. (STILWELL, Peter, 1995, p. 33.).

Na construção do discurso ainda incipiente de Timor Leste, Ruy Cinatti figura como autor fundamental. Constrói discursos sobre Timor, calcados na necessidade de se pensar as questões identitárias. Com seu caráter multifacetado, apresentou uma visão bastante ampla dos timorenses e de seu território através de sua obra poética e também dos seus inúmeros estudos científicos sobre o local e seus habitantes. Foi, sem dúvida, um dos poucos poetas que articularam ciência e poesia, inaugurando uma nova visão de Timor. Graças à sua formação interdisciplinar – era engenheiro agrônomo, silvicultor, antropólogo, além de poeta –, podemos perceber nos seus escritos e na sua poesia uma enorme preocupação com as questões que envolvem o timorense e seu habitat.

Fazia parte de seu trabalho percorrer a ilha a fim de recolher o maior número de dados possíveis para os relatórios. Foi nessas andanças que sua relação com os timorenses se intensificou. Isso se deveu, em grande parte, à sua singular capacidade de enxergar o outro e, claro, ao seu grande interesse e curiosidade por tudo aquilo que é intrínseco ao ser humano. É fundamental perceber também como houve, para ele, uma evolução na imagem do timorense, ou

seja, como este deixa de ser um simples elemento exótico numa paisagem por si só já exótica, e passa a tornar-se presente como figura de destaque:

É claro que o indígena não me poderia passar despercebido, tanto mais que nas excursões pelo interior tive ocasião de conviver com ele, de aceitar a sua hospitalidade nunca negada e sempre multiplicada em numerosos requintes. Era natural que o sentimento me levasse a falar dele com carinho, se outras razões mais altas não me fizessem erguer a voz em sua defesa. O timorense é nossa melhor arma política; sem ele não teria sido possível conservar a soberania portuguesa durante a guerra, num território tão distante da Metrópole. (CINATTI, 1949, p. 48.).

Durante os diversos períodos em que estive no território timorense, Ruy Cinatti escreveu inúmeros estudos científicos, além das poesias. A análise de alguns desses documentos complementa a leitura da obra poética do autor. As muitas fotos tiradas por ele, bem como os registros em filme, também são elementos fundamentais para a compreensão global do discurso cinattiano acerca de Timor.

No acervo do Museu de Etnologia de Lisboa há um vídeo de formato original, em 16 mm, em cores, de cerca de uma hora e meia de duração, que traça um percurso por Timor. O passeio começa pelas escarpas de Tutuala, região onde se encontram diversas pinturas rupestres, datadas de 6500 a 2000 a. C.; depois vai para a região onde residia D. Adelino Ximenes, *liurai* de Loré, amigo de Ruy Cinatti com quem fez um pacto de sangue. Nas imagens é possível ver os detalhes do tipo de habitação e os ornamentos da residência do *liurai* que, por ter uma posição importante, tem a casa mais ornamentada, com desenhos geométricos ou de animais, especialmente o crocodilo, que é um símbolo sagrado, relacionado à lenda de surgimento da ilha; a visita segue para a aldeia de Bruma, no litoral, próxima a Baucau, onde acompanhamos a construção do ripado da cobertura de uma casa, e podemos ver os arrozais da

região dispostos em socacos – espécie de plataformas nos morros, típicas da plantação de arroz daquela região -. A região de Baucau também é famosa pelas rinhas de galo e há imagens de uma dessas lutas; em seguida, vemos uma expedição a cavalo até a encosta da montanha de Matebian, onde se encontram os locais sagrados das regiões de Ofulicai e Quelicai; o percurso segue até as praias de Díli e as imagens mostram os pescadores nas águas da baía; depois há registros da zona ocidental de Atabae e da ribeira do Bé-Malai, em cuja lagoa há um tipo de pescaria bastante peculiar, num ritual bienal que celebra a transição da autoridade local sobre os direitos da pesca entre os Belos e os Kernak. (Essa pescaria chamou muito a atenção de Cinatti, que dedicou um texto sobre ela intitulado “A Pescaria da Bé-Malai: Mito e Ritual”, onde faz um minucioso estudo sobre a pescaria e todos os seus envolvimento sociais.). Por fim, o filme registra imagens de Cinatti e alguns oficiais portugueses sendo recebidos por *liurais*.

Em um trecho de “A Pescaria do Bé-Malai...” Cinatti descreve o ritual:

Os habitantes da região, do grupo etno-linguístico *hemak*. A leste, e da tribo dos Belos de língua *tétum*, a oeste, consideram-se donatários da lagoa, invocando cada um dos grupos poderosas razões para esse direito, que outrora era mantido pela força das armas e pelo maior número de cabeças degoladas. Em verdade, tudo parece indicar ser a lagoa propriedade dos Belos: os dólmenes e menhires que compõem o conjunto de túmulos dos reis de Balibó, da linhagem maior de Fatuk-Laran, lá estão junto da margem a marcar o direito ancestral. Os próprios mitos o indicam. Os Kemak, porém, contestam-no, dizendo que aos Belos só a margem esquerda pertence. Como sucede tantas vezes entre os homens, não há provas de posse, nem mesmo razões míticas, que consigam impor-se a interesses materiais, quando estes se envolvem em sentimentos de prestígio. [...].

De dois em dois anos, em Agosto, Os Belos do posto administrativo de Balibó e os Kemak do posto de Atabai transferem para ambos eles, alçados a entidades

representativas, os seus, antagonismos regionais e, durante três dias, confraternizam junto da lagoa, bailam e cantam, experimentam forças, apostam em galos e cavalos e entregam-se ardorosamente ao exercício da pesca, operação culminante e justificativa de todas as restantes atividades. Alternadamente, cabe a Atabai, ou a Balibó, a organização dos festejos, o levantar das barracas, a construção de pontes de bambu, a decoração dos arcos triunfais, o fornecimento de comida e até a designação dos participantes indispensáveis nos rituais que precedem a pescaria. (CINATTI, 1964, p. 1).

Tanto o vídeo como a maioria dos trabalhos científicos foram realizados nos períodos em que Ruy Cinatti desenvolvia pesquisas para o Museu de Etnologia de Lisboa e para o IICT (Instituto de Investigação Científica e Tropical) nas inúmeras missões antropológicas que o governo português realizava. Cinatti trabalhava então com outros antropólogos, como, por exemplo, António Augusto Mendes Correia e António de Almeida.

Para uma melhor compreensão da abordagem dos estudos antropológicos naquela altura, devemos levar em consideração a política estado-novista e como as obras antropológicas eram abordadas na época, assim como a evolução da antropologia ao longo do tempo.

O Estado Novo foi o regime político que vigorou em Portugal entre 1933 e 1974. Em geral, caracterizou-se como um período autoritário, nacionalista, altamente tradicionalista e corporativista; procurava moldar ideologicamente a sociedade da época tanto no plano social como também nos planos econômico, jurídico e cultural. O Estado Novo também é conhecido por “salazarismo”, em referência a António de Oliveira Salazar, que ocupou a chefia do governo durante a maior parte desse período. Salazar era um renomado professor da Universidade de Coimbra. Quando o general Carmona assumiu a Presidência em 1928, Salazar foi convidado para assumir a pasta das Finanças. Graças ao sucesso da sua política, que reduziu o

desequilíbrio macroeconômico de Portugal em relação às outras potências europeias, em 1933 o salazarismo consolidou-se como política de Estado.

A política colonialista que vigorava na época tinha como ideia principal que Portugal era um território “pluricontinental e multirracial”, com o intuito de reforçar o seu caráter expansionista.

A publicação do Ato Colonial, em 1930, na altura em que Salazar assumia a pasta do Ministério das Colônias, reforçava as pretensões da política colonial do Estado Novo, afirmando-se, assim, a “missão histórica” portuguesa no ultramar. As colônias serviam tanto para escoar os produtos da metrópole quanto para fornecer matérias-primas baratas como meio de propaganda, a fim de provar a grandeza do país, daí o grande interesse econômico e político por parte da metrópole.

O termo “colônias” não era novo em Portugal, sendo usado desde o século XVI, ou até antes disso. Mais tarde, em 1633, passou-se a usar o termo “províncias do ultramar” juntamente com o termo “colônias”. Em 1926, os territórios de além-mar passaram a ser reconhecidos apenas como “colônias”. Entretanto, em 1951, Salazar passou a usar, oficialmente, a designação de “províncias do ultramar”. Essa mudança não foi à toa: como vinha sofrendo duras críticas por parte dos outros países, ao chamar as “colônias” de “províncias do ultramar”, defendia-se com a ideia de que as antigas colônias eram parte integrante de Portugal. (SECCO, 2004.).

Faziam parte dessa chamada “missão histórica e expansionista” portuguesa as Missões Científicas e Antropológicas de que Ruy Cinatti fez parte. Mais especificamente, a criação das Missões Antropológicas em Timor se deu em 8 de junho de 1953 e tinham como objetivo fazer um reconhecimento dos territórios nos seus mais variados aspectos: cultural, econômico, social etc; isto é, “o conhecimento dos grupos étnicos e cada um dos domínios ultramarinos”, ou, mais

precisamente, “a elaboração das respectivas cartas etnológicas”. Para isso, a coleta de dados etnográficos, linguísticos e arqueológicos era indispensável para o enquadramento dos trabalhos e uma melhor compreensão do território. Tudo, obviamente, sob o crivo da censura salazarista, já que era intenção ressaltar o domínio e a expansão portuguesa nos territórios além-mar.

Todo esse material produzido pelas Missões Científicas é um importante testemunho de como os portugueses percebiam e apreendiam o território e de como se dava a construção de um discurso do Ocidente acerca do Oriente.

Durante as décadas de 1950 e 1970, em Timor, as missões eram chefiadas por António de Almeida e tinham como objetivo, além de ampliar o conhecimento acerca do território, assegurar as fronteiras territoriais:

Timor tornou-se, na segunda metade do século XX, uma via de passagem “obrigatória” para os especialistas de parentesco teórico e, mais geralmente, de organização social e política dado o interesse suscitado nos centros de investigação antropológica internacionais pelas pesquisas efectuadas em Timor, em particular entre 1960 e 1975, por investigadores de várias proveniências geográficas e institucionais. Esses trabalhos, de natureza fundamentalmente monográfica, utilizando como “pano de fundo” o parentesco, o poder, o modo de produção, puseram assim em evidência níveis conexos particularmente pertinentes para a compreensão de cada grupo estudado (estudos recorrendo geralmente à língua do grupo como língua de inquérito e registando atentamente – a par do parentesco, religião, organização política/social, literatura oral – a atividade e a conceptualização técnica de cada grupo, bem como o seu relacionamento quotidiano com os meios vegetais, animais, minerais, próximos e distantes). Esboçou-se e afirmou-se muito precocemente, nos nossos trabalhos, essa perspectiva micro-comparativa que constitui Timor, entre as “pequenas diferenças” no seio de um número suficientemente elevado de grupos apresentando um número suficientemente elevado de traços comuns. (CAMPAGNOLO, In: SEIXAS e ENGELENHOVEN, 2006, p. 96.).

É importante ressaltar o forte caráter político dessas missões, uma vez que não podemos separar os contextos colonialista e científico. Foi numa dessas missões que Cinatti, juntamente com outros dois autores, escreveu o livro *Arquitectura Timorense*, um precioso tratado sobre as habitações da ilha. Mas não só: o livro apresenta, com riqueza de detalhes e olhares apurados, a vegetação, a constituição social, as vestimentas, as manifestações religiosas etc.; ou seja, faz um panorama riquíssimo da cultura timorense. No prefácio e na introdução ao livro, Cinatti relata:

A uma ideia do Senhor Subsecretário do Ultramar, engenheiro Carlos Krus Abecasis, posta imediatamente em execução pela Direção dos Serviços de Urbanismo e Habitação, correspondeu a ida à Província em Timor dos architectos António de Sousa Mendes e Leopoldo Castro de Almeida e do signatário, em missão da Junta de Investigações do Ultramar.

A ideia, rica de significação sociológica, tinha como finalidade o estudo dos tipos principais da habitação nativa e das suas relações de raiz como os ambientes natural e cultural insular; em consequência, subentendia a sistematização dos princípios discernidos durante o estudo, com vista a uma aplicação que fundamentasse qualquer programa futuro de urbanismo e de construção rural e urbana. Seria, outrossim, o primeiro passo para remediar a falta de critério que frequentemente tem presidido a expressão architectónica das Províncias Ultramarinas. Na outra banda do mundo, Timor prestava-se, mais do que nenhuma outra Província, a servir de cadinho experimental de uma ideia mestra, por conservar, por um lado, figurações definidas de arquitectura rural e por ser escassa, embora significativa, a reconstrução operada depois da guerra. [...]

Tem este livro por primeiro objetivo ser uma compilação de formas da construção nativa timorense, patente, nos seus variados tipos, por todo o território insular onde nos foi possível chegar, observar, fazer fotografias e desenhar. Impôs-se, durante a recolha do material, o estudo analítico dos diferentes *habitats* rurais, sua interpretação e classificação. Constituiu-se então um conjunto de conhecimentos subordinado ao tema "habitat", essencial para o estudo da geografia

humana do território – síntese das acções e reacções do binómio homem-entorno natural. (CINATTI; ALMEIDA, Leopoldo de e SOUSA, António, 1987, pp. 9-11.).

A fim de se ter uma compreensão mais global no que tange às questões antropológicas, devemos olhar para o passado. Em relação à abordagem das obras antropológicas portuguesas no período colonial, no que se refere à população de Timor, os trabalhos desenvolvidos eram, a princípio, voltados para a fisionomia. Como os timorenses são um povo heterogêneo por natureza, tornaram-se um objeto de estudo antropológico bastante privilegiado. Os crânios tinham fundamental importância, já que, a partir da sua análise, se chegariam a conclusões sobre as capacidades psíquicas do indivíduo. Nos anos de 1850 e 1860 do século XIX, foram criadas, em vários países, as sociedades e associações antropológicas, e, para o pensamento antropológico vigente, os traços físicos eram pistas importantíssimas no processo de compreensão do Homem.

Podemos dizer que as pesquisas antropológicas do “ultramar” português rezavam da mesma cartilha; ou seja, eram baseadas em observações sobre a biologia humana e na coleta de material. Mesmo com a criação do Centro de Investigação da Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar, os trabalhos propostos eram relacionados com a antropologia física e a Pré-História.

Durante o Estado Novo, pouca coisa mudou. As culturas dos povos colonizados eram consideradas pobres e inferiores e não mereciam grande destaque, o que explica a falta de trabalhos antropológicos privilegiando o aspecto cultural. Era necessária uma valorização das culturas tradicionais, que, por outro lado, só seria possível a partir de uma real e efetiva implementação de uma missão “civilizadora”. Na maioria das vezes, o que se viu da presença portuguesa durante o período colonial em Timor Leste foi a

indiferença, as campanhas militares sangrentas e a exploração econômica.

Um dos maiores exemplos da negação da cultura timorense por parte do governo português foi a medida oficial de 1954 que proibia o uso da *Lipa* (pano amarrado em volta da cintura, utilizado pelos homens). Tal fato ficou conhecido como “questão da *Lipa*” e foi duramente criticado por Cinatti, que fez um protesto condenando tal medida e enviou-o para Lisboa:

[...] denota a prepotência deste Governo, o completo desrespeito pela dignidade de atingidos e não atingidos, e uma imprevidência política que, em conjunto com outras do mesmo género, pode vir a ter consequências perigosas para a nossa soberania, [...]. Sob o pretexto de que a *lipa* era imprópria do sexo, deu-se foros de lei a uma arbitrariedade que, em última análise, evidencia total ignorância das condições locais e da cultura dos povos [...]. Esqueceram-se, no entanto, que o timor usa calção debaixo da *lipa* e que esta serve, não apenas para adorno que a tradição legitimou, mas sobretudo para os fins práticos de proteger o corpo contra o sol, contra a chuva, contra os frios da noite ou da montanha, contra os mosquitos, e até contra os espinhos do mato. (CINATTI, *apud* STILWELL, 1995, p. 220.).

Para Ruy Cinatti, o timorense é, antes de tudo, ser humano, com cultura, identidade e personalidade próprias, portanto conhecer e, sobretudo, respeitar sua condição não é mera pieguice ou mesmo curiosidade científica. É, antes de mais nada, uma “obrigação, um ato de gratidão”, como ele próprio ressalta:

O interesse que ele nos deve merecer como personalidade humana, o desejo de o tratar com justiça e de o elevar culturalmente, são meras indicações do bom-senso, que estão longe de ser reconhecidas. Compreendê-lo e procurar resolver os problemas materiais e culturais com que se defronta em relação a ele próprio e a nós; [...] é uma obrigação, direi melhor, um acto de gratidão inadiável. O timorense é um ser adulto, pensante, com uma personalidade social

definida e responsável. Não me interessa como uma sobrevivência, nem tomo os seus costumes como simples curiosidades. O facto de um povo ser primitivo (!) em relação a nós, e pobre em meios materiais, não demonstra nem infantilidade na ordem social, nem falta de riqueza psicológica. (CINATTI, 1949, p.48).

A obra cinattiana, tanto a científica quanto a poética, procura abordar a diversidade cultural/linguística/social de um território milhares de quilômetros da então metrópole. Procura também reforçar a identidade do indígena como meio de sobrevivência da cultura local. Defende a importância da arte timorense como elemento identitário e procura salientar sua característica própria, singular. Para ele, o timorense era um artista nato, e sua capacidade artística ia muito além do que se imaginava; a arte o destacava perante os demais povos da Ásia. Era essa arte que o diferenciava dos indonésios, por exemplo. Podemos dizer que a expressão artística como um todo é um importante elemento de identidade cultural, pois através dela mantém-se, inscrevem-se e representam-se a cultura local e também os símbolos de uma tradição sempre suplantada:

Pobres de pedir, os timorenses eram senhores de um engenho que, embora se afirmasse já na decoração das casas, da panaria e dos ornamentos – até nos utensílios domésticos -, não resultava apenas da imitação pura e simples dos padrões tradicionais. Em cada timorense havia um artista latente que, por vezes, se revelava predestinado. Para que aparecesse bastava enquadrá-lo, estimulá-lo, convencê-lo de que sua capacidade artística valia tanto como o trabalho nas hortas. Para quando – perguntava eu – a consciência generalizada do facto, a sua promoção entre os responsáveis metropolitanos? Para quando as escolas de artes e ofícios devidamente orientadas? Para quando a valorização dos timorenses através de atividades que os poderiam singularizar no conjunto dos outros povos indonésios? (CINATTI, 1987, p. 13).

Cinatti acreditava que a valorização do timorense poderia se dar também através dessas manifestações artísticas, e os tecidos têm

espaço privilegiado. Carregados de significados, esses tecidos, chamados de *tais*, têm diversas funções e são umas das manifestações artísticas mais primitivas de Timor Leste. São majoritariamente feitos por mulheres, e a principal fibra utilizada é o algodão. Fiados em teares manuais rudimentares, são tingidos com pigmentos naturais. Apesar de outras cores também serem utilizadas, predomina o vermelho.

Os *tais mane* são panos retangulares usados pelos homens nas cerimônias. São compostos por dois ou três panos cosidos entre si e amarrados em volta da cintura. Já as mulheres vestem o *tais feton*, que também é composto por dois ou três panos cosidos entre si, porém com formato diferente, numa forma tubular, assentado junto ao corpo e usado em volta da cintura ou atravessado no peito.

Os tecidos têm não só para Timor, mas como para as outras sociedades indonésias, um papel muito importante nos rituais das comunidades. No caso específico de Timor Leste, por ser um território muito diversificado, podemos dizer que a diversidade etnográfica e até linguística do povo timorense é transposta para os tecidos nas suas diversas cores, técnicas e motivos empregados para seu fabrico. Os *tais* são carregados de valor simbólico e identitário e representam grupos étnicos diferentes. O estilo, as técnicas e as cores utilizadas distinguem os grupos entre si, assumindo diferentes significados culturais.

Os motivos representados nesses tecidos também possuem um grande significado, tanto para quem tece como para quem veste os *tais*. De origem animista – termo criado pelo antropólogo inglês Edward B. Tylor, que define uma manifestação religiosa imanente a todos os elementos do cosmo, ou seja, uma crença de que todos os seres têm *anima* – os motivos representados nos *tais* evocam, em sua maioria, animais e elementos da natureza, diretamente associados aos mitos e aos rituais tradicionais. São bastante comuns

figuras zoomórficas, como pássaros, galos (figura que aparece recorrentemente nos telhados das casas; o galo também tem sua importância social, já que as rinhãs são uma atividade tradicional entre os timorenses), crocodilos (o crocodilo tem fundamental importância na cultura timorense, pois há uma lenda que diz que a ilha de Timor surgiu a partir desse animal), peixes, assim como plantas, árvores e folhas. Figuras antropomórficas com os braços e as mãos esticados também são bastante recorrentes. Esses motivos, tal como toda uma tradição oral, como as histórias, as receitas, os mitos, as crenças etc., foram herdados dos antepassados:

Os desenhos são sistemas de reconhecimento de uma linguagem cultural e representam os mitos ancestrais de todo o grupo e seus símbolos. Mesmo quando estes motivos não podem ser associados a qualquer simbologia cultural, representam sempre mais do que uma mera decoração, como, por exemplo, o prestígio do indivíduo que enverga o *tais*, a sua posição na escala social, etc. (SACCHETTI, 2004, p. 65).

A função dos *tais* é bastante ampla: além de serem utilizados em diversas cerimônias, como casamentos, nascimentos e enterros, têm também uma importante função nas relações socioeconômicas, além de estarem intimamente ligados ao status de quem os veste. Segundo aponta Sacchetti:

Os têxteis que saem dos teares não são destinados prioritariamente a serem usados, excepto quando já estão gastos ou quando de cerimônias que celebram as várias fases da vida de um indivíduo: apresentação de um recém-nascido, dia de iniciação na caça de um jovem guerreiro, casamento, enterro, etc.; ou em certos rituais que se prendem com as tradições do grupo: inauguração de uma casa, etc. Em todas estas cerimônias está implicado o indivíduo, a linhagem, a família e a etnia ou grupo em que ele se encontra inserido, e é aqui que os têxteis ganham uma importância relevante, como produtos de troca nas relações sociais e econômicas, assegurando a

sobrevivência da linhagem e do grupo. (SACCHETTI, 2004, p. 61).

Com o passar dos anos, a tecelagem em Timor Leste passou a ser, como era de esperar, uma atividade cada vez mais voltada só para o comércio, o que, de certa maneira acabou por descaracterizar os desenhos representados nos *tais*. Os motivos passaram a ser cada vez mais “europeizados”, esvaziando o valor simbólico e perdendo muito de sua identidade tradicional.

Os panos timorenses, justamente considerados como a expressão mais alta da arte local, estavam a ser combatidos implacavelmente por aqueles mesmos que, em hora aguda, procuravam no turismo e suas implicações artesanais uma das vias mais prometedoras da solução do problema econômico. Claro que subsistiam os panos femininos, muitos, uns conformados aos estilos autóctones, outros adulterados, mas ao gosto dos compradores habituais. Os panos masculinos, de longe os mais vistosos, signos de prestígio, símbolos de hierarquia e de linhagem, apareciam quase somente nas circunscrições anti-progressistas, como lhes chamavam os nóveis civilizadores administrativos. Acaso se desconhecia – pergunta ociosa – o papel que desempenhavam os panos na vida dos timorenses, para além de simples indumentária, nas cerimónias festivas e mortuárias? [...] Acaso não se previa – outra pergunta ociosa – o futuro turístico, lentamente esclarecido e pouco interessado em ornamentos de estilo europeu? Estas e outras perguntas, muitas sem resposta, mais efervoravam o desejo de recolher o maior número de testemunhos de uma cultura ameaçada por outra desviada e contraditória nos seus propósitos teóricos e práticos. Doravante, os motivos timorenses dos panos masculinos constituiriam a minha mais intensa pesquisa, na esperança de melhor e mais digna visão colonizadora. (CINATTI, 1987, p. 15).

Figura 2 – Mulheres timorenses vestindo os tais.

Podemos afirmar que esse já é um processo de globalização que, por sua vez, pode ser encarada como ocidentalização, onde a forma do sistema econômico (capitalismo) acaba por ser aceita e copiada pelos países que ocupam posições periféricas dentro da organização mundial. É claro que as manifestações artísticas não fogem à regra.

O artesanato, importante dentro do sistema econômico, obedece às leis de oferta e procura, e, por isso, tem que corresponder às expectativas do mercado. No entanto, não se pode esquecer a essência do artesanato, da arte, que está arraigada na identidade cultural de um povo. O artesão é o herdeiro de técnicas transmitidas geração após geração e também é ele que conhece a fundo os recursos naturais da sua região. É o artesão que domina os elementos naturais e suas diversas funções; ele é o vetor dos saberes acumulados ao longo de sucessivas gerações. Os objetos por ele fabricados são um dos meios que refletem seus valores e sua visão de mundo, criando, valorizando e representando sua identidade cultural. O artesanato tem, então, papel fundamental na valorização da cultura local, bem como na defesa e afirmação dos costumes e

tradições, ou seja, na identidade compreendida na sua forma mais abrangente.

Por ser parte integrante do tecido social, o artesanato está sujeito às transformações inevitáveis da sociedade como um todo.

A assimilação de símbolos europeus é quase que inevitável em termos comerciais. No entanto, tem que haver uma política de valorização e estímulo da identidade cultural, a fim de que a sua essência não se perca, apesar dos constantes apelos, muitas vezes falsos, de modernização e progresso. A fim de se evitarem transformações drásticas no tecido social, é necessário que haja uma inovação na mentalidade e uma nova tomada de consciência por parte da população. Não podemos deixar de lado a fundamental importância no fornecimento de meios para a defesa e dinamização das tradições e costumes de um povo. Para que isso aconteça, devemos criar ambientes propícios ao diálogo entre a tradição e a modernidade, “sem promover uma pseudocultura, com tendência comercial, que procura explorar o sentimento genuinamente timorense. (COSTA, In: SEIXAS e ENGELENHOVEN, 2006, p. 98.).

Essa era uma questão que preocupava muito Cinatti. Como profundo admirador da arte timorense, e como antropólogo, na sua visão essa descaracterização representava uma ruptura na cultura local:

[...] detive-me a esquadrinhar os panos em factura. Com grande espanto meu, os motivos figurados nada tinham de timorenses. Exemplificavam nada menos que côrtes angelicais, cisnes, candelabros e flores, sequer alterados pelo engenho autóctone. Eram, sim, meras cópias de modelos europeus da mais provecta banalidade via “modas e bordados” ou do não menos provecto gosto missionário de tanto agrado entre a população feminina metropolitana e timorense convertida. Motivos verdadeiramente timorenses acabei por descobri-los, mas reduzidos a insignificantes bordaduras geométricas. Inquirida a razão porque não usavam os motivos de antanho e que tão belamente guarnecem os panos tecidos em trama suplementar –

técnica hoje abandonada -, confirmaram as conclusões a que eu antes chegara: o seu gosto imagético modificara-se ou fora suplantado pelas preferências das “senhoras mãres” e das “senhoras malais”, as europeias. Acrescentaram ainda que o uso dos panos de algodão importados (vulgo “chita”) diminuiria o fabrico local e que, quanto aos motivos antigos, mais do agrado dos homens, tinham deixado de os utilizar desde que o “senhor administrador” proibira os panos à população masculina. (CINATTI, 1987, p. 14).

Aqui cabe uma rápida reflexão acerca do conceito de cultura. Não pretendemos fazer longas e profundas análises acerca desse conceito, mas apenas ter em mente um breve questionamento do que é, afinal, cultura. Esse conceito foi definido pela primeira vez pelo antropólogo Edward Tylor, no livro *Primitive Culture*, de 1871, onde procura demonstrar o carácter sistemático da cultura, já que esse seria um fenómeno natural que possui causas e regularidades, o que permite um estudo objetivo e uma análise capazes de proporcionar a formulação de leis sobre o processo cultural e a evolução. (LARAIA, 2001).

Podemos então dizer que o conceito de cultura é de difícil definição, uma vez que é bastante complexo, pois aborda diversos aspectos igualmente complexos, como identidade, memória, tradição, etc. A cultura não pode ser entendida como algo estático, único. Ao contrário, é um conjunto de fatores que se interpenetram e se complementam e não pode ser visto por uma só face. Ao tomarmos consciência da nossa cultura, tomamos também consciência de nossos valores, daí a importância da valorização e, muitas vezes, do resgate da cultura para a manutenção da memória de um povo e seu consequente autorreconhecimento:

A cultura não é somente o que se aprende nos bancos das escolas e noutras instituições, mas também a “memória” de um povo e a consciência dos valores que o rodeiam. Por isso, cultura não é apenas dança, música, formas literárias, mas ainda os aspectos

tradicionais, bem como todos os caminhos que abrem cada povo para a valorização das suas raízes sócio-culturais. Salvar a cultura de um povo será fundamental para a compreensão da sua realidade sócio-cultural e consequente evolução histórica, porque ao menosprezar sistematicamente os valores mais representativos, como a tradição e a cultura milenar dos antepassados, corre-se o risco de cair em decadência social e consequente degradação da sua identidade histórica. (COSTA, In. SEIXAS e ENGELENHOVEN, 2006, p. 98).

Ruy Cinatti aborda muitas questões importantes acerca da cultura timorense em seus escritos. Os estudos são verdadeiros tratados dos costumes e da desse povo; faz descrições detalhadas acerca da constituição social, ambiental etc. Muitos de seus livros contêm fotos e desenhos, como é o caso de *Motivos Artísticos Timorenses e sua Representação*, editado postumamente, em 1987, e *Um cancionário para Timor*, de 1968, mas somente editado em 1996. Por compreender que os diversos aspectos constituintes do ser humano não podem ser encarados separadamente, mas devem ser vistos como complementares, e devido, obviamente, à sua ampla formação intelectual, ao tratar de um aspecto Cinatti não deixa de lado todos os outros que estão fundamentalmente interligados ao ser humano. Para além das reflexões acerca da produção artística – que foi citada anteriormente – outro aspecto bastante interessante e fundamental para a sociedade timorense é a sacralidade que os elementos naturais e também as habitações assumem. Um dos elementos culturais timorenses que mais despertaram seu interesse foi a casa, tanto que ele chegou a chefiar uma missão organizada pela Junta de Investigações do Ultramar, que foi para Timor com a finalidade de fazer um estudo detalhado do habitat local. Foi a partir de tais estudos que Cinatti, juntamente com os arquitetos António de Sousa Mendes e Leopoldo Castro de Almeida escreveram o livro *Arquitectura Timorense*, já aqui referido.

Em Timor Leste, assim como no restante do Sudeste Asiático, as habitações são comumente construídas sobre pilares. Isso se deve ao fato de que tais construções protegem a casa de inundações e de ataques de animais, mas também remetem para a imagem de um barco virado, que vem a ser um símbolo relacionado com o mito de origem da ilha.

Cada uma das várias regiões timorenses apresenta suas características arquitetônicas próprias, distintas entre si. Nas zonas montanhosas de Maubisse e Bobonaro, as habitações possuem coberturas que descem quase até o chão, apresentam planta quadrangular, poucas divisões internas e suas paredes não são visíveis do exterior. Nas planícies de Viqueque, Suai e Ocússi, a planta é mais variável e flexível, podendo o interior possuir divisórias; as paredes exteriores são visíveis e a altura do solo é menor. Já na região de Lautém, as habitações são bastante singulares; possuem planta quadrangular, altura bastante significativa e são sustentadas por pilares mais altos. Em Baucau, as habitações são assentes no solo. As casas e a maneira como são construídas evocam as crenças animistas, segundo as quais o cosmo, de que a casa é como que uma miniatura, é composto de três partes: o mundo subterrâneo, habitado por seres misteriosos; a terra, morada dos homens, e, finalmente, o céu, que é o mundo dos espíritos. As habitações da região de Lautém são um bom exemplo de construção condizente com essa filosofia.

Figura 3 – Ruy Cinatti e timorense em frente a uma casa típica da região de Lautém.

Uma casa é considerada algo sagrado e sua construção envolve um sofisticado ritual. Como não poderia deixar de ser, em uma sociedade altamente plural as muitas regiões de Timor apresentam tipos de casas diferentes e a forma como elas são construídas vão além de características sociais ou simplesmente funcionais; elas obedecem a padrões religiosos, no caso animistas, onde tudo é dotado de valor simbólico sagrado, inclusive os materiais que são usados para sua construção. A casa é chamada de *uma* e sagrado é *lulic*, então *uma lulic* é casa sagrada. A *uma lulic* é vista não só como um lugar para se guardar objetos sagrados, mas é também onde se

fazem as reuniões e atividades sagradas, como os sacrifícios de animais aos antepassados:

A casa (*uma*)

Como a árvore e, por extensão, o aldeamento, onde a árvore tem, entre outros significados, o de ser “eixo do mundo”, a casa é uma imagem do universo total, uma representação meso-cósmica, em relação ao homem, da macro-cósmica “árvore da vida” identificada com a divindade suprema. A sua divisão em três partes que, no plano racional, se pode atribuir a normas assimiladas à economia do espaço habitacional e à defesa contra inimigos e animais daninhos, adquire, no plano religioso, expressão mais profunda por estar associada respectivamente ao mundo inferior, médio e superior, que a representação referida comporta.

O esquema evidencia-se em todas as casas timorenses, mesmo naquelas em que o seu desenvolvimento segundo a horizontal o torna menos aparente. Por outro lado, é ainda símbolo de representações ligadas à origem das gentes que a habitam ou a vínculos estabelecidos por algumas etnias. Os grupos de língua tétum, moradores nas zonas altas do noroeste de Timor, dizem que a casa é a imagem do barco em que os antepassados chegaram à ilha; uma vez em terra, viraram-no de quilha para o ar e transformaram-no em habitação. Os Fatlucos de Lautem associam partes constituintes da casa ao motivo barco, indicando, pela postura da porta, a direção longínqua de onde se dizem originários. As gentes de Viquéque encontram nela as formas de um búfalo e como tal a consideram; recordam, porventura, a associação mítica entre o búfalo e o crocodilo, responsável este pela vinda daquele de terras do oeste. Podem, de facto, através das formas das casas e da sua orientação, se estabelecer relações genéticas com outras casas de regiões díspares do Sudeste asiático, que denotam similares afinidades culturais e rácicas para os seus constructores: os próprios mitos corroboram-no e aludem a topónimos de expressão geográfica, como Luzon, nas Filipinas, e Malaca, na península de mesmo nome. [...]. Se o binómio “árvore-casa” estabelece para os timorenses relações entre o homem e seu mundo metafísico, o binómio “homem-casa” é para eles a expressão da relação desse mundo simbólico com a ordem social na sua forma mais estática. De facto, e por diferentes que sejam as casas, de que se distinguem sete tipos, há sempre um modelo ideal a

que todas se reportam, onde se incorporam e reflectem as categorias fundamentais do pensamento timorense. Para começar, a casa retrata a célula familiar e os atributos de cada um dos cônjuges e espelha no plano interno o dualismo conceptual da religião dos timorenses. [...]. Em situação simultânea à do grupo familiar, a casa timorense exprime a ordem social, não só quanto à categoria das pessoas que a habitam, o que se evidencia nas casas dos chefes, mas ainda, ou sobretudo, pela própria estrutura. (CINATTI, 1987, p. 163.).

Figura 4 - Detalhe de casa timorense da região de Lautém.

Figura 5 – Detalhe de desenhos em uma casa. Pela quantidade e riqueza dos desenhos, esta é provavelmente a casa de um *liurai*.

As cerimônias são usualmente acompanhadas por cânticos - composições em verso que se destinam a várias funções. Diversos termos classificam tais composições: *ai-knananuk*, ou *ai-kananuk*, *knananuk* ou *kananuk*, cantiga, loa, *dadoulik*, estrofes, versos e *baito'a*, cânticos fúnebres; podem ser recitadas ou cantadas ou ainda acompanhadas por danças. No processo de construção é declamado um *dadoulik*, dividido em sete partes, assim como a própria construção da casa. O *dadoulik* tem como função invocar os espíritos dos antepassados a fim de achar respostas às dúvidas que surgem ao longo do processo. Muitas pessoas trabalham na construção, quase todas com algum grau de parentesco. A evocação do *dadoulik* é uma maneira de reviver o processo passado na construção, revivendo desde as etapas fundamentais até as finais. Em um texto datado de

1965, inserido em *Um Cancioneiro para Timor*, Cinatti descreve o ritual do *dadoulik*:

O momento canónico dessas cerimónias, a cargo de sacerdotes gentios, é a declamação de um *dadoulik*, espécie de ode propiciatória em que se evocam os antepassados, se roga a proteção da Divindade Suprema e se vão expondo as dúvidas que surgem no processo de construção da casa, como se se interrogasse o modo de a realizar. Essas perguntas têm uma resposta, que, no poema, se transforma em acção imediata. Assim se vão reconstituindo as fases fundamentais, desde o início, em que se colheram materiais necessários, até ao remate da cobertura, tendo o trabalho um sentido de resposta eficiente de Deus à dúvida do Homem que quer realizar. É a casa que se consagra, perante a assistência numerosa dos habitantes de um grupo de aldeias, quase todos ligados por laços de diversos graus de parentesco. Dividido em sete partes, correspondentes às fases fundamentais da construção, o *dadoulik* segue uma linha de desenvolvimento intermitente que se assemelha às imagens construídas pelos fragmentos multicolores de um caleidoscópio. Mas, ao contrário do que sucede com o caleidoscópio, persiste um sentido e define-se um propósito, como em tudo a que o Homem pretende dar uma finalidade. O movimento narrativo deste *dadoulik* vai-se encadeando em repetições sucessivas que, insensivelmente, nos aproximam do objetivo último do poema. Esse processo expressivo, já de si suficiente para prender a atenção aos auditores – muitos deles participantes activos na construção da casa e que vão revivendo e enchendo de sentido o trabalho passado –, é reforçado por um paralelismo formal, análogo à tradição bíblica, que aparece também nas nossas cantigas de amigo. São dísticos emparelhados exprimindo a mesma ideia em cada um deles, apenas com a mudança de uma ou outra palavra. [...] sacrificam-se animais, lêem-se-lhes as entranhas, as oferendas sobem com o fumo das fogueiras, seguidas do pasmo silencioso da multidão. Perde-se a noção do tempo, vive-se na eternidade, assiste-se à criação do mundo naquela casa que acaba de consagrar-se. (CINATTI, 1996, pp. 45-46.).

A seguir citaremos partes de um *dadoulik* descoberto por Cinatti na área de Fohorém, uma região de língua tétum. Cinatti somente

destacou a primeira, a segunda e a sétima partes do *dadoulik*, e diz que tentou, na tradução, manter o ritmo original. Não devemos deixar de notar que no último verso da última estrofe, o sacerdote dá fim ao cântico e inicia a festa profana.

CONSAGRAÇÃO DE UMA CASA TIMORENSE

I

Pais senhores eles, vó senhores eles,
 Senhores trevas eles, senhores noite eles,
 Senhores antigos eles, senhores da palavra eles.
 Agora mesmo partir já, andar já ir,
 Braceletes brancos eles, coqueiro rebentos eles.
 Figura homem madeira voz, pau rosa voz.
 Casa cabeça voz, capim voz;
 Conjunto peças, voz,
 Materiais juntos vo.
 Acorrer já ir, partir já ir,
 Agora mesmo ir pedir, agora mesmo ir rogar,
 Pai Deus, império Deus,
 Agora mesmo fazer como, agir de que maneira?
 Estender sair vir, dar sair vir,
 Corpo cão velho, machado antigo,
 Catana antiga, ferro venerando,
 Receber tomar já, ter na mão, tomar já.
 Levar até vir, trazer até vir,
 Em terra umbigo, em terra centro,
 Em pedra angular, pátio sagrado,
 Terra plana, terra nivelada.
 A terra alarga-se, a terra rasga-se.
 Agora mesmo receber tomar, ora ter na mão,
 Para ir cortar, ir descascar,
 Em três ermos, em três sombras,
 Cortar pronto, aparar bem,
 Árvore kiar mãe, pau-tó mãe,
 Agora estar cortando, estar aparando,
 Tomba com fragor, parte-se estilhaçando,
 Ponta para o mar, raiz para a montanha,
 Aparar de novo, aperfeiçoando,
 Fazer corpo chefe, tronco rela,
 Queixo real, de ar nobre,
 Terra plana, terra nivelada,
 O cimeiro seguir um ao outro, o pé um ao outro.

II

Passada a primeira fase, cortados os primeiros prumos,
 Depois que tudo correu bem,
 Fazer como, fazer de que modo?
 Ir pedir de novo, suplicar novamente,
 Pai Deus, império Deus,
 Agora mesmo fazer como, agir de que maneira?
 Ir cortar, tomar ir, buscar cortando,
 Cortar terra filho, planta terra filho,
 Cortar terra em rebento, planta terra,
 Com pau de levar, com pau de equilibrar,
 Levar até ir, trazer até ir,
 Em três cerrados, em três ermos,
 Estão atando, amarrando andam,
 Atar pontas só, amarrar as bases só,
 Atando bem, peso igual,
 Já andam levantando, já sustentando aos ombros,
 Levantando aos gritos, levando em algazarra,
 Dançando o Hou-ló, dançando o Herlele,
 Entoando o Sala-makat e o Daá-doun,
 Cão estrangeiro, galo estrangeiro,
Cantar o Kolo-Kolo e o Bui-muk,
 Levar até vir, trazer até vir,
 Terra plana, terra nivelada,
 Em terra umbigo, em terra centro,
 Em terra meio, em terra eixo,
 Junto pedra angular, em pátio sagrado,
 Colocar plano, pôr ordenadamente,
 O cimeiro seguir um ao outro, o pé um ao outro.

VII

Passada a sexta fase, cortados os sextos prumos,
 Depois que tudo correr bem,
 Fazer como, fazer de que modo?
 Mais suportes ferro, estacas de oiro,
 Estender taboas ferro, taboas de oiro.
 Mais paus, mais travessões,
 Cepo grosso ferro, tronco de oiro,
 Laraz ferro, laraz doirado,
 Cordame sol, capim soalheiro,
 Ajustando o capim para a cobertura,
 Fazendo redilhados com as nervuras,
 Dando pontos direitos, dando pontos cruzados,
 Já aparece o dente, já lhe colocam o telhado.
 A boca emudece, a voz apaga-se.
 (CINATTI, 1965, pp. 22-25).

Percebemos que a casa, assim como seu processo de construção, é parte integrante de toda uma religiosidade. É um elemento simbólico, rico de significações. A organização da aldeia também segue uma ordem, ditada pelo Universo. A aldeia e a casa são representações do mundo, e a disposição, a forma como é construída esta última, segue esse “simbolismo cósmico”. A casa é mais que tão somente uma construção onde as pessoas irão viver; ela é, antes de tudo, a representação de uma nova vida, de um novo ciclo. A casa é *lulic*, um ser sagrado, e, assim como nós, também tem uma alma. Esta é a filosofia animista: tudo é dotado de alma, portanto é sagrado. O universo animista está dividido em três mundos: céu, Terra e regiões inferiores. O céu é a morada das entidades divinas; a Terra, a morada do mundo dos vivos; e as regiões inferiores, subterrâneas, a morada dos mortos, dos antepassados, ou seja, os espíritos.

Dois mundos se opõem perante o timorense: o seu “mundo”, o Cosmos, o território onde ele habita, e o espaço desconhecido e indeterminado que o cerca, o Caos, povoado de mil demônios e de um sem número de almas dos mortos.

Situar-se num lugar, organizá-lo, habitá-lo, são acções que pressupõem a sua consagração e participação da santidade da obra divina. A instalação num território equivale à fundação de um mundo: a divisão da aldeia em quatro sectores corresponderá à divisão do Universo conhecido em quatro horizontes: no meio da aldeia erguer-se-á a casa cultural (a *uma lulic*) cujo telhado representa o Céu, bem como a copa da árvore grande ou a escarpada montanha. Por baixo da terra, na outra extremidade, situa-se o mundo dos mortos, simbolizado pelas serpentes e crocodilos.

O pequeno mundo timorense, a aldeia, está organizado num sistema inteligível: o lugar, sacralizado, provocou uma rotura na homogeneidade do espaço tornando possível assim a comunicação dos três níveis cósmicos entre si: Céu, Terra e regiões inferiores, através de uma abertura, casa cultural, altar ou poste sagrado (*axis mundi*). Tal eixo cósmico situa-se no próprio centro do Universo porque a totalidade do mundo habitável estende-se a volta dele. Os “ai-arabaudiu”,

grandes postes de seis e sete metros, que se encontram nas aldeias "mambai" das montanhas, são colocados em sítios dominantes, assentes sobre enormes socos de pedra, em grupos de dois e três, e ornamentados com numerosos chifres de búfalos abatidos durante os "estilos".

Na estrutura da habitação revela-se o simbolismo cósmico: a casa é uma imagem do mundo, a sua cobertura é o Céu, o pilar ou poste principal é assimilado ao "eixo do mundo" que sustenta o imenso tecto celeste e desempenha um papel ritual importante: é na sua base que têm lugar os sacrifícios em honra do ser supremo, Marômac. "... Dois postes grandes e grossos irrompem na grande sala e suportam por si só grande parte do peso da cobertura: são o *Kakaluk rai* e o *Kakaluk lor*. O *Kakaluk lor*, símbolo do culto da casa, é objeto de especiais atenções: no chão, junto dele, o chefe da família coloca um prato de pedra, o "lor fufuhum", e, sobre a lareira, dispõe um outro, o "lor hun".

Toda a construção e inauguração de uma moradia equivalem a um começo, a uma nova vida: para que a obra dure e "viva", deve ser animada, isto é, deve receber ao mesmo tempo uma vida e uma alma. A transferência da alma só é possível pela via de um sacrifício sangrento. (CINATTI; ALMEIDA e MENDES, 1987, p. 36.).

Para os animistas, o culto aos antepassados é fundamental. As montanhas, as florestas, as pedras e as árvores têm alma e assumem lugar de destaque, tanto quanto o homem. Podemos ver isso bastante claramente no poema "Antepassados", onde Cinatti descreve bem esse culto aos antepassados e a importância que eles assumem. Os elementos da natureza são os antepassados e, por isso, são dignos de veneração. As pedras são os avós, e tomam vida durante a noite, deslocam-se e retornam ao seu lugar ao amanhecer:

Antepassados

As pedras ancestrais têm um nome
que todos sabem ser o de avós.
À noite, quando os vivos dormem,
as pedras deslocam-se,

trocam os poisos,
indagam uns pelos outros,
seres que lhes dão vida,
servem-se de nomes
intransmissíveis,
afirmam fome.

Antes que a manhã venha perturbar
o sono dos vivos,
retomam o parecer quotidiano
de pedras antigas.
Cobrem-se de musgo,
captam orvalho.
(CINATTI, 1992, p. 489.)

Sustentando uma relação harmônica entre o Homem e a natureza, Ruy Cinatti atribuía aos elementos naturais um valor simbólico e sagrado. Devido a essa singular capacidade de conceber a natureza como *lulik*, os timorenses enxergaram-no e aceitaram-no como irmão. Os laços de fraternidade estabelecidos entre o poeta e a ilha consolidaram-se cada vez mais e os timorenses respeitaram-no profundamente. Em uma carta a um professor seu de Oxford, escreve:

Estou muito feliz em Timor. [...]. Esta ilha é um paraíso antropológico, completamente ignorado e demasiado vasto para um homem só [...]. Encontrei três lugares com pinturas rupestres, qualquer dos três no extremo leste da ilha, distrito de Lautém, posto administrativo de Tutuala [...]. Tudo somado, estou muito feliz e não voltarei à Europa dentro dos próximos seis meses. Os Timorenses são meus amigos e um deles disse que eu era como Deus. ("*Sr. Eng. à nêsa Maromák*"). (CINATTI, apud. STILWELL, 1995, p. 302.).

Como ressalta Peter Stilwell, essa observação do timorense corresponde à forma tradicional de tratar um ancião, manifestando respeito pela sabedoria e a justiça da divindade suprema. Esta declaração do amigo timorense só reforça a profunda relação de amizade e cumplicidade que se criou entre Cinatti e os nativos da ilha.

Essas ideias estão bem representadas no poema "Premonição". Tanto a integração do poeta com a natureza, revelada pela subida ao monte, como a atenção que dispensava às questões timorenses, revelada pela sua cumplicidade com "as praias e horizontes", são belamente ressaltadas em seus versos. A subida ao monte Tata-Mai-Lau tem um significado simbólico. Ao subir o monte mais alto, o homem consegue enxergar a verdade das coisas. Ao chegar ao topo de uma montanha, o homem evolui e, a partir de então, começa a ser capaz de desvendar o mistério da vida. Sobre o Tata-Mai-Lau, Cinatti escreve que: "O próprio nome Tata-Mai-Lau, cuja tradução evidente será a de 'Pico do Avô', na acepção de mais alto ou de antepassado mais antigo, congrega os predicados positivos e negativos do conceito de sagrado" (CINATTI, 1992, p. 562.). Os montes são sagrados para os timorenses, e o Tata-Mai-Lau, por ser o "Pico do Avô", tem uma simbologia própria, que denota sabedoria suprema. É por esse motivo que o poeta deve subi-lo para enxergar a verdade:

Premonição

Hei-de chorar
as praias mansas de Díbar e Díli,
as manhãs, mesas de bruma, de Lautém,
os horizontes transmarinhos de Dáre,
as planícies agrícolas
de Same e de Suai.

Ao tat-Mai-Lau,
Avô dos Montes,
Hei-de subir
- e descer à chá verdade
Que todos negaceiam,
A verdade – minto! – que já tardam
Os que por Timor não se esqueceram,
Pecando por atraso,
Malícia tibieza.
Timor e Timorenses isolados!
(CINATTI, 1992, p. 475.).

Assim como os montes e montanhas, a árvore também tem um papel fundamental. Se a considerarmos economicamente, sua importância é enorme, pois sua preservação garante o futuro das florestas e, conseqüentemente, do próprio ser humano. Ela é a “garantia do pão”, como afirmou o próprio Cinatti. Mas, para os timorenses, sua importância vai além. A árvore tem, assim como a montanha, uma categoria especial, pois ela é fonte de vida. Dela se obtêm o alimento, dela se faz o abrigo - é com suas folhas que se reveste o telhado e, muitas vezes, as paredes das casas -, sem falar dos utensílios domésticos e de uso geral, como a cestaria, muito útil no dia a dia. Ela é também fundamental nos ritos sagrados e nas reuniões político-sociais das aldeias; é em volta dela que se realizam as reuniões onde se discutem os destinos da comunidade:

De tudo isto se apercebem os timorenses que, por configuração mental própria à sua cultura, a elevaram à categoria de símbolo, do qual decorrem quase todas as suas atividades sagradas e profanas. A árvore é, conseqüentemente, o símbolo de uma ordem, o esteio do mundo cósmico que a envolve, a sua representação mais fidedigna. À árvore são dedicados cuidados especiais, mormente quando se tem em vista determinadas espécies representativas da ordem enunciada, como o gondão (*Ficus* spp.), a *ai-anhec* (*Alstonia scholaris*), a *ai-tó* (*Cordyline fruticosa*), os tufos de bambú, etc., e, em conjunto, os bosques sagrado das cumeadas ou de sítios mais singulares. (CINATTI, 1987, p. 162).

Em *Arquitectura Timorense*, o *ai-tó* é assim descrito: “Nas hortas e cultivos é vulgar os agricultores colocarem os *ai-tós*, que são troncos de madeira em forma antropomórfica e simbolizam os antepassados de linhagem.” (CINATTI, ALMEIDA e MENDES, 1987, p. 36).

Podemos pensar as estadias de Cinatti em Timor em três fases: a primeira, de 1946 a 1949, como chefe de gabinete do governador Óscar Ruas; a segunda, de 1951 a 1956, onde desempenhou a

função de chefe da recém-criada Repartição de Agricultura, e a terceira em anos em que ele esteve lá por diversos períodos – 1958; 1961 a 1963 e 1966 – não só como agrônomo, mas também como antropólogo.

É justamente essa formação antropológica que faz com que o autor estabeleça essa relação de proximidade e cumplicidade com o timorense. Em entrevista ao jornal “A Voz de Timor” datada de 1972, Cinatti falou sobre suas estadias no país. Os trechos a seguir descrevem a segunda e a terceira fases em que ele esteve na ilha:

Da segunda vez — 1951–1956 — coube-me a chefia da Repartição de Agricultura recém-criada e, consequentemente, desprovida do mínimo de requisitos indispensáveis ao eficaz funcionamento, mormente em pessoal técnico. A minha acção no campo das realizações práticas, com vistas ao futuro, foi pouco menos que anedótica. As “circunstâncias adversas” (colocadas eloquentemente entre aspas...) e a falta de preparação dos serviços pouco mais permitiram do que a mera rotina: sementes, vacinas, raticidas, as primeiras debulhadoras de arroz e muita informação e escrita que nem a todos aproveitou. Assim se explica que os Serviços fossem conhecidos como serviço do “aspirante” (único funcionário de secretaria) e do “desinfectante”. Tive, no entanto, o ensejo de me afirmar num conhecimento que, provindo de Timor, poderia ser aplicado a Timor.

1958, 1961-63 e 1966 são anos em que estive em Timor por períodos mais ou menos longos, não apenas como agrônomo, mas também antropólogo, livre de peias burocráticas. Em 1958, estudava a habitação timorense e considerava-a motivo de inspiração para os arquitectos ou engenheiros a quem competia a construção de moradias urbanas ou de feição cosmopolita. Em 1961-63 e 1966, aprofundi a investigação etnológica, encontrando, por dedução metodológica, alguns conjuntos de pinturas rupestres no extremo leste, em Tutuala. O meu interesse pela Arqueologia já tinha dado azo a que, em 1954, em colaboração com dois investigadores metropolitanos, tivesse encontrado jazidas de artefactos atribuídos ao período Mesolítico. Aumentava, entretanto, o herbário, agora ao todo já perto das 2.000 espécies. Dão notícia destas actividades as publicações *Useful Plants in Portuguese Timor* (1965), *As Pinturas Rupestres de*

Timor (1963), *Tipos de Habitação* (1964) e *A Pescaria do Bé-Malai* (1965), a que foi dada boa divulgação. Poeticamente, escrevi *Um Cancioneiro para Timor* (1968), visto em letra de imprensa em *A Voz de Timor* mas ainda não publicado em livro, e *Uma Sequência Timorense* (1971). São obras que dão testemunho da identificação operada entre mim e Timor, como que a confirmar o verso de Camões – “converte-se o amado na coisa amada”. (CINATTI, 1972, pp. 3-4.).

Para uma melhor compreensão do contexto histórico em que Cinatti foi para Timor pela primeira vez, não podemos deixar de falar da invasão japonesa naquele território – ocorrida em 1942 - depois da conquista da Malásia, do arquipélago da Indonésia e do Sul do Pacífico.

Com a sua campanha expansionista, em 1940 o Japão assinou o Pacto Tripartite com a Alemanha nazista e a Itália fascista a fim de formar os poderes do Eixo, o que culminou com embargos, por parte dos Estados Unidos da América, contra as importações japonesas de metal e gasolina e com o fechamento do Canal do Panamá a embarcações japonesas. A situação agravou-se e em 1941 o Japão avançou para o Norte da Indonésia. Os japoneses viviam um ambicioso momento de expansão de seus domínios. Num curto espaço de seis meses, o colonialismo europeu era erradicado da Ásia. Em junho de 1942, o Japão já dominava a Indochina Francesa e se vangloriava de ter a supremacia naval no Pacífico. Não tardou a tomar depois Hong Kong, Malásia, Singapura, Índias Orientais Holandesas, Bornéu, Filipinas, Andamãs e Birmânia.

Dez dias após o ataque japonês à base americana de Pearl Harbor (ocorrido em 7 de dezembro de 1941), tropas australianas e holandesas desembarcaram em Díli - apesar dos protestos do governo português, que invocou sua neutralidade - com o pretexto de defenderem o território timorense de um possível ataque das tropas japonesas.

O governo português protestou contra os ocupantes e conseguiu estabelecer um acordo que determinou que as tropas holandesas e australianas fossem substituídas por tropas portuguesas. No entanto, enquanto as tropas portuguesas estavam a caminho, ocorreu a invasão da ilha pelo Japão. Em 19 de fevereiro de 1942, Díli foi bombardeada pelos japoneses, que iniciaram a ocupação, que durou três anos e foi conhecida como uma das mais sangrentas e destruidoras da história do Timor. Segundo o relato do então Ministro das Colônias, Marcello Caetano:

Díli sofrera 97 bombardeamentos aéreos. Da cidade restavam apenas 10 casas! Por toda parte havia crateras e capim. O hospital fora poupado... Desapareceram totalmente as povoações de Manatutu, de Lautém, de Alieu, de Maubisse, de Ainaro, de Viqueque, de Ermera e outras. Volatilizaram-se edifícios de circunscrições e de postos, hospitais, postos sanitários, escolas, missões e quartéis. (CAETANO, Marcello, apud. STILWELL, Peter, 1995, p. 175.).

O cenário do entre guerras é bastante significativo, pois foi nesse período que se deu o apogeu do sistema colonial do Sudeste Asiático. A presença japonesa foi, no entanto, a mais notória, ocupando toda a região. Devido à sua localização, o Timor Leste era considerado um ponto estratégico para os japoneses. Essa ocupação durou três anos e ficou conhecida como uma das mais sangrentas e destruidoras da história do Timor Leste.

Somente em março de 1944 o Japão consentiu que o governo português enviasse a Timor uma missão oficial de inquérito, constituída por militares e funcionários administrativos, a fim de analisar a situação timorense.

Foi justamente nesse período que Ruy Cinatti, na altura um jovem recém-formado em engenharia agrônoma, ofereceu seus serviços ao então Ministro das Colônias, Marcello Caetano, que, no entanto, rejeitou sua oferta.

No início de 1946, não vendo perspectivas de carreira e bastante insatisfeito com a falta de reconhecimento no trabalho, Ruy Cinatti demitiu-se da companhia de aviação Pan American, onde desempenhava a função de meteorologista. A essa altura, o Ministro Marcello Caetano nomeou uma nova administração para Timor.

O futuro governador, o capitão Óscar Ruas, fez um convite para que fosse seu secretário e chefe de gabinete. O convite foi prontamente aceito, e Cinatti chegou finalmente em Timor no mês de julho de 1946, num triste cenário de fome e destruição. A reconstrução era urgente e deveria ser tratada como prioridade. Os sucessivos desmatamentos das florestas causados pelos bombardeios o deixam revoltado e bastante apreensivo:

Não se podem imaginar os estragos causados pela fúria de destruição dos japoneses. São os edifícios e as florestas. Foram as manadas de cavalos e os rebanhos de búfalos. Até os veados. E o estado miserável da população [...] confirma o martírio e a fome a que a ilha esteve sujeita desde 1942. (CINATTI, apud. STILWELL, 1995, p. 188.).

Na entrevista de 1972, Ruy Cinatti falou sobre sua chegada em Timor. Podemos notar sua preocupação em coletar material para suas pesquisas científicas como engenheiro agrônomo, bem como a evolução na imagem do timorense, que advém da sua visão de antropólogo:

Fui para Timor em 1946 como chefe de gabinete do governador. Motivos remotos, sempre presentes, os que atrás indiquei e sintetizo: eu estava apaixonado pelas ilhas dos Mares do Sul. Motivos imediatos, as palavras de alguns amigos que traduziam publicamente o meu pensamento mais íntimo: sonha os sonhos, mas vive-os também. Regressei de Timor em 1949. Nesta primeira estadia desempenhei durante algum tempo funções de “dona de casa” e de “aprisionado” em Lahane; decifrei e cifrei centenas de telegramas, alguns com cerca de 1.500 palavras; e servi de bloco-notas ao

governador que não se cansava de proclamar: “eu quero as galinhas a pôr ovos, as búfalas a parir e as mulheres na maternidade.” Não oficialmente, fui um dos mancebos mais felizes do mundo (à minha maneira...). Os timorenses olhavam-me e sorriam em pleno. O próprio governador respeitava as minhas “maluqueiras”. [...]. A Repartição do Gabinete chegou a ser um esboço de museu de História Natural: pedras, plantas, conchas e até dois animais vivos – a *meda* e o *laco* –, tudo em monte! Mas foi assim que fui colhendo os elementos que vieram a servir a alguns dos meus trabalhos científicos, como *Esboço Histórico do Sândalo*, *Explorações Botânicas* e *Esboço Preliminar das Formações Florestais* (1950). [...]. Comecei também a perceber que os timorenses eram algo mais do que simples figuras exóticas numa paisagem já de si exótica. Eram gente como eu e, em certos aspectos – até por dever de metropolitano –, mereciam-me maior consideração que muitos metropolitanos. (CINATTI, 1972, p. 2.).

Pelo que podemos perceber, houve nessa primeira fase um certo encantamento por parte de Cinatti. Como grande amante de viagens que era e com seu olhar humanista, a ideia de desbravar um novo lugar, distante de Portugal, muito o atraía. Já apresentava, desde a época de seus estudos de agronomia, um grande interesse pela carreira na administração colonial, o que pode justificar, entre outros fatores, a sua vontade de ir para as terras longínquas do Timor. A leitura de *A Ilha Verde e Vermelha de Timor*, de Osório de Castro também muito o influenciou:

O livro de Osório de Castro, além de ser exemplar único da história literária e de se assemelhar por estes e outros motivos à obra de Fernão Mendes Pinto, há-de ficar na literatura da especialidade como sendo a primeira contribuição moderna da fitografia timorense... O amadorismo científico e a falta de elementos informativos, longe de prejudicarem a estrutura da obra, estimulou todas as faculdades da inteligência do autor, obrigando-o a aplicar a um mundo ignoto as várias facetas do seu poderoso talento descritivo. Qualquer coisa que se lhe depare é descrita com aquela frescura e novidade de quem inventa palavras certas para um conjunto de imagens que se

experimentam pela primeira vez, sendo para considerar, sob um aspecto filosófico e político, que em 1909 tenha sido escrita por um poeta a seguinte afirmação: "Hoje a obra de colonização ou é científica ou não é nada". (CINATTI, 1992, p. 560.).

Suas primeiras impressões sobre a ilha foram realmente impactantes e o recém-chegado deslumbrou-se com as maravilhas do território. Em documento intitulado *De Timor* (1949) fez uma pequena descrição do território, onde já se pode notar seu conhecimento de botânica, num discurso um tanto quanto científico:

Quem desce pela primeira vez aos trópicos fica impressionado pela riqueza e complexidade da vida vegetal. Os panoramas de vegetação exuberante, os volumes de verdura de onde sobressaem palmeiras, bambus, árvores altíssimas e outros tipos de plantas, desencorajam, por vezes, o recém-chegado ansioso por conhecer o mundo que organizara, no seu espírito, de acordo com meia dúzia de regras aplicáveis à vegetação dos climas temperados. Tudo é novo e estranho. (CINATTI, 1949, p. 173.).

A paisagem o encantou e através dela houve uma busca da compreensão da relação do Homem com o meio em que vive; é o que liga o Homem e a Natureza. Para ele, a paisagem está além do que se vê, é algo que se sente, que se vive. É resultado de um processo bem mais complexo. A paisagem, assim como o Homem, não é imutável. Ao contrário, está em constante mutação. Seguindo a perspectiva clássica, os geógrafos percebem a paisagem como a expressão materializada das relações do Homem com a natureza, portanto não se pode dissociar a paisagem do Homem. Para Cinatti, a paisagem o liga a Timor. É o elemento primordial de ligação entre ele e o território timorense. No entanto, não é algo que se dá somente na visão, mas sim na alma. Em *Páginas de um Diário Poético*, Cinatti traduz esse sentimento da seguinte forma:

Vivo as paisagens ao sabor dos afectos da alma. Sinto-as, mais ou menos, como sinto a sede, a fome ou outro qualquer desequilíbrio fisiológico, com a diferença de que a alma não tem limites nem tempo para se saciar. É como se a elas me prendesse – filhas da mesma mãe- igual cordão de placenta, e o sangue vibrasse unânime às diversas reações que as perspectivas, formas e coloridos possam despertar. Daí o sentir-me igual, quer me encontre num deserto frente ao magnífico mistério dos astros, quer como elemento contemplativo no organismo vivo da floresta tropical. [...] A paisagem é um estado de alma, ou de consciência, como lhe chamou Amiel; como tal, susceptível e aderente a variações infinitas. [...]. De um ambiente aliciante, rico de promessas e de factos, belo como a alma do homem!... Timor. Segunda pátria minha. (CINATTI, 1948, p.2).

Foi um Timor devastado e bastante destruído que Cinatti encontrou em 1946. A invasão japonesa causara danos irreparáveis e a reconstrução se fazia urgente, daí a importância das viagens de reconhecimento, que certamente figurariam como documentação fundamental para auxiliar Timor na sua recuperação. Depois de uma dessas viagens, ressaltou a importância de um estudo mais detalhado da ilha, a fim de realizar um plano de aproveitamento consciente e eficaz do território:

Verifico uma vez mais que o estudo da ilha, sobre qualquer aspecto – inclusive o administrativo –, muito pode lucrar com estas vistas panorâmicas da janela de um avião. É de esperar que, num futuro mais ou menos próximo, alguém se lembre de executar uma carta agro-florestal com base na fotografia aérea. Um trabalho desta ordem permitirá a elaboração definitiva de um plano de aproveitamento das zonas de maior valia, a delimitação das manchas florestais e das áreas exploradas pela agricultura, bem como a ordenação administrativa de Timor. (CINATTI, 1947, p.2)

O estranhamento e a novidade provocaram uma imensa sensação de felicidade e vontade de percorrer a ilha em viagens de

reconhecimento, o que ele efetivamente fez juntamente com o Governador. Entregou-se com ardor ao reconhecimento do território:

Foi assim que reconheci a maior parte da ilha, através de viagens repetidas que só vincaram o que havia de normal a observar. De avião, de automóvel e a cavalo, estas excursões abrangeram toda a ilha, desde a ponta de Tutuala, no extremo leste, ao território de Ocussi, na parte oeste. (CINATTI, 1950, p. 47).

De fato, Cinatti era dotado de uma grande capacidade de visão global. Isso quer dizer que, ao pensar sobre o Homem, não se pode deixar de lado o meio que o envolve, desde a cultura, a culinária, as vestimentas, os ritos e também o seu habitat como um todo. Tudo isso não é apenas curiosidade científica. É, antes de tudo, material riquíssimo para uma melhor compreensão das condições humanas. Os elementos que compõem o ambiente não podem ser analisados separadamente do Homem. Ao contrário, um complementa o outro.

A singular aproximação que Cinatti estabeleceu com os timorenses lhe deu oportunidade de se aprofundar em todos esses aspectos, o que só intensificou os saberes acerca daquela terra tão diferente e distante de Portugal. Defende ainda que o amplo conhecimento do território é garantia de uma colonização melhor realizada, ou seja, de parceria e não tão somente de exploração. Quanto mais se conhece sobre um local e seus habitantes, mais fácil é a aproximação e, conseqüentemente, a relação entre as pessoas:

Como disse, foi o convívio, mais do que outra qualquer preocupação intelectual de ordem extrínseca, que me levou a receber a lição de geografia humana, de etnografia, de filologia, e, portanto, de solidariedade, que Timor nos oferece. Com ela, recebi a força que define o defensor de uma causa amada. A simples colheita de plantas obriga a desviar a atenção para fenómenos que outras funções estão longe de valorizar. Foi assim que, sem o saber, estive seguindo os métodos de uma ciência nova: a etnobotânica agronómica, que em certos países coloniais já deu

provas fundamentais de utilidade na fixação, educação, elevação do nível de vida do indígena e do europeu. Por outras palavras, procurei, à mingua de pessoa mais qualificada, dentro dos limites impostos pelas minhas funções e consideradas as deficiências próprias, ilustrar o conceito expresso pelo falecido professor Witnich Carrisso: "O trabalho do botânico não pretende apenas alcançar, com objetivos de ciência pura, o conhecimento das formas vegetais e das suas associações. Visa ainda outros objetivos: a investigação das condições do meio físico e biológico, do quadro em que a atividade humana se há-de desenvolver, em que a colonização se há-de realizar, no seu triplo aspecto de valorização das raças indígenas, de fixação da raça colonizadora e da colaboração harmónica entre ambas." Timor precisa de gente nova que desempenhe, no campo das atividades materiais, o mesmo papel que os missionários desempenham no campo espiritual. (CINATTI, 1949, p. 50.).

Foi através dessas inúmeras viagens de reconhecimento pelo território que ele se aproximou cada vez mais do timorense, penetrando em sua cultura. Com interesse antropológico, começou a perceber que aqueles nativos de uma terra tão distante e diferente da sua na realidade eram homens como ele, com a mesma essência. Reconheceu-os como semelhantes. O que a princípio parecia tão distante, começa a se tornar próximo. Na introdução ao livro *Um Cancioneiro para Timor*, ele apontou que:

Os ilhéus, esses, levaria mais tempo a descobrir: não os distinguia senão pela qualidade de humanos, movendo-se como figurantes de um cenário mágico. Poderiam, no entanto, ser outros – iguais ou diferentes dos de uma ilha próxima. Mas foi por simpatia, início de vivência redobrada, e menos por curiosidade renascida, que o Timorense se destacou da paisagem comum: símbolo de gentes exóticas; abstração humanística; corpo e alma que por mim passava e me dera o seu nome para que eu o chamasse... O Timorense meu amigo era, afinal, um homem como eu. (CINATTI, 1996, pp. 20-21).

Ruy Cinatti começou a enxergar o timorense não como uma figura destacada, mas como um semelhante, e passou a ter uma grande preocupação em conhecer e, principalmente, respeitar sua cultura. A partir de então, os laços de amizade intensificaram-se e chegou mesmo a fazer um pacto de sangue com dois *liurais* timorenses, D. Armando Barreto, *liurai* de Aissa, e D. Adelino Ximénes, *liurai* de Loré, permitindo-lhe isso acesso a segredos, como a existência de pinturas rupestres ocultas.

Quanto aos timorenses e à relação que com eles estabeleci, que em parte deriva da minha mentalidade de agrônomo e de poeta, devo dizer que, aprofundando desta vez a experiência da minha primeira estadia, os considero gente em si provida de dotes excelentes, muito embora o condicionalismo a que estão submetidos, a que não é estranho o que lhes é imposto, não tenha desenvolvido esses dotes a altura desejada. Os juramentos de sangue que realizei com dois chefes timorenses abriram muitas portas a um entendimento que congraçou sentimento e sabedoria. *Em Favor do Timorense* (1956) e *Breve Tratado da Província de Timor* (1964) são escritos meus posteriores que desenvolvem esta conclusão. (CINATTI, 1972, p.4.).

Em *Para uma Corografia Emotiva de Timor*, Cinatti apontou que "o juramento de sangue, a que ambos prestámos de mútuo acordo, foi celebrado pelo segundo cântico, originalmente em *fataluku*, língua do extremo leste de Timor". Em seguida, transcreveu o cântico:

Nobres há muitos. É verdade.
Verdade. Homens muitos. É muito verdade.
Verdade, que com um lenço velho
as nossas mãos foram enlaçadas.

Nós como aliados, eu digo.
Panos, um só, tal qual afirmo.
A Lua ilumina minha face.
O Sol ilumina o aliado.
Água de Héler! Pelo vaso sagrado!
Nunca esqueça isto o aliado.

Juntos, combater, eu quero.
 Com o aliado, combater, eu quero!
 A Lua ilumina a minha face.
 O Sol ilumina o aliado.
 Poderemos, talvez, ser derrotados
 Ou combatidos, mas somente unidos.
 (CINATTI, 1992, p. 549).

Já em *Paisagens Timorenses com Vultos*, descreveu mais detalhadamente esse ritual, onde se percebe a importância dos elementos naturais como fonte da energia que irá unir os dois homens:

Corta-se um dedo, mete-se dentro de um copo com tuasabo, aguardente de palmeira, e depois bebe-se. Há um sacerdote gentio que diz "*Maromak feto ! Maromak mane !*", que quer dizer: "a energia que atravessa o sol fêmea, a energia que atravessa o sol macho". A seguir, tal como sucede na consagração a um bispo, as mãos unidas e um lenço enrolado à volta delas, canta-se um poema: nós dois somos amigos, se vencermos somos iguais, se formos derrotados somos iguais, tu bebeste a água da ribeira dela, eu também bebi a água da ribeira dela. (CINATTI, 1992, p. 549.).

Podemos afirmar, então, que sua preocupação não se restringia apenas às condições econômicas e ao aproveitamento racional dos recursos materiais da ilha. A situação do povo timorense figurava como peça fundamental nesse complexo jogo. Para Cinatti, o timorense é a essência da ilha, e é extremamente necessário e fundamental conhecê-lo e, especialmente, respeitá-lo. O mais importante nesse estreitamento de relações com os timorenses é, sem dúvida, o fato de ele ter sido aceito pelos habitantes da ilha como um irmão.

Esse contato mais próximo com os timorenses e as constantes viagens pela ilha são seus maiores interesses e o deixam bastante feliz. O fato de estar longe de Portugal também parece agradá-lo muito. Ele deixou isso bem claro em vários momentos, como, por exemplo, no seguinte trecho de *Páginas de um Diário Poético*:

São quatro e meia da tarde. A chuva deve durar mais hora e meia. Não há nada a fazer. Sinto-me feliz, contente... Supor que me encontro tão longe de tudo!... Longe das complicações humanas, da vaidade dos cargos, da estupidez consagrada em frases de estereótipo... Para me sentir feliz, basta-me esta choupana desconjuntada e a companhia silenciosa dos indígenas. Encontro-me em perfeita comunicação com o ambiente, numa exaltação sossegada e plena. Encostado ao batente da porta, vou entretecendo ideias vagabundas, sempre à beira do sonho ou da sensação. A natureza pensa, e o homem segue os instintos de uma reminiscência obscura. Os indígenas conseguiram acender uma fogueira. Não posso dominar a comoção que me obriga a envolver os companheiros num olhar de profunda simpatia. (CINATTI, 1948, p. 3).

Como engenheiro agrônomo, Ruy Cinatti tinha uma enorme preocupação com as questões ecológicas e, já na década de 1950, quando ainda não se falava muito em ecologia, meio ambiente e etc, ele já propunha um plano de desenvolvimento autossustentável para Timor. “Tive, no entanto, o ensejo de me afirmar num conhecimento que, provindo de Timor, poderia ser aplicado a Timor” (CINATTI, 1972). As questões ligadas à Natureza, ao meio ambiente estavam no cerne de suas preocupações. No poema “Assoreamento da Baía de Díli” isso fica bem claro. O próprio título não deixa dúvidas sobre o que se trata. O assoreamento é um processo que modifica sensivelmente o fundo do ambiente onde é feito. Neste poema, Cinatti narra essas transformações, afirmando que onde antes havia vida em seu “estado natural”, agora assume forma de deserto, ou seja, vida em “estado artificial”, num cenário “montado”. Ele próprio se sente morto diante da paisagem transfigurada “eu próprio cadáver circundante/E caminho pesaroso pela areia.” O poeta nunca mais será o mesmo, assim como a baía, que se transformou para sempre e aquela de antes não existe mais, somente na ficção do poeta, que, de alguma maneira, pode eternizá-la através das palavras:

Assoreamento da Baía de Díli

Horas pesadas de sentido e o mar
dobrando recifes coralígenos,
onde nos fundos d'água habituais
a vida inferior se imortaliza
em algas e corais digladiados por peixes
multicores, navegando tranquilos.

Sempre vos quis, mas senti a poeira
descendo no ar, repousando nas águas
transfiguradas, metamorfizando
a paisagem de aquário em deserto aquático,
eu próprio cadáver circundante.

E caminho pesaroso pela areia,
ouvindo no espírito o murmúrio das ondas
indiferentes ao crepúsculo do dia,
à terrível mutação das formas naturais,
belas
e para sempre perdidas
na realidade teimosa da minha ficção.
(CINATTI, 1992, p. 263.)

As florestas e sua preservação eram uma das suas maiores questões, pois como ele mesmo apontou em entrevista de 1972, "Em Timor, a árvore é garantia do pão (porque sem ela acorrerá o sério risco de se passar a deserto)". O poema "As Camenassas de Díli" reflete bem essa visão. É importante notar os adjetivos fortes que o poeta usa para definir essa alcateia: *bruta*, *imbecil*, *canhestra* e *mentecapta*. Chama ainda os malfeitores de "homens ciosos", provavelmente da beleza das camenassas, bem retratada com carinho apaixonado nas primeiras estrofes. Na última estrofe, declara que a atitude estúpida dos governantes "transformou a cidade num deserto de casas sem memória", que seria representada pelas camenassas. Sem as árvores, a cidade perde sua memória, e o que resta é apenas um deserto:

As Camenassas de Díli

Eram corolas de róseas debruadas
Em fímbria de marfim,
Caindo uma a uma sobre a estrada,
Sem que o vento ou sopro as desligasse
Da copa verde afim
Eram tão delicadas... Um só raiar
De fios luminosos entre os limbos,
Na tépida penumbra esmaecida
De musgos e raízes.

Tamanha maravilha sossegava
Matutinos ardores,
Esmoreciam loucos devaneios
De acelerar o ritmo da vida
Antes que a natureza proclamasse
Livre a fase finda.

Eram tão delicadas... Mas a abruta,
imbecil, canhestra,
mentecapta alcateia
de homens ciosos sem qualquer ideia,
tomou posse de Díli-jardim,
arrancou árvores, desviou ribeiras,
transformou a cidade
num deserto de casas sem memória,
sem corolas caindo sobre a estrada.
(CINATTI, 1992, p. 262).

No poema "Gondões de Díli", o poeta mostra-se profundamente indignado com a destruição dos gondões que sombreavam o hotel onde residiu por alguns anos. Declara que eram "verdadeiros monumentos vegetais, de uma pujança e altura notáveis". Ressalta o poder acolhedor da árvore e chama o corte das mesmas de feridas incuráveis, comparando-o a um crime, como podemos notar na segunda estrofe.

O sentimento diante da barbaridade do corte das árvores causou-lhe tanta dor que chega a sentir náuseas, mágoa, além do terrível sentimento de traição. O poeta sente-se impotente diante da destruição das árvores, e a única maneira que encontra de refazer a natureza destruída é através de sua escrita.

Nas últimas estrofes, faz questão de mostrar a estupidez humana, que ataca as "Pobres árvores destroçadas", que nada podem fazer contra a fúria e ignorância dos seres humanos.

É interessante notar como o poeta aproxima sua prece à raiz, que está unida, presa pelo mesmo chão.

Os Gondões de Díli

Gondões de Díli, sarça verdejante
debruçada no cais,
esteio de navios,
passeio de perdidos e de amantes,
aonde me acolhi, um dia,
trauteando a minha melodia.
Pobres árvores destroçadas,
que não sentem as dores das minhas penas,
ao sol mostrando feridas incuráveis
abertas pelo crime e ventania.

Ah minha dor que me fastia
até à náusea,
e aquela mágoa,
que é traição de amigo,
refazendo em escrita a natureza!

Mas nada pode a sombra contra o golpe
vibrado no córtex, no cimo
floreado de pássaros,
na raiz que o chão prende à minha prece,
na solidão que era um hino.

Pobres árvores destroçadas
por estupidez que afronta o coração!
(CINATTI, 1992, pp. 260-261.).

Nas "Notas aproximativas a alguns poemas e uma advertência", Cinatti descreve os gondões da seguinte maneira:

Os gondões (*ficus* spp., *Ai-Hali*, em *tétum*) que sombreavam o "hotel" da S.O.T.A., hoje sede da firma, eram verdadeiros monumentos vegetais, de uma pujança e altura notáveis. Foram, em 1954, destruídos

e arrancados a poder de dinamite e substituídos pelas mesquinhas "acácias amarelas" (*Cassia siamea* Lam.), que embora mal sombreiem o largo de Lcidere, estão ao nível da mentalidade de quem as lá pôs. (CINATTI, 1992., p. 548.).

No trecho acima fica bastante clara a indignação do poeta com relação à atitude da administração colonial, que destrói as árvores.

A imagem da arrancada dos gondões "destruídos e arrancados a poder de dinamite" é extremamente forte e desoladora. A crítica explícita que o autor faz à administração colonial, que substituiu os gondões pelas "mesquinhas acácias amarelas", tão mesquinhas quanto a mentalidade dos governantes que as lá puseram, mostra a tensão crescente entre o sentido de uma missão a ser cumprida por Portugal e a realidade desse projeto. Tanto no poema quanto no texto acima, Cinatti demonstra toda a sua indignação com o que está sendo feito com a natureza em Timor.

Outro poema que ilustra bastante bem essa questão é "Variações sobre o Mesmo Tema". Como o próprio título denota, o mote se repete, o que mostra que a preocupação é a mesma: o corte desenfreado das árvores, a destruição do meio ambiente, a desertificação da paisagem etc. Na primeira parte o poeta faz referência a si próprio, se autointitulando "Um homem que veio de outras índias". Ao longo do poema, ora quem fala é a própria floresta, as árvores, como se elas reconhecessem esse forasteiro, ora é o próprio poeta. Já na segunda parte, quem fala é o poeta, numa súplica para que as árvores permaneçam intocadas. Finalmente, na terceira parte, o poeta fala dos tempos "insubmissos, umbrosos, da floresta sem homens". Essa última parte, assim como em todo o poema, nos faz refletir acerca da importância da preservação da árvore, das florestas:

Variações sobre o Mesmo Tema

1

A floresta disse:
Um homem veio de outras índias.
Foi amedrontado.
Queria tirar folhas de uma árvore.
Era botânico.

Os tempos são outros.
Cortam-me cerce pela raiz
ou queimam-me.
Sou uma árvore
num deserto que avança.
Sou um sonho arrebatado
por mãos suicidas.

2

O que peço, ó árvore,
é que ninguém venha tocar-te
com bastão ou lume,
catana ou espada.

Quero-te visível
para além do nome.
Não quero desertos,
nem morrer à fome.

3

Hão de vir os tempos insubmissos,
umbrosos, da floresta sem homens,
mas vivos – imensas pedrarias
ocultas pelas folhas mortas.

Tempos magníficos de fabricação
de seivas-vertigem nos caules
calados ao cimo da penumbra e folhas
predestinadas, deslumbradas quase.

Terror desta vez orientado.
Furacão terráqueo ou semente
que poderá, sem tir-te, vir a ser
sol que não mate, sem guar-te,
nem esqueça,
mas fecundo restauro d'arvoredos.
(CINATTI, Ruy, 1992, p, 488.).

O poema "Parâmetro Ecológico" é dividido em três partes. Na primeira, o poeta alude ao mito de Sísifo, que representa a terrível consciência da condenação a um trabalho inútil e sem esperança. Há um pouco de Sísifo em Cinatti nesse sentido, uma vez que ele se sente aprisionado pelas tarefas burocráticas, que o impedem de realizar seu trabalho da maneira como gostaria. Por outro lado, a aguda consciência de Sísifo representa também a persistência, a única coisa que pode salvar um ideal mais humanista. Essa consciência, ou seja, a não desistência, é a salvação, que deve estar dentro do espírito de cada um, fazer parte da essência de cada um. Essa salvação intima o ar que respiramos, que é o elemento de união da humanidade.

Parâmetro Ecológico

1

Aguda consciência de Sísifo,
que é no espírito
salvação humana,
intima-me o ar puro que respiro,
atende, atenta,
aviso ímpar,
o fecundo enlace:
Natureza-Tempo,
o devir no Espaço.

Na segunda parte, o poeta fala da devastação causada pelos colonizadores e pelas consecutivas invasões do território timorense. Condena a tentativa intencional de desfiguração do território, alertando para a cegueira da maioria dos governantes, que preferem não ver o que acontece. Faz de um pinheiro, o *Podocarpus*, o símbolo da destruição causada pela mão do homem. Declara que esse pinheiro está solitário devido à devastação (devemos levar em conta que nunca há um pinheiro sozinho). Essa árvore será o testemunho,

para aqueles que por ali passarem, da ação predatória dos que destroem a natureza, transformando-a em um deserto.

É notório ressaltar que Cinatti, nesse poema, já apontava para um problema que preocupa a humanidade nos dias de hoje: o processo de desertificação da Terra, que se acelera cada vez mais, devido aos constantes desmatamentos.

2

Onde passei havia florestas
há tantos anos...
Hoje, a paisagem é um deserto
de caules nus.

Ninguém me distende o esclarecer
de tal desengano.
Havia florestas, um crescer
sobrehumano.
Pedras e troncos isolados,
assistem sós.

O capim cresce. Ah, conhecer
o que assim foi, de sempre, com o tédio
- fruto visível de um sentir abstracto !
Ninguém, ou só poucos, ousam ver
a fundo, o facto.

Uma árvore só: um *Podocarpus*,
raro "pinheiro" de sensíveis cumes,
acusa a mão do homem, denuncia,
à vista de Maubisse,
subindo a estrada para a Cumiada,
o que ali havia...
Sinto vegetação nascer ao meu lado
como já foi na realidade
destas encostas – hoje pedraria
e cheiro a hortelã!...

Um *Podocarpus*,
vestígio de arvoredos
outrora extenso e imponente, solitário hoje.
Tamanha ausência
supõe anos de fogo arrepiando
montes circundantes.

Um *Podocarpus*,
sacralizado pelos Timorenses...

é testemunho
para os viajantes.
(CINATTI, 1992, pp. 520 – 521.).

Na nota aproximativa a "Parâmetro Ecológico", descreve minuciosamente a árvore citada nesse poema:

A podocárpea mencionada corresponde à espécie *Podocarpus imbricata* Bl., *Ai-Amal*, em *tétum*. Encontrei-a pela primeira vez em 1947, nas vertentes do monte Boicau, sobre-elevado a 2.100m, na cordilheira de Matebian, e, pouco mais tarde, no Mundo Perdido, a 1.500m. É dominante na floresta de chuva de montanha, constituída por razoável acervo de fanerogâmicas (dicotilédones, principalmente) e de criptogâmicas (fetos arbóreos, licopódios, musgos, líquenes e fungos), mas aparece, por vezes, sob forma gregária, em povoamentos quase puros [...]. É uma árvore grande (alguns exemplares atingem 40m de altura), de madeira leve, branco-acastanhada, pouco resistente aos incêndios, embora subsista, por motivos que desconheço, em locais onde as outras espécies das sub-associações desapareceram, como é o caso de Maubisse, mencionado no poema, e ali reduzida a dois exemplares decrépitos em 1958, talvez por ambos estarem protegidos por plataforma empedrada, como soe acontecer com as árvores sacralizadas pelos Timorenses. (CINATTI, 1992, p. 553.).

Podemos notar o profundo conhecimento do autor com relação à vegetação do território timorense. Em todos os poemas, Cinatti fazia questão de mostrar sua indignação contra as atitudes tomadas pela administração colonial com relação ao manejo da natureza. Ressaltava que os governantes se utilizavam dos recursos naturais, e transformavam a natureza sem que houvesse uma preocupação em equilibrá-la e muito menos preservá-la. Para ilustrar melhor esse pensamento, é interessante destacar uma passagem de *Esboço Histórico do Sândalo no Timor Português*, onde o autor ressalta que a exploração dessa árvore cresceu em ritmo acelerado no século XX, e que os administradores sequer se davam ao trabalho de conhecer as condições de cultivo do sândalo:

[...] é que os administradores, no empenho em levar a cabo a empresa, limpavam a terra de quaisquer ervas estranhas e chegavam a extremos de cuidados tais que semeavam o sândalo em canudos de bambu! [...] Tudo isto porque se desconhecia, após 300 anos de exploração intensa, o parasitismo do sândalo! (CINATTI, 1950, p. 86.).

Por fim, na terceira parte, o poeta acreditava que sua poesia era a prova da cegueira dos homens que governam Timor, que, numa tentativa de justificar o que não pode ser justificado, diziam que foi sempre assim. Mas a natureza sabe que foi devastada, destruída pela ganância dos governantes.

3

Meu gesto lento de fotografia
atesta cegueira aos governantes,
que olhando o que não vêem ousam dizer:
Foi sempre assim!

A Natureza, que é manjar dos vivos,
responde por mim.
Onde havia florestas há só capim
e fome que a os vivos arrebatou!
(CINATTI, 1992, p. 521.).

No "gesto lento de fotografia", que os seus poemas evocam, Cinatti atenta para a preservação da natureza, ressaltando a beleza de seus elementos. Defende uma política de aproveitamento racional dos recursos naturais, condenando a administração colonial, que parece não se preocupar com isso. E declara que:

os factos, os administrativos incluídos, confirmam-nas com maior eloquência nos efeitos desastrosos de uma política de exploração, a nível de depredadora, sem que tenha havido, a menos de efémeras insignificativas tentativas, a correspondente política de conservação e manutenção. (CINATTI, 1992, p.552.).

O manejo da terra, como a agricultura e a pecuária, e a má administração dos recursos naturais são elementos centrais das suas

críticas à administração vigente, baseada numa economia de exploração que acaba por beneficiar somente a metrópole:

O fomento da pecuária com vistas à exportação é caminho andado para a ruína de Timor (como que a confirmar esta verdade, dizia o Residente holandês de Cupão, em 1947: todos os anos se exporta carne e todos os anos se morre de fome); A policultura deve substituir o actual predomínio da monocultura (não só quanto aos produtos de exportação como quanto aos de subsistência); O sistema económico vigente assenta em base social defeituosíssima (é o agricultor timorense que serve de pau para toda obra, acorrendo a todo o género de trabalho). Não me parece que estes axiomas e conclusões tenham tido eco junto da administração, passadas que foram à volta de duas décadas. [...] A bom entendedor... Os metropolitanos são quase todos de torna-viagem. Os Timorenses ficam e hão-de sofrer, geração após geração, as consequências de uma administração esquecida de que uma economia digna desse nome não é apenas de exploração, mas, simultaneamente, de conservação e valorização. (CINATTI, 1972, p.3.).

É a partir de tais ideias que podemos compreender melhor a visão que Ruy Cinatti tinha da ecologia (ciência que, a essa altura dá seus primeiros passos), da botânica e do papel do botânico, que compreende aspectos muito mais complexos do que simplesmente identificar a flora de determinados locais. Cinatti compreendia essa profissão como um indicador do meio no qual os seres vivos atuam e se inter-relacionam. Isso quer dizer que se deve conhecer o meio ambiente em que os seres vivem para que a preservação da natureza se faça de maneira eficaz:

O trabalho do botânico não pretende apenas alcançar, com objectivos de ciência pura o conhecimento das formas vegetais e das suas associações. Visa ainda outros objectivos: a investigação das condições do meio físico e biológico, do quadro em que a actividade humana se há de desenvolver [...]. Como o cartógrafo, o climatologista, o geólogo, o zoólogo e o etnógrafo, o botânico é, mais do que qualquer deles, o dianteiro que abre o caminho à ocupação económica racionalmente

conduzida. (CARRISSO, In: CAETANO, 1946, pp. 217-218.).

Surge, nesse momento, um ponto de discussão e reflexão fundamental em relação ao meio ambiente, que é o importante caráter econômico que envolve a preservação da natureza, uma vez que é:

necessário proteger a Natureza, conservando alguns documentos que ela nos faculta, que, pela sua fidelidade, constituem a melhor base para a utilização científica das partes da Terra que ainda não foram abrangidas pela nossa civilização intensiva. A proteção da Natureza justifica-se assim, por motivos de ordem económica: corresponde a conservar um documentário do que a Terra é, para daí podermos inferir do que ela poderá ser. (CARRISSO, In: CAETANO, 1946, p. 223.)

A experiência de estar em Timor enriqueceu-o muito e, de fato, o país o envolveu de uma maneira peculiar. Em um esboço de carta de 1946, recolhido de seu espólio por Peter Stilwell, Cinatti afirma: "Estar nas colónias transforma as pessoas e eu sinto-me de certo modo uma pessoa diferente. Timor prendeu-me com cadeias de ferro, a ponto de estar disposto a iludir o bom senso ou o que ele me indica." (CINATTI, apud. STILWELL, 1995, p. 188.).

Envolver-se com o timorense e, conseqüentemente, com seu território e as condições em que se encontram é mais que natural. Através de sua obra, procurava denunciar a má administração colonial e o estado lamentável a que Timor ficou sujeito. Critica a posição de Portugal, especialmente após o 25 de Abril, momento em que a metrópole abandonou as então colônias. Cinatti alertou sobre uma possível invasão da Indonésia, país que, nessa altura, começava uma política expansionista reclamando em primeiro lugar os resquícios de influência inglesa e holandesa no Sudeste Asiático. Em agosto de 1962, as Nações Unidas referendaram a anexação da Nova Guiné Ocidental e do Oeste da ilha de Timor, que, por sua vez,

também reclamava sua parte oriental. "Timor continua a ser fruto cobiçado pela Indonésia, e será, decerto, o objecto sequente à resolução do problema da Nova Guiné Holandesa.". (CINATTI, apud. STILWELL, 1995, p.216.).

Em 1975, a invasão indonésia de Timor, já prevista por Ruy Cinatti, efetivamente ocorre. Depois da retirada de Portugal, a Indonésia, a essa altura governada pelo regime anticomunista de Suharto, ocupa o território timorense, anexando-o em 17 de julho de 1976 e transformando-o em sua 27ª província.

Os portugueses pretendiam, entre 1974 e 1975, reconhecer a independência de Timor Leste. Entretanto, havia quem defendesse uma autonomia mais alargada, e havia quem fosse a favor de uma integração à Indonésia. De acordo com Ian Martin:

A "Revolução dos Cravos" em Portugal abriu uma nova era para as colónias portuguesas. Portugal reconhecia agora as obrigações definidas no Capítulo XI (da Carta das Nações Unidas) e, em Julho de 1974, foi aprovada uma lei revogando a definição anterior de "província ultramarina" e aceitando o direito das colónias à autodeterminação, incluindo a independência. (MARTIN, 2001, p.137.).

Ruy Cinatti, um dos poucos portugueses que conheciam bem o território timorense, tanto geográfica quanto socialmente, defendia a autodeterminação, pois acreditava que o povo timorense ainda não estava política nem economicamente preparado para a independência total. Entretanto, para Cinatti, o processo de autodeterminação tornava-se inviável sem um esclarecimento da população acerca da questão, já que isso é fundamental para que o povo timorense comece a acreditar numa real independência. Sobre esta questão, o autor afirmava que:

A autodeterminação é um direito que não se discute desde que esclarecido antes de amado. Ou simultaneamente amado e esclarecido.

Viva, pois, a autodeterminação de Timor e dos Timorenses (que são 600. 000 e não umas centenas de infantes), se mais não fosse porque me ligam aos Timorenses dois juramentos de sangue, actos jurídicos que me vinculam ao espírito que os determinou. (CINATTI, 1992, p. 563.).

Sobre a integração à Indonésia, mostrava-se radicalmente contra, alegando que esse país jamais teia as mesmas condições que Portugal de administrar Timor:

Acaso se esquecem esses jovens entusiastas de que Timor foi sempre uma província deficitária e que o incremento da população só virá a agravar o condicionalismo local por melhores que sejam as infraestruturas a prover?

Acaso se esquecem de que a Indonésia, por demais assoberbada com o seu vasto mundo, nunca poderá prestar o auxílio que Portugal, bem ou mal, lhe tem prestado? Ou que – grave dilema – nunca daria assentimento a uma independência que, unidas fatalmente as duas partes da ilha, abriria precedente, há muito desejado, por não poucas parcelas do somatório indonésio?

Acaso se esquecem ainda do que é o Timor indonésio sob o domínio, não de Timorenses, mas de Javaneses tão altaneiros como os Castelhanos em relação às restantes etnias espanholas? Ou que os Timorenses indonésios atravessam a fronteira em busca do pão que lhes falta ou do tratamento sanitário de cujos serviços são deficientes? (CINATTI, 1992, p. 563.).

O poema "Realismo Político" reflete essas posições adotadas por Cinatti. Em poucas estrofes, o poeta expressa seu ponto de vista com relação à autodeterminação e à independência de Timor, que deve ser conquistada pelo seu povo:

Realismo Político

Se os Timorenses quiserem ser Indonésios,
passem para o outro lado.
Se os Timorenses quiserem ser Portugueses,
têm-me ao seu lado.

Se os Timorenses quiserem ser independentes,
Construam-se! (CINATTI, 1992, p. 478.).

Uma revolução traz consigo mudanças na estrutura política e social, bem como transformações na mentalidade das pessoas. Entretanto, isto não ocorre de imediato. É bastante difícil a assimilação de novos tempos. Essas questões são abordadas nos poemas "Programação" e "Protesto", nos quais mostra-se irado com o descaso das autoridades portuguesas com relação a Timor. Através desses poemas, o poeta tenta acordar aqueles que ainda não atinaram para as mudanças e deixa clara a sua indignação perante a administração. Como profundo conhecedor dos timorenses, não admite que qualquer um venha governar Timor.

Programação

Depois dos vinte e cinco de Abril
nada mudou
porque os homens não mudam de um dia para o outro.
E assim assisto
- exemplo, o de Timor no qual me sinto -
à mesma económica postura
de que Timor
de nada vale
e que portanto qualquer tipo serve
p'ra Timor governar por mais uns anos
Eu digo não!
porque era outro antes e depois
dos vinte e cinco de Abril
e conhecendo os timorenses melhor que ninguém
(modéstia, rua!)
exijo um homem bom,
viril,
previdente,
que faça de Timor orgulho meu
ouvindo os outros que melhor conhecem.
E quanto a mim
não vejo que Timor me possa honrar
com os que julgam poder lá mandar
depois do vinte e cinco de Abril.
Este o meu dito e tão lucidamente amargurado
como o que foi antes e depois do dito
Vinte e Cinco de Abril.

- Governar Timor por mais uns anos!
Viver com os Timorenses ao não tempo
Da Eternidade! (CINATTI, 1992, p. 476.).

Protesto

Não é o dinheiro que lá gasto,
Mal gasto,
Que magoa.

O que magoa é ouvir um responsável
Dizer que Timor é um luxo
E portanto (por outras palavras)
Que vão pró diabo
Ou para a Indonésia os Timorenses.

O que magoa é o desdém,
Que há pela minha honra,
Meu sentimento
De português que a Timor deve tudo
Do melhor que tem.

E para terminar, snr. Responsável,
Eu não lhe agradeço
Nem consigo acordo
Que se os Timorenses nos quiserem
Outro remédio não teremos
Senão dar o dinheiro
Como quem dá esmola
A uns velhos tontos que nos amam tanto.
(CINATTI, 1992, p. 477.).

No poema "Propósito Inadiável", o poeta trata da miséria do "pobre timorense esquelético", que é obrigado a beber "água do pântano/onde escoam lixos". O sentimento descrito pelo poeta é de mágoa. As condições em que o timorense se encontra deixam-no profundamente triste.

O poeta denuncia o egoísmo dos governantes, que não se importam com as péssimas condições dos indígenas, preferindo fugir a tentar melhorar a vida dos nativos. Nota-se também a sua afinidade com "o timbre limpo/das almas dos timorenses", que o

conheciam e sabiam quem ele era, ao contrário dos portugueses, que não souberam avalia-lo, ao não utilizarem o seu conhecimento profundo da ilha e de seus moradores para uma melhoria da administração colonial.

No entanto, apesar de não concordar e, mais do que isso, condenar a administração portuguesa em Timor, o poeta tem consciência da sua condição de português/colonizador, tanto que, no final do poema, com essa morte simbólica de si mesmo/o português, ele prenuncia a única forma de libertação daquele povo.

Propósito Inadiável

O que magoa é ver o pobre
timorense esquálido beber
água do pântano,
onde escoam lixos,
comer poeira
e saudar-me, quando
Rodo na estrada,
deus ocioso.

tantos e tantos outros,
timorenses esquilidos,
olham-se como se dever fosse
abrir covas
plantar repasto
de milho, arroz e carne,
encher copos vazios,
de bebedeira e sonho,
que não magoe,
mortifique o ócio,
reanime o tempo.

Fugir é melhor que prometer
esperança em melhores dias.

Fugir é atrasar
o discurso limite
travado pelas rodas
da dúvida maníaca.

Eu não prometo nada.

Invoco os montes
feridos pela luz,
o mar que me circunda
em Díli terra-tédio e de má gente.

Afino-me pelo timbre
limpo das almas
dos timorenses esquálidos
que me soletram vivo.

E sigo,
limpo na alma e no rosto,
sujeito à condição que me redime.
Os Timorenses só terão razão
quando me matarem.
(CINATTI, 1002, pp. 263-264.).

Todo esse amor e dedicação por Timor Leste, está bem explícito nos trechos da entrevista ao jornal, *A Voz de Timor*, que reproduzimos a seguir. Neles notamos a esperança que Cinatti nutria por um Timor melhor, com suas florestas preservadas, sua população bem alimentada, feliz. Reforçava, sobretudo, a importância de se fazer um uso racional dos recursos naturais e também de, não apenas conhecer, mas principalmente de respeitar a cultura timorense:

VT – Se voltasse a Timor, que mais gostaria de observar naquela terra que tanto amou e cantou?

RC – Se voltasse a Timor — e espero voltar — gostaria de ver as montanhas reflorestadas, ou em vias disso, e os timorenses felizes, melhor alimentados e conscientes da sua presença cultural e missão de participação no mundo português. (CINATTI, 1972, p. 4.).

VT – Quererá dirigir uma mensagem para Timor?

RC – Apetecer-me-ia dizer: saúde e bichas, juízo e cabeça fresca, bom senso e bom gosto, pois tudo isso necessita quem em Timor possui ouvidos e olhos para receber mensagens ou interpretá-las. Duvido, porém, que haja coragem ou suficiente bom humor público para que as expressões possam ser transmitidas tal qual, não obstante corresponderem, como na história do rei Lear e das três filhas, à melhor prova do muito amor que Timor me desperta, e que é, como na dita história, o “sal” de que Timor necessita. Posto que, adiantemos um desejo que abarca Timor, os timorenses

e os metropolitanos que nele vivem, desejo esse que é todo alusivo à terra e aos homens: cultivai a terra, sem a destruir; cultivai o espírito, sem o abastardar. Timor, como ilha que é de características marcadamente florestais, a este enunciado se devem subordinar todas as suas actividades básicas. Os timorenses têm uma cultura própria que importa não só respeitar, como valorizar, redescobrir e harmonizar com eles próprios, para que nunca se tornem caricaturas dos metropolitanos e possam, antes, construir uma personalidade forte e condigna de portugueses entre portugueses. Os metropolitanos, por sua vez, que não esqueçam serem portadores de uma civilização que, culturalmente, muito de comum tem com a timorense, desde tempos remotíssimos. Eis tudo. Finalmente, uma prece: que os timorenses sepultem o meu corpo em Timor, porquanto a alma há muito lhes pertence. Assim seja!

Assim nos falou o Poeta Ruy Cinatti, o mesmo que, entre outros versos, assim escreveu acerca de Timor:

Entre pelo mar mulher
Açodado, a colher algas.
Esqueci-me do meu mister,
Embalado pelas ondas.
O mar homem não se esquece
Embalado pelas ondas.
(CINATTI, 1972, p. 6-7.).

Em seguida, Cinatti fala do próprio processo criativo. É interessante notar a necessidade que ele sentia de estar fora de Timor para que sua poesia fluísse. Era como se esse distanciamento fosse necessário para que ele enxergasse melhor as coisas. Deixa claro que a inspiração sempre esteve com ele, mas era como se, em Timor, não precisasse fazer a poesia, já que o próprio lugar já era a poesia em si. O distanciamento era necessário para que Timor se recriasse no espírito do poeta.

No prefácio de *Um Cancioneiro para Timor*, Jorge Dias afirma que "Cinatti é poeta por dom natural. Nasceu para sentir e para comunicar em poesia a beleza e o sentido oculto que vê nas coisas e na vida" (DIAS, Jorge. In: CINATTI, 1996. P. 9.). Sendo assim, nada mais natural que Timor seja cenário para suas poesias, uma maneira singela que ele encontrou para agradecer tudo que Timor lhe dera:

VT – De entre o seus livros, dois há que falam só de Timor, das suas gentes, das suas terras: Um cancionero para Timor e Uma sequência timorense, este último distinguido com o Prémio Camilo Pessanha, pela Agência-Geral do Ultramar. Que motivos o levaram a escrever esses livros?

RC – A poesia, como expressão de saudade, tem tradições fundíssimas na lírica portuguesa. É natural, quase compulsivo, que Timor me aparecesse como tema inspirador, já que Timor fora para mim a poesia personificada durante os anos que lá permaneci. Repare-se que eu pouco escrevi enquanto em Timor. Eu não necessitava de criar poesia porque ela existia ali à mão, oferecendo-se gratuita, generosa e fácil, fonte de alegria ou consoladora de tristezas, força que moderava ímpetos violentos ou, pelo contrário, os afervorava, indefectível. Portanto, repito, é natural que uma vez ausente de Timor e imerso em ambientes menos poéticos, eu recriasse o que para mim fora perene poesia, não só por apelo saudoso, como ainda modo de fazer frente a situações antagónicas e de conhecer mais esclarecidamente as razões da minha existência e do rumo escolhido. Timor serviu-me poeticamente para um ajuste de contas entre mim e o mundo, entre o meu ser autêntico e o de todos os dias. Cantar Timor foi, além disso, maneira de agradecer o muito que lhe devia e devo ainda. (CINATTI, 1972, p. 5.).

Podemos afirmar que Ruy Cinatti é uma referência quando se fala em Timor Leste. Tanto sua obra científica quanto a poética são uma grande contribuição na ampliação do conhecimento acerca de Timor Leste. Ele soube compreender a ilha e seus habitantes como poucos, penetrando a fundo na sua cultura e interessando-se pelos seus diversos aspectos, com sua extrema sensibilidade e capacidade de enxergar o outro. É até difícil dizer se foi um poeta que chegou à antropologia ou ao contrário. Tinha uma grande capacidade de amar o ser humano e o meio em que vive, o que se reflete em toda a sua obra, quer científica quer poética. A experiência em Timor marcou sua vida definitivamente e, a partir dela, decide estudar antropologia, a fim de melhor contribuir para o desenvolvimento da ilha. Como

cientista, elaborou diversos estudos nas diferentes áreas nas quais atuava: silvicultura, agronomia, antropologia, entre outras. Através da articulação da ciência com a poesia, Cinatti muito contribuiu para o desenvolvimento do conhecimento acerca de Timor.

Com sua ampla formação intelectual, Ruy Cinatti apresentava uma visão interdisciplinar que se refletia constantemente na sua maneira de encarar o mundo. A interligação de ideias é a base não só de dos seus textos científicos, mas também de sua poesia.

O estudo mais aprofundado de sua obra torna-se fundamental, já que essa concepção integradora, resultado dessa visão, serve para que haja uma melhor compreensão de quem somos e do mundo em que vivemos. Seus estudos científicos e os poemas dedicados a Timor figuram como uma importante e fundamental fonte de conhecimento acerca do local. Através de seus escritos, o autor traz à tona questões essenciais do ser humano, revelando e, sobretudo, divulgando esta ilha, até hoje pouco conhecida.

Seus estudos, suas poesias e também a sua personalidade, seu estilo de vida e opiniões deixaram marcas e acabaram por influenciar outros autores, como é o caso de Luís Cardoso (trataremos mais especificamente desse autor no próximo capítulo), autor timorense que o conheceu pessoalmente e se declarou bastante influenciado por ele. Cardoso chega mesmo a afirmar que existem dois Timores: um antes e um depois de Ruy Cinatti:

De fato, o Ruy Cinatti influenciou-me muito. Primeiro, a minha primeira relação com ele foi tentar saber sobre o estudo dos solos de Timor. Ele esteve lá como engenheiro silvicultor e fez um estudo sobre os solos de Timor e depois sobre a vegetação também. E a partir daí que eu fui descobrindo depois outras partes do Cinatti que era o Cinatti pessoa, essa pessoa que esteve em Timor, se interessou pela geografia, pela meteorologia, pela antropologia, pela arquitetura e depois veio meu interesse pela poesia do Cinatti. Eu acho que a poesia do Cinatti reflete toda a vivência dele no Timor, e engloba todas as áreas em que ele esteve a

trabalhar. Mas encontrei-o já numa situação muito triste, por causa da invasão de Timor, e ele, na altura, estava a assumir a questão de dizer que “nós, os portugueses, abandonamos Timor”. Ele foi uma das primeiras pessoas a falar nisso. Houve uma situação caricata, em que eu fui falar com ele lá na Ajuda, junto ao Instituto Superior de Agronomia de Lisboa, numa coisa de depósito do IICT. Estava a chover muito fortemente e ele foi para o meio da estrada, convidou-me a ir também para rezarmos por Timor, e lá estivemos os dois a rezar por Timor, e eu apanhei uma grande constipação!! (risos). Ele estava nessa fase mesmo muito preocupado com Timor, com esse abandono de Timor. E a partir daí o Cinatti foi sempre marcando a minha vida. A partir do Cinatti, saltei também para a Sophia de Mello Breyne;, eles tinham uma boa relação. Comecei a conhecer e a gostar da Sophia através do Cinatti. [...] Só uma certa elite que conhece bem o Cinatti, aqueles que viveram no tempo do Cinatti. Acredito que agora com os trabalhos académicos ele vai acabar sendo mais conhecido. Eu o conheci pessoalmente, mas antes disso já o conhecia de nome. No Instituto Superior de Agronomia de Lisboa, quando falava-se em Timor, falava-se imediatamente do Ruy Cinatti. Mas ele é uma referência. Eu digo que há um Timor antes e um Timor depois de Ruy Cinatti. Os estudos que ele fez, toda a sua dedicação a Timor, é uma coisa única. Portanto, podemos falar de Timor de Ruy Cinatti. Ele buscou entrar ali, à procura da alma, e procurou perceber isso dos vários ângulos, e para isso foi estudar antropologia, foi a partir do Timor que ele sentiu necessidade de estudar outras coisas, para compreender melhor o Timor.³

³ Entrevista concedida por Luis Cardoso à autora desta tese, realizada em junho de 2011 em Oeiras, Portugal.

3. TRAVESSIAS DA MEMÓRIA OU MEMÓRIAS DA TRAVESSIA

O Timor Leste é ainda uma nação em construção. Num país de tradição eminentemente oral, a literatura escrita é ainda incipiente. No entanto, assume um papel fundamental na construção de uma nação e de sua identidade, ou melhor, de suas identidades, pois, como afirma Stuart Hall:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13.).

Nesse sentido, podemos dizer que a questão da identidade não pode ser observada de forma isolada, estática, já que, como afirma Boaventura de Sousa Santos, “Identidades são, pois, identificações em curso. Sabemos também que as identificações, além de plurais, são dominadas pela obsessão da diferença e pela hierarquia das distinções.” (SANTOS, 1995, p. 119). Assim é, pois, crucial conhecer quem pergunta pela identidade, em que condições, contra quem, com que propósitos e com que resultados. As identidades são, portanto, estabelecidas através do atrito, das rupturas, são construídas pelas diferenças, pelas contradições e, principalmente, através do diálogo com o outro, com o reconhecimento das diferenças:

As bases e as origens das identidades são os acidentes, as fricções, os erros, o caos, ou seja, o indivíduo forma a sua identidade não da reprodução pelo idêntico oriunda da socialização familiar, do grupo de amigos etc., mas sim do ruído social, dos conflitos entre os

diferentes agentes e lugares de socialização. Essas identidades são activadas, estrategicamente, pelas contingências, pelas lutas, sendo permanentemente descobertas e reconstruídas na acção. [...] O diálogo com os outros é essencial na construção de cada indivíduo, diálogo que é multivocal e que se produz na intersecção de forças centrípetas (necessidade de se ligar ao outro) e de forças centrífugas (necessidade de diferenciação do outro). (MENDES, 2002, p. 505).

Não podemos falar de cultura no singular, mas de culturas, no plural; pela complexidade do conceito as culturas não devem, então, ser vistas simplesmente como uma massa homogênea. No entanto, a ideia de fragmentação total também não se adequa, já que uma certa homogeneidade é necessária para a formação de uma identidade nacional, baseada na diferença. Como resolver esse impasse? Boaventura de Sousa Santos no seu artigo intitulado “Entre Prospero e Caliban”, nos dá a pista: o equilíbrio, a dosagem entre as duas:

Os estudos pós-coloniais, ao contestarem a ideia da homogeneidade das culturas, contestam, implícita ou explicitamente, a ideia de nação ou de nacionalismo, já que uma e outra pressupõem uma certa homogeneidade cultural onde é possível fundar uma identidade nacional, anticolonial. O desafio é, em meu entender, o de encontrar uma dosagem equilibrada de homogeneidade e fragmentação, já que não há identidade sem diferença e a diferença pressupõe uma certa homogeneidade que permite identificar o que é diferente nas diferenças. (SANTOS, 2001, p. 35)

Num país como o Timor Leste, de diversidade linguística e cultural riquíssima – diversas línguas convivem num mesmo território – é quase impossível falar de uma identidade única. Ela se apresenta multifacetada. Assim como a memória, a identidade é um processo em constante construção e reconstrução.

A literatura tem papel de destaque na manutenção e valorização da língua e, conseqüentemente, na identidade de um povo. É através dela que se registram e se confirmam os desejos, os anseios e as

histórias de uma sociedade. É também um dos muitos recursos possíveis de resgate da memória. “A literatura é uma forma de preservar a memória e de procurar compreender o que vivemos. É uma maneira de arrumar o caos”. (SAÚTE, 2004, p. 27).

Ela é também, retomando a ideia supracitada, um elemento crucial no estabelecimento do equilíbrio a que se remete Boaventura de Sousa Santos, como ele mesmo afirma:

A literatura é, talvez, de todas as criações culturais, aquela em que melhor pode obter-se o equilíbrio dinâmico entre homogeneidade e fragmentação. Não admira que estes intelectuais e, sobretudo, Fanon tenham atribuído à literatura o estatuto de instrumento privilegiado na construção da “consciência nacional”. E aqui o papel dos estudos pós-coloniais pode ser decisivo no sentido de ampliar essa “consciência nacional”, preenchendo-a com vozes que as elites nacionalistas (para já não falar do poder colonial) esqueceram ou excluíram. (SANTOS, 2001, p. 26.).

O conceito de pós-colonialismo que utilizamos aqui é proposto por Boaventura de Sousa Santos. Em “Entre Prospero e Caliban” ele expõe o pós-colonialismo em duas acepções principais: uma diz respeito a um período histórico, que se sucede logo após a independência das colônias, e a outra, a que consideramos neste texto, é um conjunto de práticas “predominantemente performativas e de discursos que desconstroem a narrativa colonial, escrita pelo colonizador, e procuram substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado” (SANTOS, 2001. P. 29.). Nessa acepção:

[...] o pós-colonialismo tem um recorte culturalista, insere-se nos estudos culturais, lingüísticos e literários e usa privilegiadamente a exegese textual e as práticas performativas para analisar os sistemas de representação e os processos identitários. O pós colonialismo, na segunda acepção, contém uma crítica, implícita ou explícita, aos silêncios das análises pós-coloniais na primeira acepção. (SANTOS, 2001, p. 30)

Segundo aponta Andreas Huyssen, “um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais.” (HUYSEN, 2000, p. 9). Assim, percebemos a importância do resgate da memória como uma das peças fundamentais na construção da identidade. O registro do passado e a recuperação das histórias são primordiais para a constituição da história. Segundo José Manuel de O. Mendes:

Pelo estudo da memória temos um melhor acesso ao sentido de certos acontecimentos, a uma verdade intersubjectiva e não-referencial. É uma verdade de desvendamento que permite conhecer do interior as experiências dos que detêm ideologias opostas. A relação da história com a memória será, assim, não de oposição, mas sim de complementariedade. (MENDES, 2002, pp. 514-515.).

Tal ideia vai ao encontro das palavras de Agualusa no prefácio de *Crónica de uma Travessia*, quando ele aponta que: “Ao publicar esta *Crónica de uma Travessia*, Luís Cardoso acrescenta uma dimensão inédita ao combate pela liberdade em Timor: o resgate da memória. Num país quase sem literatura escrita, o passado é um tempo em combustão, frágil, volátil, que rapidamente se consome.” (AGUALUSA, In: CARDOSO, Luis, 2002, p. 7). Por isso mesmo este passado deve ser resgatado, escrito, registrado, trazido de volta à memória. É por meio da memória que resgatamos o passado, a fim de reinventá-lo, reconstruí-lo para melhor compreendermos o presente e, assim, também reinventá-lo, reconstruí-lo com uma nova roupagem.

É nesse sentido que o romance assume importância fundamental. Ao resgatar a memória, Cardoso traz de volta o passado, para que este não se perca. O resgate da memória é indispensável na construção de uma coletividade, tanto em termos da

própria memória como da identidade, que, aliás, são conceitos interdependentes.

Abramos agora um parêntese para apresentar o romance *Crónica de uma Travessia: A época do Ai-Dik-Funam*, e Luís Cardoso, seu autor.

Luís Cardoso nasceu em Cailaco, Timor, em 1958. No entanto, é uma vila que ele não conhece bem. Aquela que considera como sua terra natal é Ataúro, uma ilhota em frente à ilha de Timor Leste, onde se falam três línguas.

Quando desci à cidade de Díli – à cidade desce-se sempre, ainda que se tenha feito travessia por mar -, foi-me recomendado bastas vezes para não me esquecer nunca do local do meu nascimento. Tinha-me repartido por várias terras. Quando me perguntavam donde eu era, dizia sempre que era de Ataúro. Só me foi dito mais tarde que a terra de cada um é o local onde nasceu. Assim, eu deveria dizer Cailaco. (CARDOSO, Luis, 2002, p. 59).

Luis Cardoso estudou em Timor e em Portugal, formou-se em silvicultura pelo Instituto Superior de Agronomia de Lisboa. Foi representante do Conselho Nacional de Resistência Maubere, entre outras atividades, como as de contador de histórias timorenses, cronista do jornal “Fórum Estudante” e professor de tétum e língua portuguesa nos cursos de formação especial para timorenses. Escreveu o romance *Crónica de uma Travessia* em 1997, dois anos antes do referendo no qual os timorenses votaram pela independência do território.

Por viver em Portugal, é um autor timorense que vive na diáspora. Entretanto, Timor é o tema recorrente de seus romances. Podemos dizer que, mesmo longe, continua habitado por Timor e encara quase que como uma missão escrever sobre ele, trazer à tona suas histórias, mitos e lendas:

Pode parecer, assim, a quem leia este livro, que Luís Cardoso se filia na escola latino-americana do chamado realismo mágico. Não viria mal ao mundo se assim fosse. No entanto, mais do que ser contaminado por propostas literárias oriundas de outros espaços, o que aconteceu a este primeiro romancista de Timor foi nunca se ter deixado vencer pelo exílio. Luís Cardoso escreve como escreve, porque continua habitado por Timor, e no seu país são indefinidas as fronteiras entre mito e realidade, estória e História, entre o sonho e a vida. (AGUALUSA. In: CARDOSO, Luís. 2002, p. 8.).

Escrever na diáspora é uma experiência bastante singular. Não podemos negar que o distanciamento é algo que influencia muito a escrita, mas, muitas vezes, é algo extremamente necessário.

A distância, o estar fora de algum lugar, pode trazer uma lucidez maior acerca dos fatos e, conseqüentemente, nos permite trabalhar a memória de forma mais apurada. Quando estamos longe do nosso lugar de origem, como é o caso na diáspora, estamos sujeitos a outras influências, que podem nos proporcionar outras abordagens, outras visões dos acontecimentos. No trecho da entrevista de 2011, Cardoso fala sobre a sua experiência de escrever na diáspora. Ao ser perguntado como seria sua escrita se ainda estivesse em Timor, respondeu que, nesse caso, talvez nem escreveria, já que necessita mesmo do distanciamento para escrever. Abaixo transcrevemos o trecho da entrevista em que ele trata dessa questão. Adotamos as siglas LV para a entrevistadora e LC para Luis Cardoso, o entrevistado:

LV – Então, eu queria que você falasse um pouco sobre essa experiência de escrever na diáspora. Como isso te influencia?

LC - Permite-me distanciar melhor. Com uma distância muito grande, escrevo sem qualquer influência de momento. Estou fora do meio onde Timor está. Com esse distanciamento, consigo escrever com uma certa frieza, se estivesse em Timor, vivendo as situações de momento, com a FRETILIN e os outros, com a

pancadaria, efetivamente não conseguia escrever. Preciso desse distanciamento. Como todo meu registro é da memória, não tenho que estar lá para escrever, até porque não escrevo sobre o momento atual, não quero ser influenciado pelo momento. Se eu recebo uma notícia, por exemplo, de que o presidente tomou um tiro, obviamente fico totalmente intranquilo por causa da notícia e talvez não consiga escrever mais. Depois de algum tempo, quando a situação volta à normalidade e eu consigo me distanciar do fato, então consigo retomar a escrita. Eu sou muito influenciado pelo momento de Timor.

LV – Entendi. Mas, na verdade, para você escrever há a necessidade de estar fora, porque se você morasse em Timor talvez sua escrita fosse outra. Ou talvez você nem escrevesse...

LC – É, talvez eu nem escrevesse.

LV– Há então uma necessidade de distanciamento.

LC - Sim, de distanciamento para poder encontrar a memória, para trabalhar a memória. Porque a memória não tem que ser feita somente sobre acontecimentos importantes. Às vezes é por um acontecimento pessoal, ou por causa de determinada pessoa, e consigo reportar essa pessoa ao momento da época em que as coisas aconteceram.⁴

Em *Crônicas de uma Travessia*, Luís Cardoso recupera, através de suas memórias, a sua história pessoal e também a do Timor. É um encontro consigo próprio, uma necessidade de reconhecer-se numa narrativa sobre si, estabelecer, através dessa narrativa, um sentido para a sua existência. Cardoso transforma uma experiência individual em experiência coletiva, ou seja, torna possível “a conversão de uma experiência individual em experiência coletiva, abrindo, portanto, a possibilidade, mesmo que remota, para o resgate da memória como instituição social.” (LUGARINHO, 2004, p. 3). Em um romance autobiográfico, o autor procura mostrar lendas, mitos e diversas

⁴ Entrevista concedida por Luis Cardoso à autora desta tese, realizada em junho de 2011 em Oeiras, Portugal.

línguas de seu país. É uma busca da identidade através do resgate da memória, daí a importância do relato das memórias, aliás uma temática muito comum no universo literário dos novos países de língua portuguesa. Segundo Maria Luisa Leal:

É notória a frequência com que encontramos em romances recentes dos novos países de língua portuguesa, o tema da viagem, da travessia, do regresso. Trata-se precisamente de viagens em que se resgatam memórias vivenciadas, tornando-as matéria de ficção. No caso dos escritores timorenses, o modelo que está em causa é o da escrita de testemunho: no caso de Luís Cardoso, o romance de aprendizagem. (LEAL, 2005. In. www.eventos.uevora.pt).

O livro pode ser considerado o romance inaugural de Timor, pois esse resgate é fundamental num país quase sem literatura escrita.

A obra trata de diversas travessias: a do próprio autor, a do Timor Leste por sua liberdade e a da memória no tempo. É, como afirma Luís Cardoso na quarta capa:

[...] a minha própria travessia no tempo. Do encantamento aos dias da ira. Um conjunto de relatos, na primeira pessoa, desde a infância até o momento em que o imaginário construído se confronta com a realidade. A descrição começa com a travessia por terras da ilha de Timor, acompanhando meu pai, o velho enfermeiro, muitas vezes curandeiro, quando as penicilinas esgotavam o seu efeito, em longas peregrinações por localidades tão diferentes e separadas por barreiras linguísticas. Depois foi a travessia marítima entre a Ilha de Timor e o ilhéu de Ataúro. Local de desterro, quando vi pela primeira vez o nascer do Sol no mar. Pelo que nunca me conformei com a masculinidade do mar. É essa travessia que dá nome à crônica. Como se o tempo tivesse aí parado. (CARDOSO, Luis, 2002, quarta capa).

Com efeito, o trecho em que narra a travessia entre as duas ilhas – a de Timor e a de Ataúro – é bastante significativo. Vale ressaltar

que Ataúro era a ilha do desterro, para onde eram levados os presos políticos e todos aqueles considerados perigosos para o governo, o que ressalta a condição de local de exílio, característica muito comum às ilhas.

O *sokão*, velho condutor do barco, assim como Caronte, o barqueiro dos infernos, leva as almas dos mortos para a outra margem; neste caso, os desterrados para a ilha onde serão conduzidos e esquecidos, também uma espécie de morte. “Como poderia ele viver e sobreviver sob o recanto da terra para a qual os outros estavam condenados a ir morrer?” (CARDOSO, Luis, 2002, p. 27).

Cardoso recupera mitos, crenças e lendas do povo timorense. Há uma passagem que alude ao animismo, que é a crença de que os antepassados são animais, e que a natureza é sagrada. É interessante ressaltar que tal passagem se dá durante a travessia para Ataúro e é protagonizada por um dos desterrados:

Simão quis pôr os pés na água. Olhou para o ancião e dele quis recolher uma aprovação. O velho informou-o de que primeiro teria de lavar as mãos, depois os olhos. Simão já tinha ouvido falar de tubarões pelo seu amigo Lamartinho, que com ele estudara em Maliana, e lhe dissera que eram a transfiguração dos antepassados. Nenhuma pessoa se perdia naquela ilha. Às vezes viviam no mar, outras vezes na terra. Ciclos que teriam de ser cumpridos na sua devida recompensa.

Simão curvou as mãos fazendo uma concha e quis buscar a água do mar. Ao inclinar-se, viu no fundo das águas azuis um corpo branco e longo como uma catana. Deixou a mão suspensa sobre o mar e fitou um tubarão que vinha na sua direcção. Ficou estático sem se mexer. O tubarão também parou a uns centímetros da superfície das águas. Olharam fixamente um para o outro como dois transeuntes que se procuram identificar. Rebuscavam apontamentos na memória.

O tubarão fez uma pirueta mostrando-se. Voltou novamente para o fundo, e antes de desaparecer completamente, ainda se virou para se certificar da

atitude e expressão de Simão, o qual continuava impávido e hirto como uma estátua.

- Ele queria conhecer-te – era o velho, e Simão mexeu-se – Recebeste a primeira visita do meu antepassado. Digamos que foi de cortesia. (CARDOSO, Luis, 2002, p. 29)

As histórias timorenses sempre foram transmitidas predominantemente através da oralidade. Essas narrativas orais têm fundamental importância para uma sociedade ágrafa, como era o caso de Timor Leste antes da chegada dos portugueses. As histórias, assim como as tradições, eram passadas de geração para geração através das narrativas orais, que muitas vezes se perdem, até por não serem registradas. Recuperar essas histórias e, conseqüentemente, a própria cultura, é uma das missões que Luis Cardoso assume em seus livros. A passagem citada acima é um bom exemplo disso, pois recupera e registra uma das inúmeras lendas timorenses, contadas a seguir:

Nesta ilha contava a lenda que as pessoas quando morriam transformavam-se em tubarões. Os antepassados eram assim tubarões e justiceiros. Logo quando havia problemas judiciais que não conseguiam resolver, entregavam-se nas mãos dos antepassados. As pessoas eram levadas para o meio do mar, e deixavam-nas lá. Se regressassem vivas então é porque se tinha feito justiça. (In: www.app.pt)

Se considerarmos que “A experiência de boca em boca é a fonte onde beberam todos os narradores” (BENJAMIN, 1972, p. 58), poderemos dizer que Luís Cardoso, como bom narrador que é, bebe diretamente na fonte da tradição oral para escrever não só aquela passagem, mas muitas outras de seu romance. Ele mescla suas experiências pessoais com histórias fantásticas e muitas vezes oníricas, o que nos transporta e nos aproxima do universo timorense.

No romance há também objetos, como o petromax, e eventos, como o do pão com manteiga, que chamamos de “marcas de memória”, porque são elementos que remetem a um determinado momento e marcam a história do autor.

Ele, o meu pai, não se fez professor catequista. Acabada a instrução primária, voltou para Same. Enquanto aguardava pelo curso de Enfermagem fez-se agricultor de café e casou-se com minha mãe, oriunda de Fahinihan e falante de *laclei*. Receberam uma prenda dum padre açoriano, um petromax, que haveria de acompanhar toda a peregrinação familiar pelos recantos do território, iluminando o meu lar, os seus caminhos nocturnos, atrás dos suspiros dos moribundos e dos sopros dos nascimentos no exercício da tarefa de recuperador de vidas. (CARDOSO, Luis 2002, p. 15.).

A simbologia do pão com manteiga é interessante, pois era uma recompensa muito valiosa, pois era considerado comida de *malae* (como eram chamados os portugueses). Era um artigo de luxo, acessível a poucos, e, por isso, tinha um sabor todo especial para o menino Luis. Na passagem a seguir, do romance *Crónica de uma Travessia*, Cardoso narra essa experiência:

Mário Lopes quis inovar o negócio e mandou vir de Díli um padeiro branco e antigo militar português oriundo das Beiras, que logo começou com o desbaste de eucaliptos. Fazia autênticas razias e competia com as queimadas nativas para a agricultura. Era o Eanes que, finda a comissão militar, desposou mulher autóctone. Até aí, nem eu e nem meus colegas naturais da ilha tínhamos saboreado o pão. Era comida de *malae*. A nós, só nos restava a consolação de provar na comunhão o gosto da hóstia insossa. Queríamos o pão dos homens, redondo e esponjoso, mas davam-nos em sua substituição o pão de Deus, magro e proibido de ser mastigado. Vasco, o filho do desterrado, passou a aparecer todas as manhãs com a boca besuntada de manteiga e cheirando a pão matinal. No recreio retirava um guardanapo florido de rosas onde embrulhava pão com manteiga e enquanto comia ensalivava as nossas bocas e aumentava a nossa raiva por não sermos também filhos de desterrados. Um dia fez-se o milagre. Apareceu, prometendo recompensa, pão com manteiga,

para quem lhe fizesse a redação. Foi assim que, rebuscando histórias da Bíblia, à luz do petromax e na companhia dos visitantes nocturnos, fui ganhando o pão que diariamente cabia a cada um de nós. Soube mais tarde que a ideia era do desterrado que assim me atiçava o gosto pela escrita dando gargalhadas subversivas pela minha imaginação infantil. (CARDOSO, Luis, 2002, pp. 42-43.).

Todas essas “marcas de memória”, a que o autor recorre para narrar suas histórias, fazem parte de um discurso memorialista e são recursos da narrativa que trazem um discurso sobre o seu Timor pessoal. Tanto o petromax como o pão com manteiga marcaram de forma significativa a vida do autor, e o remeteram imediatamente à infância, que é o local “para onde regresso sempre que posso”. (CARDOSO, Luís, 2011. In: *Jornal de Letras*, n. 1.061, p.36.). Quando recorremos à memória, muitas vezes junto com elas vêm também cores, cheiros, sabores, que recriam um universo quase mágico ao qual somente nossas lembranças são capazes de nos transportar:

Toda a memória, relativamente à minha vivência em Timor, sobretudo à infância e adolescência, eu vou começar a partir dessas próprias experiências muito fortes, como é o caso do pão que pra mim foi, digamos assim, de tal forma que hoje eu digo sempre que o cheiro do pão com manteiga é uma coisa fabulosa pra mim. O cheiro da infância é o cheiro do pão com manteiga. E outros acontecimentos marcaram também; quando estou só, sempre regresso à infância.⁵

A questão da língua é também destacada no romance. Sua própria experiência é bastante curiosa: seu pai era um enfermeiro errante, falante de mambai, e sua mãe, falante de lacló. Adotaram, então, como língua oficial da casa, o tétum praça, língua oficial do

⁵ Entrevista concedida por Luis Cardoso à autora desta tese, realizada em junho de 2011 em Oeiras, Portugal.

Timor, juntamente com o português e bastante influenciada por ele. O exemplo dessa verdadeira “Torre de Babel” é bastante interessante e nos apresenta um território com falantes de diversas línguas (além das línguas locais, e do português, havia também o inglês, trazido pelos australianos, o japonês, herança da Segunda Guerra, e o bahasa indonésio, imposto durante a sangrenta e longa invasão indonésia) convivendo em um espaço único. O fato de o pai ser enfermeiro proporcionou a Cardoso conhecer muito bem as diversas regiões de Timor. Devido aos constantes deslocamentos que a família fazia por conta do emprego do pai, Cardoso teve a oportunidade de aprender diversas línguas, como ele mesmo aponta num trecho da entrevista já citada:

Sim, sim, conheci o Timor muito bem. E para além do Timor físico, também o Timor linguístico. Meu pai tinha que aprender as várias línguas porque como enfermeiro ele tinha que entender o que as pessoas sentiam. Então, na boleia do meu pai, também fui aprendendo as várias línguas. Fui me esquecendo de algumas, mas outras continuaram.⁶

Luís Cardoso mostra como a língua portuguesa se insere no contexto de seu país de origem e como ela é um elemento de ligação entre os diferentes grupos culturais e linguísticos. “Embora a escola fosse um local erigido no meio daquelas colinas, como um altar de sabedoria, com gente oriunda de diversas etnias e falantes de diferentes idiomas, o português era obrigatório, e sancionado com reguadas para quem transgredisse essa norma.”. (CARDOSO, 2002, pp. 53-54.).

A questão da língua portuguesa no Timor Leste é bastante interessante e amplamente discutida. Ela sobreviveu às constantes

⁶ Entrevista concedida por Luis Cardoso à autora desta tese, realizada em junho de 2011 em Oeiras, Portugal.

invasões do território como uma língua de resistência, usada pela FRETILIN e pelas outras organizações de resistência nas suas comunicações internas e no contato com o exterior.

A FRETILIN (Frente Revolucionária do Timor Leste Independente) foi fundada em 20 de maio de 1974, com o nome de ASDT (Associação Social-Democrata Timorense) e no programa do partido estava consagrada a independência, bem como um período de transição de três a oito anos com reformas de ordem social, econômica e política no sentido de uma democracia social. Pouco depois as posições radicalizaram-se, apoiadas nas ideias do sargento Nicolau Lobato, e a ASDT transformou-se na FRETILIN. Muitos timorenses associaram-se a esse partido, em oposição à UDT (União Democrática Timorense), devido às suas posições radicais. Após uma breve luta com a FRETILIN, em 1975, a UDT encenou um golpe de Estado, logo respondido pela FRETILIN com um contragolpe, que acabou por desencadear uma guerra civil, à qual a administração portuguesa não conseguiu fazer frente, abandonando a ilha. Em 28 de novembro, a FRETILIN tomou o poder e declarou a independência de Timor Leste. As FALINTIL, que eram as forças armadas, formaram-se nessa ocasião. Em 7 de dezembro desse ano, Timor foi invadido e ocupado pela Indonésia, e os membros da FRETILIN refugiaram-se nas montanhas, passando a desenvolver ações de guerrilha contra o invasor. No trecho a seguir, do romance *Crónica de uma Travessia*, Cardoso faz referência ao movimento de guerrilha, destacando o uso da língua portuguesa e do crioulo de Bidau:

Chegavam então de Timor os primeiros jovens pela mão da Cruz Vermelha e mostravam as chagas e as marcas da tortura. Citavam constantemente até ao abuso o nome do comandante da guerrilha. Como se fossem eles os mandatados do profeta recolhido na montanha. Imitavam os discursos políticos do líder e a inocência levava-os ao extremo de procurarem imitar os tiques e truques linguísticos do poeta e embrulhavam-se nas palavras e no enredo dos

discursos sem saber depois sair dos novelos com que construía a oratória. Falavam o português alternando o clássico com o de Bidau. Para eles a língua passava a ser um instrumento de combate. Não interessava a construção. Mais importante que a gramática era a denúncia do genocídio praticado pelo exercício indonésio em Timor. Eram acima de tudo missionários da causa. (CARDOSO, 2002, p, 147.).

Ainda sobre a questão da língua, podemos refletir acerca da importância e do porquê de Luís Cardoso escrever em português.

É claro que a principal razão para isso é de ordem prática: escrever em português tem muito mais alcance do que escrever em tétum.; escrever em português ou inglês acarreta uma maior divulgação da obra e uma literatura em tétum tem um alcance mais limitado. Então por que não escrever em inglês? Bom, uma das principais razões é aparentemente simples: apesar de estar geograficamente mais próximo da Austrália, Timor não apresenta tanta identificação com esse país. Na realidade, Timor identifica-se muito mais com Portugal, até por questões históricas.

Na entrevista que nos concedeu, ao ser perguntado sobre o porquê de escrever em português, Cardoso declarou ser esta uma escolha pessoal. Disse que escreve em português porque sente-se mais à vontade, apesar de considerar o tétum como sua língua materna. Foi em português que ele começou a escrever, e assim continuou. Escrever em português é além de uma escolha; é um processo quase que natural.

Primeiro, sinto-me mais confortável escrevendo em português. Tem um sabor especial para mim, a pão com manteiga. Comecei a escrever fazendo as redações para esse colega que me pagava com pão com manteiga. Obviamente, foi um gosto especial que fui criando e eu fui alimentando isso ao longo dos anos e agora tive uma oportunidade e comecei a escrever. Tenho uma relação afetiva muito grande. É como se estivesse casando com a língua portuguesa, quer dizer, foi uma escolha minha, pessoal. A gente casa com

quem a gente quer e eu casei-me com a língua portuguesa, embora eu consiga dizer que minha língua materna é o tétum, mas a língua portuguesa é a língua com a qual eu me casei.⁷

A personagem do pai é bastante significativa em *Crónica de uma Travessia*. A narrativa começa com o narrador indo se encontrar com o pai, que acabara de perder a memória depois de um AVC. É como se o acidente vascular do pai fizesse com que Cardoso começasse a narrar suas histórias. A falta de memória do pai acaba fazendo com que o filho recorra à sua própria memória, como num exercício para não perdê-la. Na confusão de memória, o pai já não sabia se estava em Lisboa ou em Timor:

Dias depois perdera-se da casa onde vivia e fora encontrado pela polícia vagueando pelas ruas da vila do Seixal. As autoridades disseram que falava uma língua estranha e procurava por alguém. De regresso a casa, contou que tinha ido à vila de Betano. Procurava por um parente distante que conhecera durante a guerra, mas o local estava diferente, os seus habitantes desaparecidos e as casa todas pintadas de branco e ocupadas por *malaes* que não sabiam falar *mambae*. (CARDOSO, Luis, 2001, p. 12.).

Na entrevista, Cardoso falou sobre esse episódio: “quando conto aquela história de ele ter se perdido e ir para uma zona chamada Seixal e que ele dizia que aquilo parecia Maubisse, mas os habitantes eram todos *malaes* e ele dizia ‘porque que agora só tem *malaes*?’”.⁸

É interessante a maneira como o autor descreve a senilidade do pai, que confunde as várias línguas que aprendeu e falou ao longo da

⁷ Entrevista cedida por Luis Cardoso à autora desta tese, realizada em junho de 2011 em Oeiras, Portugal.

⁸ Idem.

vida, e de como suas lembranças se perdem no extenso labirinto da memória.

Ele tinha por hábito ler um grosso dicionário da língua portuguesa. E eu achava que as palavras, enegrecidas pelos tumultos, haveriam de surgir à luz do dia, encadeadas umas nas outras. Mas o tempo da permanência no mato fê-lo esquecido do vocabulário. Quando falava, acrescentava, nas frases, palavras oriundas das várias línguas autóctones, que aprendera no tempo do exercício da tarefa de enfermeiro, para decifrar as maleitas que se escondiam por detrás dos idiomas dos enfermos. Às vezes reciclava também o inglês aprendido com os comandos australianos na Segunda Guerra Mundial. A amnésia fez ressuscitar a memória não requisitada. (CARDOSO, 2002, p.141).

Com a invasão indonésia, o pai de Luis ficou foragido, escapando da perseguição dos militares. Quando ele finalmente saiu do esconderijo, foi enviado para Portugal como exilado e acaba se perdendo no labirinto da memória. A ida para Lisboa é uma tentativa de recuperar a memória perdida, como se lá ele pudesse, durante a sua própria travessia, recuperar Timor, trazer de volta o seu Timor particular:

Como se ele próprio soubesse para o que vinha, embora oficialmente tivesse dito que queria recuperar a memória perdida num acidente vascular.

Parecia encantado com a longa jornada e ter permanecido no espaço, no voo transcontinental. Tive de socorrer-me da memória para o compreender. Fez-me lembrar o tempo da infância, em que depois da travessia marítima entre Díli e Ataúro, e findo o trajecto, não me pude aguentar em pé e tombei no chão, embalado pelas vagas do mar, mas satisfeito por ter pisado terra firme. Eu tinha a certeza de que ele, uma vez recuperado da travessia, haveria de ir buscar lentamente, ao refugio da memória, a lembrança desta terra que outrora me impingia como sendo verdadeira, na conjugação dos verbos, na soma da aritimética. (CARDOSO, 2002, p. 140.).

A figura do pai é a representação de um momento histórico; através dele podemos compreender melhor o momento político de Timor e como algumas pessoas lidavam com essa fase. As posições políticas do pai exprimem as convicções de grande parte dos timorenses, como, por exemplo, ser partidário do *mate-bandera-hum*, que é uma expressão em tétum que significa “morrer à sombra da bandeira portuguesa”; ou seja, quem defendia esse lema era partidário dos portugueses. A seguir destacamos dois trechos que apontam a figura do pai do narrador. A primeira é do romance *Crónica de uma Travessia*, e a outra é um trecho da entrevista de Luis Cardoso, já referida anteriormente:

Era membro da UDT e defensor convicto do *mate-bandera-hum*. Como tal, foi preso pela FRETILIN durante a guerra civil, depois da debandada dos dirigentes da sua formação partidária. Dizia que, embora tivesse sofrido maus tratos, consequência lógica de outros tantos infligidos aos militantes da FRETILIN pelos seus correligionários, que se haviam refugiado no outro lado da fronteira, protegidos por outra bandeira, esquecera todas as desavenças no cativeiro e no contacto diário com aqueles jovens, alguns mais comunistas do que outros, sacerdotes de ideais supremos e paramentados de guerrilheiros, uns sacrificadores, outros sacrificados, mas todos eles jurando as suas vidas pela causa e prometendo a terra prometida pelos mortos. Chorava de cada vez que se lembrava dos seus rostos e nomes. [...]. Os Japoneses haviam partido, faltando agora os Indonésios. Não sabia quando. Mas continuava *mate-bandera-hum*. Por isso dizia que se sentia no direito legítimo e inalterável de reivindicar o regresso de Portugal para recuperar a memória da maternidade, e os Timorenses, do nascimento.

Ele era meu pai. Descendente de famílias de Manufahi, uma terra cujo nome soava a terror e traição. (CARDOSO, Luis, 2002, p. 13.).

Ele era da UDT e foi preso pela FRETILIN, mas como era enfermeiro, os da FRETILIN o utilizaram, então ele sofreu no início, recebeu umas pancadas, como outros prisioneiros, mas depois começou a ter uma posição muito mais pró-FRETILIN. No fim da sua vida, quando

ele falava daqueles da FRETILIN que morreram, falava com lágrimas nos olhos, já não tinha ódio dessas pessoas que fizeram mal, ele tinha um certo amor, ele dizia que eram boas pessoas. [...] É, embora sendo de uma zona chamada dos revoltosos, que é Manufahi, mas ele depois, sendo funcionário, e provavelmente por causa da educação que ele teve em Soibada, passou a ser uma pessoa muito salazarista, ele dizia que falava com Salazar! Então eles assimilaram, acreditavam nessa teoria do Salazar, de que Timor é uma parte de Portugal, e eles acreditavam nisso fortemente: que não havia outra hipótese para Timor que não fosse a comunhão com Portugal. De tal forma que quando houve o 25 de Abril, eles achavam que os revoltosos eram traidores. Havia muita gente que pensava assim, e meu pai era um deles.⁹

Se levarmos em conta as palavras de Walter Benjamin quando afirma que “O cronista é o narrador da História” (BENJAMIN, 1972, p. 65), podemos dizer que, ao narrar suas próprias memórias, Luís Cardoso vai tecendo e nos apresentando a história de Timor, com seus mitos e lendas, sua diversidade cultural, étnica e linguística.

Considerado o primeiro romance lusófono de Timor, *Crónica de uma Travessia* aponta para a relação da oralidade com a escrita. Podemos afirmar que Luis Cardoso, por ser um escritor timorense de língua portuguesa, procura trazer os mitos do Timor para o idioma de Camões. Na realidade, ele tenta trazer a melodia do tétum para a língua portuguesa, na busca da criação de uma outra variedade de português, mesclado com tétum, ou um português tetunizado. Essa ideia, a que podemos chamar de multilinguismo, contribuiria bastante para a construção de uma comunidade com uma língua e uma identidade comuns. (GUNN, In: SILVA e SIMIÃO, 2007.). Assim como temos o português falado em Angola, em Portugal, no Brasil etc., devemos ter também uma variante de português falada em Timor. Uma das maneiras de se fazer isso é através da literatura, da palavra

⁹ Entrevista concedida por Luis Cardoso à autora desta tese, realizada em junho de 2011 em Oeiras, Portugal.

escrita. O registro desse novo português de Timor é fundamental, tanto na oralidade como na escrita, e é através dele que podemos perceber a construção e o estabelecimento das identidades nacionais. Entretanto, a força das palavras em cada língua é diferente. Segundo o próprio Luis Cardoso afirma, certas palavras só podem ser ditas em tétum e efetivamente assim deve ser. Na realidade, o que se deve procurar é um ponto de comunhão entre o tétum e o português, deve haver uma mescla entre as línguas, o que, na realidade, já está acontecendo, uma vez que muitos vocábulos do tétum são portugueses. Em alguns trechos da entrevista, Cardoso trata dessas questões:

Há certas frases que só têm graça ditas em tétum. Então eu vou utilizar mesmo em tétum para dizer algumas frases no meu próximo livro. Foi algo que eu não fiz nos outros livros, mas vou fazer. Por exemplo: *mate-bandera-hum* – morrer à sombra da bandeira portuguesa. Dizer isso em português não tem a mesma força do que dito em tétum. Uma coisa é dizer “morrer à sombra da bandeira portuguesa”, outra é dizer *mate-bandera-hum*, que é uma coisa mais afirmativa, mais assumida, uma coisa assim mística, é outra coisa, tem uma força tremenda, é diferente. Os timorenses têm que passar a dizer mesmo em tétum, tem mais força em tétum. [...] Eu acho que deve-se andar num sentido em que o tétum e o português, que já está a se fazer agora, caminhem para um ponto de comunhão. Quer dizer, haverá um certo ponto em que falando português ou falando tétum toda a gente entende. O tétum que se vai falar em Timor é um tétum com uma grande quantidade de vocábulos portugueses. E por que não podemos falar um português, digamos assim, tetunizado? Esse seria um ponto. [...] eu conheço pessoas que falam o português, que gostam de falar o português, falam o tétum muito bem e falam o português muito bem. Mas essa nova geração podia crescer nessas duas vertentes do tétum e do português, fazendo essa mistura, esse encontro. Eu acho que o português tetunizado, ou seja, trazer o português para o universo do tétum, com as suas metáforas, porque há metáforas que eu só consigo dizer em tétum. Então, é isso que se deve fazer, deve-se andar nessa direção. Agora, é uma questão de percurso. [...] tanto assim que o próprio tétum tem

palavras, quase metade do vocabulário, em português. Tu encontras garotos em Timor que nunca estiveram em Portugal, mas sabem falar várias palavras em português. É por isso que eu digo: há de chegar esse meio-termo, do português tetunizado, porque há um universo das palavras, do imaginário que não podemos transpor de uma língua para outra. Tem que haver essa busca pelo meio termo. Mas isso só com o tempo mesmo.¹⁰

Nesse romance inaugural de Timor, Luís Cardoso visa, a todo momento, à formação da memória nacional, uma nação construída no espaço literário. Como narrador de sua própria história e da história de seu país, de sua nação, ele “colhe o que narra na experiência própria ou relatada. E transforma isso outra vez em experiência dos que ouvem a sua história”. (BENJAMIN, 1972, p. 67.).

O romance procura construir uma memória nacional, através de uma narrativa que busque estruturar o mito de fundação, atendendo a uma necessidade histórica, a (re)construção de uma narrativa de origem. Ou seja, o resgate de um passado que não virou história, o resgate da história não oficial, daquilo que foi vivido, mas muitas vezes por motivos políticos, não foi registrado.

Um exemplo dessa história não oficial é a Guerra de Manufahi (Manufahi é um distrito de Timor, localizado na costa sul da ilha), que durou dois anos (1910-1912) e foi uma luta armada de alguns grupos de timorenses contra as autoridades portuguesas. Foi uma guerra que teve motivos nacionalistas: expulsar os portugueses de Timor. “Timor era para os timorenses.” Na realidade, por volta de 1895 o povo de Manufahi já se rebelava contra os portugueses. Desde tempos remotos que alguns reinos não aceitavam o domínio dos *malae*, como eram chamados os portugueses.

Obviamente, essa guerra teve também motivos políticos que remontam a 5 de outubro de 1910, quando se deu a implantação da

¹⁰ Entrevista concedida por Luis Cardoso à autora desta tese, realizada em junho de 2011 em Oeiras, Portugal.

república em Portugal. Os régulos timorenses, que sempre juraram fidelidade ao rei de Portugal, não aceitaram a mudança de regime e a troca da bandeira. Alguns *liurais* temiam que com o novo regime eles fossem destituídos e perdessem as regalias.

Não podemos deixar de lado os motivos econômicos que também contribuíram para a guerra, e o principal foi o aumento de impostos, ocorrido em 1911. A captação passou de uma para duas patacas; o corte de uma árvore de sândalo seria taxado de duas patacas, os coqueiros e o gado seriam recenseados e seria estabelecido um imposto de cinco patacas aplicado sobre os animais abatidos para as cerimônias sagradas. Por todos esses motivos, os régulos se rebelaram contra as autoridades e a guerra foi inevitável.

Apesar de não estar presente na narrativa de *Crónica de uma Travessia*, (a Guerra de Manufahi é tema de outro romance de Cardoso), é fundamental ressaltar a importância que as narrativas orais assumem na manutenção da memória de um povo. Por serem histórias transmitidas oralmente, como manda a tradição, pelos mais velhos que viveram realmente os fatos, essas memórias parecem ter mais autenticidade:

Timor é um país que tem uma memória de elefante. Todas as nossas tradições sempre foram transmitidas através de memória e as nossas bibliotecas eram as pessoas mais velhas, velhas não num sentido pejorativo, mas no sentido de pessoas que foram construindo, digamos assim, todo um acumular de memória, de experiências. Toda a história de Timor é uma história feita de pessoas que nos foram contando fatos, acontecimentos registrados nas suas memórias; muitos desses acontecimentos são fatos reais, que essas pessoas realmente viveram, e outros foram transmitidos por seus antepassados, através de histórias, de narrativas. Eu lembro-me bem, agora quando estive em Timor, fui falar com os meus tios, muitos deles já muito velhos, sobre as suas memórias sobre a guerra de Manufahi, que é um dos marcos da história da colonização de Timor. Podemos dizer que há um momento de Timor que foi antes da guerra e outro momento depois da guerra de Manufahi. Essa guerra

termina com as chamadas campanhas de pacificação. Obviamente as pessoas não podiam contar essas histórias, nunca registraram, porque havia uma história oficial contada pelos militares. Obviamente uma história de colonização. Mas havia outro lado da história que não relataram, que são mais precisamente essas histórias feitas pelos que estavam do outro lado. Essas histórias foram sempre contadas, mas não de uma forma tão aberta, pois as pessoas sabiam que se contassem seriam detidas. E mesmo entre nós, os timorenses, havia uma certa reticência em se falar disso. Eu lembro que agora em 2001, quando estive em Timor, fui falar com esses meus tios e, ao mesmo tempo, estava lá um delegado do CNRT que era um parente também. Ele chegou atrasado para falar comigo, e eu já estava a falar com meus tios sobre Manufahi. Assim que ele chegou, representando o poder, mesmo poderoso do CNRT, eles calaram-se, porque ele é autoridade. Quer dizer, há uma memória que é feita pelo não dito. E então essas memórias têm sido sempre transmitidas e eu tento um bocado através dos meus registros tentar... bom, não faço História, não sou historiador, mas tentar abrir certos caminhos que os historiadores possam pegar futuramente. É isso que eu faço. Por exemplo, a minha memória de Segunda Guerra Mundial, que vem no meu livro *Réquiem para um Navegador Solitário*, é uma memória transmitida pelo meu pai, que fez parte da resistência contra a ocupação japonesa em Timor, fazendo parte da resistência australiana, porque os portugueses mantiveram-se naquela de neutralidade e então muitos timorenses fizeram parte da resistência australiana. Ele foi contando muitas histórias, e uma das cenas mais terríveis que são contadas é que durante a ocupação japonesa havia umas milícias formadas pelos japoneses, que são chamadas Colunas Negras, que fizeram barbaridades. Durante esse período, os portugueses também formaram duas milícias, uma para a fronteira e outra para os lados de Maubisse, que foram reprimir as revoltas. Isso os portugueses nunca contaram, não vem nos fatos históricos contados. Então, neste meu livro, o *Réquiem para um Navegador Solitário*, eu falo disso sobre essas campanhas de punição, que foram reprimir as pessoas que se revoltavam. Obviamente, as pessoas, aproveitando-se duma situação que era a presença japonesa, aproveitaram para se rebelar contra as autoridades que lhes fizeram mal. Não foram propriamente revoltas contra os portugueses, mas contra as autoridades que lhes fizeram mal durante o período da colonização porque não era um movimento de libertação, um

movimento libertário; eram somente revoltas populares contra as autoridades que eram más. Então isso nunca vai nos documentos oficiais, só realmente através dessas pessoas que sobreviveram às guerras. Então, toda a história de Timor tem uma história oficial, que está escrita, mas há também essa memória não dita, não conhecida, transmitida oralmente, e que tem que servir de complemento para ver a outra face da história oficial.¹¹

Crónica de uma Travessia é um romance de diversas travessias: a pessoal do autor, a dos vários personagens e a do próprio Timor Leste, que acabam por culminar numa única Travessia. É um romance escrito a partir de relatos dessas muitas travessias, a partir do registro das memórias, da fusão de todas elas. É, portanto, tanto as Travessias da Memória como também as Memórias da Travessia.

É interessante perceber que, dentro de uma narrativa maior, todos os personagens do romance têm suas próprias travessias, e é através delas que o autor constrói a sua travessia, a sua memória, assim como nós. Afinal, não temos, todos nós, a nossa própria travessia?

¹¹ Entrevista concedida por Luis Cardoso à autora desta tese, realizada em junho de 2011 em Oeiras, Portugal.

CONCLUSÃO

As grandes navegações trouxeram consigo uma nova ordem mundial, na medida em que ampliaram o conhecimento do Ocidente acerca do Oriente. Até o início das expansões marítimas, o que se sabia sobre o Oriente era muito pouco, inclusive o conhecimento acerca do mundo era quase nulo, o *mapa mundi* nada tinha a ver com o que conhecemos hoje. Portanto, lançar-se ao mar em busca de novas terras foi mais que uma aventura, foi algo que acarretou uma mudança geográfica, física e política do mundo e alargou as fronteiras já existentes. Podemos dizer que as expansões marítimas e suas grandes descobertas foram os primórdios do que chamamos de globalização. Entretanto, mesmo com esse novo mundo que se abriu, as regras continuaram sendo ditadas pelo Ocidente, que sempre deteve o poder econômico.

Ao chegarem em Timor, por volta de 1515, visando o comércio do sândalo, os portugueses encontraram uma sociedade organizada em diversos pequenos reinos, com suas leis, línguas e culturas próprias. Tiveram, então, que se adaptar às regras preexistentes. Por ter uma posição político-estratégica muito boa e, mais tarde, terem sido descobertas jazidas de petróleo no território, o Timor Leste foi constantemente invadido, primeiro pelos japoneses, durante a Segunda Guerra numa ocupação que destruiu grande parte da ilha e deixou seus habitantes num estado de miséria, e depois pela Indonésia, que ocupou o território em 1975 e permaneceu por 24 anos, numa invasão também sangrenta e destruidora, na qual a língua portuguesa fora proibida e o bahasa indonésio imposto.

A consequência mais evidente desse fato foi a proibição da veiculação da língua portuguesa, quer nas escolas quer na mídia.

Entretanto, vale ressaltar que quando tiveram que escolher a língua oficial de Estado, os timorenses optaram pela língua portuguesa.

Timor Leste tornou-se independente em 30 de agosto de 1999. Por pressão da ONU e da opinião pública nacional, os timorenses finalmente tiveram o direito de votar pela autonomia ou pela integração à Indonésia. Nas urnas, decidiram-se pela autonomia. Com isso, depois de muita luta e inúmeras vidas perdidas, finalmente Timor Leste garantiu sua independência, tornando-se mais um país a fazer parte da ONU.

Como Estado, é ainda muito novo. Numa nação ainda em construção, o resgate da memória é fundamental, e uma das maneiras de registrá-la é através da literatura, que assume papel importantíssimo também no processo de afirmação de uma identidade nacional.

Todas essas invasões ao território fizeram com que o Timor sempre se reinventasse constantemente, numa tentativa de afirmação de identidade. Na realidade, o grande desafio timorense é, ainda hoje, a reconstrução e a afirmação da identidade. As questões que surgem são pertinentes ao desafio. O que significa ser timorense? O que é ser timorense? Qual a identidade que os timorenses querem construir? Não são perguntas simples e suas respostas não são fáceis nem podem ser respondidas de imediato. Tudo isso faz parte de um processo de construção, leva-se tempo até que esses conceitos se definam e a literatura faz parte desse processo. Achar uma literatura que identifique um povo, uma nação não é tarefa fácil.

Seguindo essa ideia, destacamos a importância de Ruy Cinatti e de Luís Cardoso nesse processo. Suas obras apontam para a importância de uma tomada de consciência no que tange às questões ligadas à identidade timorense, ou melhor, às identidades, já que não podemos ver o fenômeno da identidade sob um único prisma,

especialmente num território tão diversificado culturalmente como Timor Leste.

Com sua especial capacidade de amar a terra e o Homem, Cinatti é um dos poucos autores que articulam ciência e poesia e sua obra poética e seus estudos científicos se inter-relacionam. Com sua visão humanista, que integra todos os aspectos relativos ao ser humano, e dotado de intensa visão crítica, Ruy Cinatti apresentou, com sua obra, Timor ao Ocidente, especialmente a Portugal, contribuindo de forma significativa para a ampliação do conhecimento acerca dessa então colônia tão distante e desconhecida. Neste trabalho, pretendemos apresentar como é esse Timor descrito e apresentado por Ruy Cinatti, e como seus escritos inauguraram uma nova visão da ilha e de seus habitantes. Foi também nossa intenção mostrar como Cinatti antecipou questões que são fundamentais hoje, em relação ao meio ambiente e ecologia, como desenvolvimento autossustentável, preservação dos recursos naturais, processo de desertificação etc. Foi entre as décadas de 1950 e 1960 que Cinatti produziu e publicou a maior parte de seus estudos científicos, especialmente sobre o Timor. Esses estudos são o resultado das inúmeras viagens de reconhecimento que realizou pelo território, chegando até a descobrir uma espécie nova de pinheiro. Com efeito, em 1948 são catalogadas na Holanda duas plantas com o seu nome: o *Eucalyptus cinattiensis* e a *Justitia cinatti*.

A metáfora do mosaico se aplica muito bem a Timor, pois esse foi, desde sempre, um território altamente diversificado, com reinos independentes entre si e falantes de diferentes línguas. Apesar do território diminuto, Timor tem uma diversidade cultural enorme. Pensando nisso, procuramos levantar questões acerca do conceito de identidade, conceito esse por si só já bastante complexo. Buscamos discutir se é possível pensar em uma identidade única num povo originalmente tão diversificado. Foi também nossa intenção trazer à

tona a questão da língua portuguesa no Timor e as razões para sua escolha como língua oficial, junto com o tétum. Podemos dizer que no cerne dessa escolha estão inúmeras razões, mas que as principais são, sem sombra de dúvida, uma de caráter geopolítico-estratégico e outra devido à grande identificação que Timor sempre teve com Portugal, graças à presença portuguesa de mais de 500 anos na ilha.

Não é de espantar, então, que a literatura dessa nova nação que se estabelece seja em português. No entanto, o alto índice de analfabetismo em Timor e o consequente pequeno rol de autores são algumas das dificuldades que essa literatura enfrenta para um sólido estabelecimento e ampla divulgação. Entretanto, apesar de ainda muito poucos, há autores timorenses e também não timorenses que escrevem sobre Timor. Os dois autores estudados neste trabalho são representantes do que podemos chamar de “literatura de Timor” e de “literatura timorense”. Estes termos foram cunhados por João Paulo Esperança e sua diferença está na origem dos autores. Aqueles que são naturais de Timor, mesmo na diáspora, mas que escrevem sobre o país estão na categoria “literatura timorense”; já os autores que não nasceram em Timor, mas que o têm como tema de suas obras, fazem parte da categoria “literatura de Timor”. Acreditamos, porém, que Ruy Cinatti não se encaixa em nenhuma das duas categorias, mas ele estaria no meio delas, numa espécie de zona mista, já que era português, mas adotou Timor como sua pátria também, principalmente depois que fez o juramento de sangue com os *liurais* timorenses.

Já Luís Cardoso pode se inserir no que chamamos de “literatura timorense”. Mesmo vivendo na diáspora, o Timor é tema de seus romances, onde ele busca resgatar a memória através da história, muitas vezes da história não-oficial, ou seja, aquela que aconteceu, mas não foi registrada. O romance analisado nesta tese, *Crónica de uma Travessia*, é um relato autobiográfico, mas não é,

necessariamente, uma autobiografia. Esse é o primeiro romance do autor e é também considerado o romance inaugural de Timor. É uma narrativa de várias travessias: a do próprio autor, a dos diversos personagens e, por que não dizer, a do Timor. Cardoso vai narrando suas memórias tendo como pano de fundo a história do Timor. A partir das suas próprias experiências, a memória coletiva do país vai surgindo, numa reconstrução da história. Os elementos da tradição oral, muito importantes numa sociedade como a do Timor, que só conheceu a escrita depois da chegada dos portugueses, estão muito presentes na narrativa de Cardoso, onde vemos a preocupação em mantê-la.

Luís Cardoso escreve em português por opção pessoal, como ele mesmo afirma na entrevista. Entretanto, busca em seus romances um português com a estampa de Timor, ou seja, um português tetunizado, com características da língua timorense. Seria um português que incorporasse as particularidades do tétum, com suas metáforas e expressões. Pretendemos mostrar que a obra de Cardoso busca esse encontro, esse multilinguismo. Ao lermos o *Crónica de uma Travessia* notamos a preocupação do autor em registrar essa mescla, pois, como ele mesmo afirma na entrevista, certas expressões só podem ser ditas em tétum. De fato, certas metáforas e certas expressões ganham mais força quando ditas em determinada língua. Para além disso, a busca por essa mistura pode ser vista também como a busca pela própria identidade, isto é, criar um português tetunizado significa criar sua própria identidade.

Acreditamos que tanto as obras poéticas e científicas de Ruy Cinatti quanto os romances de Luís Cardoso têm sua parcela de contribuição para o estabelecimento dessa identidade nacional, principalmente através de uma memória que deve ser relatada para que não seja esquecida. Cinatti foi um dos primeiros autores a construir um discurso sobre Timor, especialmente com seus estudos

como antropólogo. Influenciado pela leitura de *A Ilha Verde e Vermelha de Timor*, de Osório de Castro, e impulsionado também pela leitura das obras de Alain Gerbault, entre outros, o então jovem Ruy Cinatti vê sua ida a Timor como uma espécie de missão e acaba desenvolvendo uma relação especial com a ilha e seus habitantes, com os quais ele passa a ter uma admiração e uma dívida de gratidão. De fato, ele costumava dizer que sua obra sobre Timor era a maneira que encontrava de agradecer a tudo de maravilhoso que aquela ilha quase esquecida nos confins do Oriente lhe proporcionou. Podemos afirmar que poucos estudiosos conheciam e (por que não dizer?) amavam Timor como Cinatti. Sua obra tornou-se referência quando o assunto é Timor Leste e influenciou outros autores, como é o caso de Cardoso, que declarou que foi influenciado primeiramente pelos estudos de Cinatti, para depois passar à sua obra poética.

Estudar esses autores e divulgar suas obras é fundamental para ampliar nosso conhecimento acerca de Timor, onde há ainda muita coisa para ser narrada. Timor tem muita história para contar. Não podemos falar em Timor Leste sem mencionar os dois autores. Timor está tão presente em seus escritos que chega a ser uma personagem, como se criasse vida.

Saber mais sobre essa ex-colônia portuguesa é saber mais sobre nós mesmos, e ao estudá-la mais a fundo, através dos autores que a representam, percebemos que temos muito mais em comum com essa ilha tão distante do que imaginamos.

Obviamente este estudo não termina aqui. Muitos caminhos se abrem. Os temas são muito amplos e, por isso, não foi possível abordá-los todos. Muitas lacunas ficaram por preencher e são material inesgotável e rico para futuros estudos.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, António de. *O Oriente de Expressão portuguesa*. Lisboa: Fundação Oriente, 1994.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ANTUNES, Ricardo Jorge. "O que é Timor? Língua e Literatura em Timor Leste.". (pp. 132 a 150.) In: SEIXAS, Paulo Castro e ENGELENHOVER, Aone: (orgs.). *Diversidade Cultural na Construção da Nação e do Estado em Timor Leste*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2003.

BARRETO, Luis Felipe. "O orientalismo conquista Portugal" (pp. 273 a 291), In: NOVAES, Adauto (org.). *A Descoberta do Homem e do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BENJAMIN, Walter. "O Narrador". In: *Os Pensadores*. Rio de Janeiro: Ed. Abril, 1972.

BONHEIM, Gerd. "A descoberta do homem e do mundo." (págs. 17 a 53). In. NOVAES, Adauto (org.). *A Descoberta do Homem e do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BORGES, Maria João. "A poesia como investidura." In: *Revista Ler*, n. 39. Lisboa: Fundação Círculo de Leitores de Lisboa, 1997.

BOXER, Charles. *As relações sociais no Império Colonial Português*. Porto: Edições Afrontamentos, 1997.

BROUSSEAU, Marc. "Geografia e Literatura." (pp. 17 a 77). In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Literatura, música e espaço*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2007.

_____. "O Romance: Outro sujeito para a Geografia." (pp. 79 a 121). In: CORRÊA, Roberto Lobato, e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Literatura, música e espaço*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2007.

BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CABRAL, Amílcar. *A Arma da Teoria*. Vol. I. Lisboa: Seara Nova, 1976.

_____. *Guiné Bissau: Nação Africana forjada na luta*. Lisboa: Nova Aurora, 1974.

CAETANO, Marcello (org). *Antologia Colonial Portuguesa*. Lisboa: Divisão de Publicações e Biblioteca Agência Geral das Colónias, 1946.

CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. Vol. II. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1927.

CAMPAGNOLO, Henri, e CAMPAGNOLO, Maria Olímpia Lameiras. "Timor Oriental: Estado-Mosaico de Línguas e de Sociedades a um tempo distintas, diferenciadas e inter-tradutíveis." (pp. 94 a 97). In: SEIXAS, Paulo Castro e ENGELNHOVER, Aone. (orgs.). *Diversidade Cultural na Construção da Nação e do Estado em Timor Leste*. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.

CARDOSO, Luís. *Crónica de uma Travessia: A época do Ai-Dik-Funam*. Lisboa: Ed. Dom Quixote, 2002.

_____. *Réquiem para o navegador solitário*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

_____. *Olhos de coruja, olhos de gato bravo*. Lisboa: Ed. Dom Quixote, 2001.

CASTELO, Cláudia. *O Modo Português de Estar no Mundo*. Porto: Edições Afrontamentos, 1998.

CASTRO, Alberto Osório de. *A Ilha Verde e Vermelha de Timor*. Lisboa: Edições Cotovia, 1996.

CINATTI, Ruy. *Obra Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional–Casa da Moeda, 1992.

_____. *Um Cancioneiro para Timor*. Lisboa: Editorial Caminho, 1996.

_____. *Motivos Artísticos Timorenses e sua Integração*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tropical/Museu de Etnologia, 1987.

_____. *Explorações Botânicas em Timor*. Estudos, ensaios e documentos IV. Lisboa: Ministério das Colónias – Junta de Investigações Coloniais, 1950.

_____. *De Timor*. Relatório apresentado à Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais. Lisboa, 1949.

_____. *Páginas de um diário poético*. Documento pertencente ao acervo do espólio do autor. Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, 1948.

_____. *Itinerário timorense*. Documento pertencente ao acervo do espólio do autor. Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, 1947.

_____. *A pescaria do Bé-Malai*. Documento pertencente ao acervo do espólio do autor. Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, 1964.

_____. ALMEIDA, Leopoldo de, MENDES, António Sousa. *Arquitectura Timorense*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Tropical/Museu de Etnologia, 1987.

_____. *Reconhecimento em Timor*. Relatório final do curso de Engenheiro Agrónomo - Parte I. Instituto superior de Agronomia. Universidade técnica – Lisboa, 1950.

_____. “Alguns aspectos de mudança social no Timor português.” In *Memoriam António Jorge Dias*. Instituto de Alta Cultura. Junta de Investigações Científicas do Ultramar. Lisboa, 1974.

_____. “Vocabulário indígena de algumas plantas timorenses”. In. “Garcia de Orta.” *Revista da Junta das Missões*

Geográficas e de investigações do Ultramar. Ministério do ultramar. Vol. II. nº. III. Lisboa, 1954.

_____. "Tipos de casas timorenses e um rito de consagração". In. Separata das "Actas do Congresso Internacional de Etnografia", promovido pela Câmara Municipal de Santo Tirso, julho de 1963. Junta de Investigações do Ultramar. Lisboa, 1965.

CORRÊA, Roberto Lobato, e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Literatura, música e espaço*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2007.

COSTA, Luís. "O Tétum, Factor de Identidade Nacional Leste-timorense.". (pp. 98 a 101). In: SEIXAS, Paulo Castro e ENGELENHOVER, Aone. (orgs.). *Diversidade Cultural na Construção da Nação e do Estado em Timor Leste*. Porto. Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.

DORES, Raphael das. *Apontamentos para um Dicionario Chorographico de Timor*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1903.

DUARTE, Teófilo. *Ocupação e Colonização Branca em Timor*. Porto: Ed. Educação Nacional, 1944.

ESPERANÇA, João Paulo Tavares. *Estudos de Linguística Timorense*. Aveiro: Sul-Associação de Cooperação para o Desenvolvimento, 2001.

_____. "Um brevíssimo olhar sobre a Literatura de Timor." In: *Várzea das Letras*, Edição 04. Suplemento Literário de Semanário. Ano 2003, 2004.

FELGAS, Hélio. *Timor Português*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1956.

GERBAULT, Alain. *O Navegador Solitário*. São Paulo: Editora Assunção, 1937.

GUNN, Geoffrey C. *Timor Loro Sae: 500 Anos*. Macau: Livros Oriente, 1999.

_____. "A ocupação indonésia de Timor-Leste: lições e legados para a construção do Estado na nova Nação." (pp. 40 a 62).

In: SILVA, Kelly Cristiane & SIMÃO, Daniel Schroeter (orgs). *Timor Leste por Trás do Palco*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro Editora, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBSBAWN, Eric, e RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HUYSEN, Andreas. "Passados presentes: mídia, política, amnésia." In: *Seduzidos pela Memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.

IANNI, Octavio. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2000.

JUNIOR, Benjamin Abdala. *De Vãos e Ilhas: Literatura e Comunitarismos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. *Literatura, História e Política*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

_____. "Timor, nos horizontes da língua portuguesa". (pp. 107 a 114). In. GARMES, Helder (org.): *Oriente engenho e arte: Imprensa e literatura de língua portuguesa em Goa, Macau e Timor Leste*. São Paulo: Alameda, 2004.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2001.

LEAL, Maria Luisa. "Autobiografia e memória em espaços literários pós-coloniais." In: IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada. Disponível em www.eventos.uevora.pt

LOPES, David. *Expansão da Língua Portuguesa no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII*. Porto: Editora Portucalense, 1969.

LUGARINHO, Mário César. "Trânsito por ruínas: Resistência e subjetividade na literatura na era da globalização". In: VIII Congresso Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, 2004.

MARCOS, Artur. *Timor Timorense. Com suas línguas, literaturas, lusofonia*. Lisboa: Edições Colibri, 1995.

MARTIN, Ian. *Autodeterminação em Timor Leste. As Nações Unidas, o voto e a intervenção internacional*. Lisboa: Quetzal Editores, 2001.

MAGALHÃES, António Barbedo de. *Timor Leste na Encruzilhada da Transição Indonésia*. Cadernos democráticos. Edição Gadiva. Coleção Fundação Mario Soares. Lisboa, 1999.

MENDES, José Manuel Oliveira. "O desafio das Identidades". In: SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

OLIVEIRA, César. *Portugal. Dos quatro cantos do mundo à Europa: A descolonização (1974-76)*. Lisboa: Edições Cosmos, 1996.

PEREIRA, Dulce. *Os crioulos de base portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 2007.

ROCHA, Carlos Vieira. *Timor: Ocupação Japonesa Durante a Segunda Guerra Mundial*. Lisboa: Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1996.

SAID, Edward. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

_____. *Reflexões sobre o exílio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SACCHETTI, Maria José. "Os têxteis de Timor Leste". In: "Ar: Cadernos da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa – Timor Leste".nº. 3. Janeiro de 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. "Entre Prospero e Caliban: Colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade". In: RAMALHO, Maria Irene e RIBEIRO, António Sousa (org.). *Entre Ser e Estar: Raízes, percursos e discursos da Identidade*. Porto: Edições Afrontamento, 2001.

_____. *Pela mão de Alice: O Social e o Político na Pós-Modernidade*. Porto: Edições Afrontamento, 1995.

_____. "Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências" In: *Conhecimento Prudente para uma vida Decente: Um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

SAÚTE, Nelson (organização e prefácio). *Nunca mais é sábado: Antologia de Poesia Moçambicana*. Lisboa: Dom Quixote, 2004.

SCHOUTEN, Maria Johanna. "A prática de um ideal: "Civilização" e a presença colonial portuguesa em Timor." (págs. 27 a 39). In: SILVA, Kelly Cristiane & SIMÃO, Daniel Schroeter (orgs). *Timor Leste por trás do palco*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

SECCO, Lincoln. *A Revolução dos Cravos*. São Paulo: Alameda, 2004.

STILWELL, Peter. *A Condição Humana em Ruy Cinatti*. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: O narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

THOMAZ, Luís Felipe F. R. *De Ceuta a Timor*. Lisboa: Difel. Difusão Editorial, 1994.

_____. *A Arte popular em Portugal. Ilhas adjacentes e ultramar*. Editorial Verbo. Vol. 3. Lisboa, 1975.

Revistas e jornais:

COSTA, Luís. O Tétum, fator de Identidade Nacional. **Camões: Revista de Letras e Culturas Lusófonas**. nº 14. Instituto Camões, Lisboa, Julho/setembro de 2001.

FELGUEIRAS, João. As Raízes da Resistência. **Camões: Revista de Letras e Culturas Lusófonas**. nº 14. Instituto Camões, Lisboa, Julho/setembro de 2001.

GUNN, Geoffrey. Língua e Cultura na construção da Identidade de Timor Leste. **Camões: Revista de Letras e Culturas Lusófonas**. nº 14. Instituto Camões, Lisboa, Julho/setembro de 2001.

HULL, Geoffrey. Língua, Identidade e Resistência. **Camões: Revista de Letras e Culturas Lusófonas**. nº 14. Instituto Camões, Lisboa, Julho/setembro de 2001.

MATTOSO, José. Sobre a Identidade de Timor Lorosa'e. **Camões: Revista de Letras e Culturas Lusófonas**. nº 14. Instituto Camões, Lisboa, Julho/setembro de 2001.

RUAK, Taur Matan. A importância de língua portuguesa na resistência contra a ocupação indonésia. **Camões: Revista de Letras e Culturas Lusófonas**. nº 14. Instituto Camões, Lisboa, Julho/setembro de 2001.

SACCHETTI, Maria José. Os têxteis de Timor Leste. **Ar: cadernos de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa**. nº 3. FCT – Fundação pra a ciência e tecnologia. Lisboa, Janeiro de 2004.

CARDOSO, Luis. Aqui embaixo é tudo azul. **Jornal de Letras**. Ano XXXI, nº. 1061, 2011.

CINATTI, Ruy. Gente que Timor não esquece. **A Voz de Timor**, de 15 de junho de 1972.

“Camões: Revista de Letras e Culturas Lusófonas”. nº. 5.
Instituto Camões, Lisboa, Abril/Junho de 1999.

Sites consultados:

www.ipn.pt

www.republica.pt

www.nodulo.org

www.wikipedia.pt

www.oocities.org

www.timordenorteasul.blogspot.com.br

www.instituto-camoes.pt

www.nationalgeographic.pt

www.easttimorpress.com

www.uevora.pt

www.filologia.org

www.app.pt

www.umalulik.blogspot.com.br

www.passoeducativo.blogspot.com.br

www.jpesperanca.blogspot.com